



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de posse dos novos ministros de Estado**

**Palácio do Planalto, 03 de abril de 2006**

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,  
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa  
Civil,

Meus companheiros ministros que permanecem no governo,

Meus companheiros ministros que saem do governo,

Meus companheiros ministros que entram no governo,

Não vou precisar ler o nome de todos, porque as pessoas estão vendo  
vocês. A imprensa já publicou quem sai e quem entra desde sexta-feira, até  
antes de eu decidir, já estavam sendo publicados alguns nomes.

Mas eu queria aproveitar este momento, que é um momento de  
agradecimento. Agradecimento aos companheiros que, por razões de caráter  
político, de caráter partidário, resolveram se afastar do governo para cumprir a  
lei. Se não existisse a lei, todos eles permaneceriam como ministros, mas quer  
a lei no Brasil que alguém que ocupa um cargo público e quer se candidatar a  
outro cargo público no Poder Executivo, tem que se afastar até o dia 31 de  
março.

Eu queria agradecer, porque somente quem conviveu com vocês esse  
período que eu convivi, sabe o trabalho que cada um de vocês desempenhou  
na área em que vocês estavam com a responsabilidade.

Eu queria, em primeiro lugar, dizer ao meu companheiro, soldado da  
República, sempre disposto a assumir as grandes responsabilidades do país, o  
companheiro José Alencar, que esteve dando seqüência a um trabalho que o  
Viegas tinha começado no Ministério da Defesa, fazendo algumas coisas que



eu considero extremamente importante: a condução primorosa do Ministério, que consolidou e aprofundou a integração das Forças Armadas, em apoio ao desenvolvimento econômico e social do país; lutou pelo reaparelhamento, sobretudo na questão dos Caças; a expansão da área do Calha Norte; e deu, com entusiasmo extraordinário, com a nossa Aeronáutica e com o governo, uma força imensa para que a gente hoje pudesse ter um homem a 350 quilômetros de altura, olhando todos nós de muito distante.

Um Serviço Militar na Amazônia, 1.071 médicos, dentistas, farmacêuticos e veterinários de várias especialidades, numa parceria Defesa, Saúde e Educação. Uma coisa importante que aconteceu foi a retomada do projeto Rondon. O projeto Rondon, que tanto bem tinha feito a este país, que sem nenhuma explicação foi extinto e que nós resolvemos, por bem, fazer com que ele voltasse depois de 14 anos. Já 700 universitários participaram em 40 municípios.

Sabe o nosso brigadeiro Bueno, do prazer que todos nós sentimos com a volta do nosso Correio Aéreo Nacional. Possivelmente quem nasce, aqui, na Esplanada dos Ministérios, quem nasce em São Paulo, Rio de Janeiro, em Manaus, morando na capital, perto do aeroporto, não saiba o significado do Correio Aéreo Nacional. E foi com o entusiasmo do nosso Ministério da Defesa que nós conseguimos fazer com que o Correio Aéreo funcionasse, primeiro, internamente no Brasil, agora na América do Sul e, logo, logo, no Continente Africano, fazendo com que a gente jogue um papel além das fronteiras brasileiras para ajudar as pessoas mais necessitadas.

De 2003 a 2005, milhares de jovens adentraram às Forças Armadas Brasileiras como recrutas, mas como recrutas especiais, como recrutas além do número de recrutas normais convocados todos os anos pelas Forças Armadas, que nós denominamos “Soldado Cidadão”, jovens que durante o ano que estiveram servindo às Forças Armadas Brasileiras... e, este ano, serão – se não me falha a memória, José Alencar e general Albuquerque – 100 mil



jovens, o dinheiro está no Orçamento, para que a gente possa não apenas fazer com que esses jovens engrandecem as nossas Forças Armadas, dela participando, mas, também, que esses jovens possam sair com a alta dosagem de disciplina, formação profissional, recuperando um pouco das dívidas que temos com a juventude brasileira.

Finalmente, me parece que nós concluímos o Sistema Sivam, sistema esse cada vez mais prestigiado não apenas pelos brasileiros mas, sobretudo, pelos países que fazem fronteira com o Brasil que precisam de parcerias com o Brasil para poder melhor vigiar a nossa Amazônia. Portanto, meu caro José Alencar... Quando o José Alencar assumiu o Ministério da Defesa eu disse uma palavra para o José Alencar que o fato de eu colocá-lo no Ministério da Defesa é que eu queria demonstrar tanto às Forças Armadas quanto à sociedade brasileira que eu estava colocando o segundo homem da República para dirigir a área da Defesa, numa demonstração de que não era um Ministério inferior, um Ministério menor do que os Ministérios que tradicionalmente nós conhecíamos. E ninguém, meu querido José Alencar, melhor do que você para dar essa dimensão ao Ministério da Defesa. Por isso, meus agradecimentos à sua passagem pelo Ministério da Defesa.

Meu querido Waldir Pires, ele foi o nosso decano, hoje aqui falou em nome dos ministros, mas a impressão que eu tenho, Waldir, é que a sociedade brasileira ainda não foi informada corretamente pela imprensa brasileira do trabalho feito na Controladoria-Geral da República, essa é a impressão que eu tenho. De todos os informes que nós recebemos em todas as vezes que nós conversamos, as coisas que me são mostradas, feitas pela Secretaria, a gente não tem dimensão. Possivelmente, Waldir, por uma decisão que tomamos antes de você tomar posse, antes do Waldir tomar posse na Controladoria, eu disse ao ministro Waldir Pires que o importante era que nós não saíssemos por aí fazendo denunciismo contra qualquer prefeitura em que encontrássemos qualquer erro. Não era o objetivo nosso mandar prender um prefeito ou



alguém que tivesse utilizado mal os recursos públicos transferidos para o município. A nossa idéia era corrigir, permitir que não mais houvesse esses erros. E foram investigados 981 municípios em três anos, isso significa quase 20% do total dos municípios brasileiros. E todos eles foram investigados com base num sorteio feito pela Loteria Federal. Eu tive o prazer de ir lá ver as bolinhas caírem, e saber quais eram os municípios que seriam escolhidos, para evitar que houvesse qualquer insinuação de que nós estávamos investigando mais cidades desse ou daquele partido político. Aliás, seria importante que os deputados, de todos os partidos, pudessem ir, no dia do sorteio, para ver como é que acontece o processo de investigação.

Em cada edição foram escolhidos 60 municípios, e o montante de recursos fiscalizados até agora foi de 5,6 bilhões de reais e realizadas mais de 7 mil e 500 auditorias. O que é importante nesse trabalho feito pela Controladoria é o trabalho de, se tiver um erro, encaminhar para o Ministério Público, orientar, ajudar o Prefeito a não cometer o erro, porque sabe o Dr. Waldir que tem erros primários, erros de falta de informação, erros de falta de formação, e eu acho que isso, certamente, mudará a administração pública brasileira num futuro muito próximo. Ainda temos muito a fazer, mas eu penso que nós demos uma nova dimensão a nossa Controladoria-Geral da República.

O meu companheiro Jaques Wagner – só lembrar que o Wagner, antes de vir para o nosso Conselho de Desenvolvimento e para a coordenação política, ele era o coordenador do Conselho... foi Ministro do Trabalho – eu penso que quem conviveu com o Jaques Wagner, dentro e fora do governo, sabe do que um baiano é capaz, um carioca naturalizado baiano, porque é um pouco isso Jaques Wagner. Eu, que vivi o resultado das negociações feitas com o Congresso Nacional, e vocês sabem que essa convivência, por mais democrática que seja, com o Congresso Nacional, ela é sempre muito difícil, porque são difíceis as relações políticas no mundo democrático, em qualquer país do mundo, mas eu só peço a Deus que o nosso companheiro Tarso Genro



consiga fazer o que você fez. Eu vou torcer para ele fazer mais e melhor que você, até porque ele já tem a trilha que foi aberta num primeiro momento pelo José Dirceu, depois pelo Aldo, depois por você e o Tarso está pegando o caminho meio asfaltado, agora, podem acontecer novas coisas para serem feitas nessa relação política.

Eu quero agradecer o companheiro Agnelo Queiroz, quero agradecer porque eu vivi muito de perto o Ministério do Esporte porque, como todos vocês sabem, eu sou um afeiçoado do esporte. Não me tornei profissional porque tive que fazer uma opção pela política, mas o Ministério do Esporte tem um programa que, certamente, nem todos os ministros conhecem, nem todos os deputados e senadores conhecem, e eu acho que era importante que vocês conhecessem um programa chamado Segundo Tempo. Era importante que os deputados e senadores se interessassem em conhecer que os outros ministros procurassem conhecer, que a imprensa procurasse conhecer, porque é o maior programa de inclusão de jovens já feito na história deste país.

São mais de milhões de crianças e adolescentes que se estudarem de manhã vão poder praticar esporte à tarde, e se estudarem à tarde vão poder praticar esporte de manhã, em convênios com entidades, com ONGs, com times de futebol. Esta semana estive em Guarulhos, e só em Guarulhos são 30 mil crianças e adolescentes. Fui com o Ministro à Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, anunciar, numa parceria com a ONG Viva Rio, 50 mil jovens envolvidos na prática do esporte, e eu espero que essa massa humana de crianças e adolescentes, participantes do esporte, leve todo o nosso pessoal da terceira idade a entender que se é verdade que nós viramos criança quando passamos dos 60, está na hora da gente também ser incluído no Segundo Tempo ou Terceiro Tempo, como queiram chamar os mais otimistas.

E o trabalho que fez o nosso ministro para garantir o sucesso dos Jogos Pan-Americanos. Os Jogos Pan-Americanos vão ser em junho do próximo ano, mas se não fosse o trabalho abnegado do nosso ministro de Esporte, com a



“paciência de Jó” da nossa companheira Dilma, com a participação do nosso Ministro da Justiça, do nosso Ministro da Fazenda, da Caixa Econômica Federal, a gente não teria ontem a certeza que nós temos hoje, porque está consolidado, o dinheiro disponibilizado, e eu acho que nós vamos ter uns Jogos Pan-Americanos de tamanha qualidade, pela qualidade de todo o complexo esportivo e a Vila Olímpica, que nós vamos nos credenciar para um dia trazermos para cá uma Olimpíada.

Eu acho que é a primeira grande oportunidade que o Brasil tem de provar ao mundo que na hora que nós temos responsabilidade, nós sabemos assumir. Eu acabo de falar com o Ricardo Teixeira, agora, que veio me trazer uma carta do Presidente da Fifa. E eu disse para o Ricardo Teixeira que nós precisamos trabalhar o dobro do que trabalhamos até agora para que a gente possa trazer novamente uma Copa do Mundo para o Brasil, quem sabe a de 2014. Nós temos ainda, os mais velhos, da minha idade, têm ainda a imagem da Copa de 50 na cabeça. Eu nem tanto, porque lá em Garanhuns, com sete anos de idade eu não ouvia rádio, não tinha televisão, obviamente, mas depois, na televisão, eu vi muitas imagens da Copa. E não é possível que um país pentacampeão do mundo, durante décadas a melhor seleção do mundo, porque perdemos uma Copa em 50, não tenhamos trazido outra para cá. E essa nós vamos trazer enquanto somos vivos, para a gente poder ganhar essa Copa aqui, não sei se no Maracanã ou num estádio novo que nós vamos fazer. O Corinthians deve fazer um estádio novo e quem sabe seja lá a final. Porque o Morumbi já está cansado, na Vila Belmiro está difícil, o Maracanã precisa ser recuperado, mas de qualquer forma eu acho que o Brasil, mais do que ninguém, vai ter que fazer essa Copa aqui.

E eu quero dizer para vocês, os deputados, por favor, falta pouquinho coisa para votar o Projeto de Lei Time Mania, que está lá no Congresso Nacional. Esse projeto foi uma celeuma enorme para que a gente pudesse provar para muita gente que é possível a gente recuperar os times de futebol



brasileiros, que não são apenas times de jogar futebol, são, na verdade, complexos culturais, porque achar que o Flamengo é um time de futebol é diminuir o que representa o Flamengo, o Vasco, o Botafogo, o Fluminense, o Corinthians, o Palmeiras, o São Paulo, o Bahia, o Vitória e tantos outros. Então, vocês, por favor, dentre todas as coisas importantes que vocês vão votar, votem o Projeto de Lei Time Mania.

Estamos preparando um outro que eu vou dizer logo aqui, Dilma, para quando chegar lá. É um projeto criando uma espécie de Lei Rouanet para o futebol, para o esporte amador neste país. O que acontece é que as empresas adoram patrocinar jogador famoso, aí fica fácil. Agora, patrocinar pessoas que estão começando, patrocinar atletas da Paraolimpíada, o companheiro que vem aqui, (inaudível), que vão para lá, que ganham quatro ou cinco medalhas de ouro. O Clodoaldo, que é recordista de medalha de ouro, ninguém ia quer patrocinar se ele não tivesse ganho oito medalhas de ouro.

Então, fica por conta da Caixa Econômica, do Banco do Brasil e da Petrobras? Não, é preciso que a iniciativa privada brasileira entre nessa jogada, principalmente este ano que a gente vai ter o Pan e que precisamos ganhar.

Meus parabéns, Agnelo, e obrigado.

Uma coisa importante aqui é que eu, desde que era candidato, há muito tempo atrás, eu nunca consegui entender porque o Brasil não tinha alguma coisa que cuidasse especificamente da pesca. A pesca estava historicamente ligada ao Ministério da Agricultura. Acontece que o Brasil tem milhares de quilômetros de costa marítima, e a gente não tinha uma coisa que em cada país pequeno que eu vou tem, ou seja, tem países que o pedaço de mar é quase do tamanho do Lago Paranoá e eles têm Ministério da Pesca. E nós, com essa imensidão de água, com essa imensidão de mar, a gente não tinha. E foi um desafio, e eu quero agradecer ao meu companheiro Fritsch, que não estou vendo, está ali, perto do Ciro, do Saraiva, quero agradecer. Eu sei da



dificuldade, mas sei do empenho e sei do que foi feito. Se não bastasse uma coisa que foi criada, pois quando a gente come peixe a gente não pergunta quem pescou, não pergunta o sacrifício, vem na mesa, frita, come, não quer saber o que aconteceu antes, mas os pescadores, neste país, eram muito maltratados. E foi graças à criação da Secretaria que nós conseguimos aprovar o Seguro Defeso e na época em que o pescador não está pescando, ele vai receber o salário-desemprego.

Da mesma forma o recadastramento. Foram milhares e milhares de pescadores que não tinham cadastramento, que viviam sem nenhuma legalidade neste país, todos estão sendo cadastrados, uma maioria já foi cadastrada, aproximadamente, eu não sei se 400 mil, mas a maioria está sendo cadastrada. Em cada lugar do Brasil em que eu chego, as pessoas me mostram as carteirinhas de pescador dizendo que estão cadastradas.

A questão da frota pesqueira que nós fizemos, que está financiando as embarcações para pequenos e para grandes pescadores. Eu tive a oportunidade de ir em Itajaí inaugurar um barco de pescar atum, financiado pelo BNDES, isso praticamente inexistia. Recuperamos uma parte do dinheiro da Marinha Mercante. E isso, Fritsch, só foi possível porque a gente tinha uma Secretaria Especial.

O Roberto, que é nosso ministro da Agricultura, se estivesse subordinado ao Ministério da Agricultura, como sempre esteve, ou seja, a pressão que ele sofre quando tem uma seca, dos produtores, de tantos outros produtos brasileiros, certamente não teria sofrido pressão dos pescadores porque deu seca no rio Amazonas também. Mas eu acho que foi extremamente importante consolidar a idéia do Ministério. Meus agradecimentos e boa sorte na sua nova empreitada.

Meu querido companheiro Ciro Gomes, ministro do Desenvolvimento e Integração Nacional. Bem, eu acho que o Ciro dentre todas as coisas que ele tinha que fazer, eu dei dois projetos especiais para que o Ciro pudesse tomar



conta. Um foi de construir a engenharia financeira para que nós pudéssemos fazer a Ferrovia Transnordestina. E também uma incumbência que já tinha sido levado à cabo pelo vice-presidente José Alencar, que era a elaboração do projeto de revitalização do Rio São Francisco. As duas coisas estão prontas, lamentavelmente você saiu antes de poder... Hoje eu fui comunicado pelo Brito que vai ter uma reunião esta semana com as partes e, possivelmente, no final do mês, nós já podemos ter a obra da Ferrovia Transnordestina, você será convidado, não será Ministro. E a questão do São Francisco, nós estamos aguardando uma liminar que está no Superior Tribunal de Justiça ou no Supremo Tribunal Federal e vamos aguardar para ver como é que a gente faz.

Queria ressaltar aqui uma outra coisa importante. Os Fundos Regionais nunca aplicaram, nem de perto, a quantidade de recursos que foram aplicados na sua gestão. Eu digo isso porque se olhar o dinheiro que tinha no BNDES, ou melhor, no BNB e no Basa, dos Fundos Constitucionais, a gente vai perceber que de um ano para outro, nós pulamos de 250 milhões para dois bilhões e meio. E isso deve ter no relatório que o Ministério deve entregar, até porque isso será uma peça importante para os front que você vai ter daqui para frente. Queria dizer para vocês uma coisa reconhecida pelos prefeitos, mais recentemente pelo governador Eduardo Braga e pelo governador Jorge Viana, que quando teve a enchente no estado do Acre, e quando teve a seca no estado do Amazonas, os dois governadores – eu nem te disse isto, Ciro – os dois governadores me ligaram para dizer que a competência e funcionamento da Defesa Civil é de merecer muitos elogios, porque há muito tempo que a gente não tinha Defesa Civil sendo levada a sério neste país. Portanto, Ciro, meus parabéns e meus agradecimentos.

Meu querido companheiro Saraiva Felipe. A área da saúde, muita gente pensa que é fácil porque tem muito dinheiro, é verdade, mas também tem tanta gente de olho no dinheiro do Ministério da Saúde, que se a gente for gastar em tudo que as pessoas pensam que deva gastar, a gente vai perceber que é



pouco. Mas os números estão colocados e todo mundo vai poder perceber o seguinte: alguns números importantes, quando nós tomamos posse, o Ministério da Saúde, gastava não, investia em dinheiro, para distribuição gratuita no SUS, por volta de 1 bilhão e 900 milhões de reais.

Quando o Saraiva, na última semana, perto do seu afastamento... nós estamos investindo aproximadamente 4 bilhões, não chega a 4 bilhões e meio, são 4 bilhões, 414 milhões de reais. Em 2003 significava 5,8% do Orçamento da Saúde, hoje significa 11,6% do orçamento da Saúde com distribuição gratuita de remédios. Além disso, nós criamos a Farmácia Popular, 126 já estão em funcionamento em várias partes do Brasil e mais recentemente acabamos de anunciar, ao Brasil inteiro, o convênio com as redes de farmácias, totalizando 1.213 farmácias, além das 126 farmácias populares, que estão vendendo... a farmácia popular, construída pelo governo, vende aproximadamente 96, 95 tipos de remédios. Na farmácia popular conveniada com a rede de farmácias, é importante lembrar aqui, qualquer farmácia do Brasil que quiser entrar, pode entrar, basta comunicar ao Ministério da Saúde, cumprir as exigências legais e estará apta a vender dois tipos de remédios, ou melhor, alguns tipos de remédios para duas doenças graves, para hipertensão, para vocês que não andam, viu Paulinho, precisa andar de manhã, senão vai ter que tomar "Captropil", vocês estão precisando andar de manhã, e para diabetes. Esse programa Saraiva, eu quero te dizer que é uma pequena revolução na área da saúde.

Uma pessoa que é diabética e que precisa tomar insulina todo dia e que gastava por mês por volta de 111, 112 reais, agora vai comprar toda a sua necessidade de insulina, por apenas 11 reais. Significa que vai gastar, num ano, aquilo que gastava num mês. Ontem o Waldir Pires me dizia... o Waldir Pires, pela juventude dele, me dizia que tem que tomar um daqueles remédios que vocês colocaram lá e que ele gastava, em média, 60 comprimidos por mês, e em média precisava gastar 30 e poucos reais, isso foi no sábado, eu falei:



Waldir, na segunda-feira, você tem a obrigação de procurar uma farmácia popular aqui em Brasília e você vai perceber que os teus 30 reais por mês vai significar apenas 3 reais por mês, ou seja, é o único ministro que está recebendo aumento de salário sem que a Câmara consiga aprovar porque está economizando na compra de remédio.

Acho que além do aumento do número de pessoas que trabalham no programa “Saúde da Família”... tem um programa na saúde que é a coisa que quem é nordestino, aqui deve ter muita gente nordestina, mas é o “Brasil Sorridente”. Esse “Brasil Sorridente” sem dúvida nenhuma, quando estiver concluído e a população brasileira estiver utilizando, vai ser um programa de inclusão bucal, porque todo mundo sabe que no Brasil quem tem acesso a tratamento odontológico são setores de classe média que podem pagar, porque o pobre muitas vezes é marginalizado porque não tem, não tem nas prefeituras, não tem nos sindicatos, não tem nos convênios médicos, e o nosso “Brasil Sorridente” permite que o filho da pessoa mais pobre deste país e também o filho da pessoa mais rica, porque não pedimos carteira profissional, não queremos saber quanto que a pessoa ganha por mês, portanto, se chegar um diretor do Banco Itaú lá, e chegar uma pessoa mais pobre deste país, os dois vão ser atendidos, sem ninguém perguntar quanto ganham, vão fazer tratamento odontológico, vão utilizar aquele negócio, fazer ortodontia, que é aquela coisa chique, que é aquele monte de ferrinho na boca, de correção, que só uns poucos poderiam utilizar. Hoje, qualquer um pode fazer. Além de tratamento de canal. Tratamento de canal, vocês estão rindo, porque hoje virou uma coisa mais ou menos simples, mas eu fui diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, lá em São Bernardo do Campo e eu cuidava, um tempo, eu cuidava da parte médica. Acontece que, naquele tempo, só arrancava, o tratamento normal era obturação e extração. E tinha um negócio que era o seguinte, quando você voltava, na segunda-feira, você perdia o dia. Então, se você levasse um atestado de um dentista, você ganhava o dia. Então, o



companheiro chegava lá e falava: “arranca um dente.” Tinha gente arrancando até dente de prótese, que era para levar um atestado para a fábrica e ganhar o dia.

Esse é um programa que eu tenho um carinho todo especial, além das pessoas que nós recontratamos para fazer justiça, além das equipes de saúde bucal. Então, eu quero te agradecer Saraiva, primeiro, pela lisura de dar continuidade a muitos programas que a gente tinha começado sem tentar inventar nada novo. Essa é uma coisa marcante num administrador público. É perceber as coisas que estão andando, tocar o barco e não tentar parar e começar coisas novas. Você tocou e tocou de forma extraordinária os programas e tem muito mais coisas para a gente ainda anunciar, tem coisa para anunciar que você deixou, que o novo ministro vai ter que anunciar e tocar. O que é importante é que não haverá bola atrasada para o goleiro, ou seja, no nosso time agora nós já sabemos que tem que jogar para o gol do adversário. Fazer como o São Paulo fez ontem, o Santos atrasava toda hora para o goleiro, não dá certo. Nosso negócio é jogar para a frente, a nossa defesa é o ataque. Bem, então eu quero agradecer Saraiva. Certamente as pessoas sabem.

Meu querido companheiro Miguel Rossetto, essa é uma área que não é fácil, uma área conflituosa, mas os números que você vai poder utilizar nesse novo front da tua vida política, vai permitir que a gente veja o que foi feito neste país. Eu ousou pedir para os curiosos e para os estudiosos analisarem se em algum momento da história da relação Estado brasileiro com os movimentos sociais do campo, se em algum momento houve o tratamento de respeito que tem havido no nosso governo.

Sem dúvida nenhuma nós não conseguimos fazer tudo aquilo que pensávamos, mas, com os olhos fechados, eu duvido que alguém tenha feito mais do que nós em qualquer área, desde o dinheiro do Pronaf à assistência técnica, desde a educação à questão da energia. Eu não tenho dúvida, por



isso, Rossetto, eu acho que durante muito tempo, e eu espero que você regresse à vida política com um mandato conquistado nas próximas eleições, se é que vai disputar – parece que vai –, para que você possa, no Congresso Nacional, dar seqüência ao trabalho extraordinário que você fez.

E, por último, o meu companheiro Alfredo. O Alfredo, eu tive oportunidade de conhecer numa carreata, em Manaus. Tinha companheiros aqui que me falavam bem desse tal de Alfredo: “o cara é bom, o cara foi reeleito prefeito de Manaus, o cara é competente, é agradável, é simpático.” Eu fui atrás dessa simpatia para ser Ministro dos Transportes. Ele já tinha passado pela administração da Suframa, já tinha sido prefeito duas vezes e eu sei o que cada um de vocês pensa, historicamente, do Ministério dos Transportes. E eu posso dizer para vocês uma coisa: houve sofrimento, houve momentos de muita tensão, pela falta de dinheiro, não é Alfredo? Esse baixinho chegava na minha sala com um monte de mapa, com um monte de papel e do lado de cada mapa e de cada papel tinha um preço. “Tal estrada custa não sei quanto e não tem dinheiro”, queixando-se de que o Planejamento não liberava dinheiro. O dado concreto é que o sofrimento que ele teve compensou, porque há muito tempo o Ministério dos Transportes não fazia o que está fazendo este ano. Num primeiro momento, eu resolvi, Alfredo, porque você vai me entregar o relatório, mas eu resolvi dizer o seguinte: primeiro, há muitos e muitos anos não se fazia nos portos o que estamos fazendo, há muitos e muitos anos não se fazia nas ferrovias o que está sendo feito, há muitos e muitos anos. E não pensem que foi fácil não, porque para a gente encontrar uma engenharia para fazer a Brasil Ferrovias, para se articular e fazer um investimento de 2 bilhões e meio de reais, financiado pelo BNDES, e resolver o problema do Porto de Santos, levou dois anos, porque os empresários da área também não se entendiam.

A engenharia para começar a Ferrovia Norte-Sul, a engenharia para construir a Transnordestina e a contratação de conservação de 42 mil



quilômetros de estradas, a sinalização de 20 quilômetros de estradas... E o que nós começamos a fazer, que alguém disse que era tapa-buraco, ou seja, o dado concreto é que nós fizemos pelo transporte nesse pouco tempo mais do que muitos fizeram em muito tempo. Obviamente que o Brasil tem quase 60 mil quilômetros de rodovias do governo federal, tem sempre uma coisa ou outra que falta fazer, mas eu duvido que, em algum momento, atacou-se o problema com a magnitude que nós o atacamos no começo deste ano. E aí, muita gente que criticava porque tinha buraco, começou a criticar porque a gente estava fazendo o que tinha que ser feito nas estradas. Eu só quero te dizer, Alfredo, parabéns pelo trabalho feito. E boa sorte na tua nova empreitada.

Aos meus companheiros que estão entrando agora, uns são profissionais de carreira, outros já conhecem sobejamente bem o funcionamento do governo. O nosso jovem Orlando, ali, sai da UNE diretamente para cuidar do Esporte.

Eu queria dizer para vocês o seguinte: nós estamos em abril, mês quatro, comecinho do mês, o nosso mandato termina no mês 12, portanto nós temos oito meses de trabalho. Nós não temos que inventar nenhuma coisa nova, nós não temos que inventar nenhuma vírgula a mais, ou seja, a máquina está andando. O que nós precisamos, agora, é colocar mais lenha na caldeira para ela andar mais rápido e a gente concluir todos os projetos que nós temos em andamento. São muitos e muitos projetos, e nós temos que concluir todos eles, ou pelo menos levá-los a um estágio muito mais adiantado.

Eu já conheço todos vocês, não tem nenhuma cara nova na minha frente, portanto eu só quero dizer para vocês o seguinte: preparem-se, porque daqui para a frente vocês vão enfrentar diretamente a Dilma, que é essa simpatia toda, mas vocês vão ver na mesa que o jogo é duro. E quando tiver dificuldade, preparem-se, porque mesmo de bom humor, eu gosto de viajar para ver o que cada companheiro está fazendo.

Eu tenho a maior confiança em vocês e quero desejar a vocês toda a



sorte do mundo. Tenho certeza que os companheiros que estão nos deixando estão dispostos a ajudar vocês naquilo que for preciso, e nós precisamos trabalhar mais, muito mais, fazer mais e fazer melhor, porque nós sabemos o que nos espera. O jogo que nós temos que enfrentar é mais ou menos igual à Copa do Mundo: não adianta dizer que o Brasil é a melhor seleção, teoricamente é, não adianta dizer que o Brasil tem os melhores jogadores, teoricamente tem. Se a gente analisar, vai dizer: o Brasil vai ser campeão do mundo. Todo mundo sabe que Copa do Mundo não é assim, como todo mundo sabe que a disputa neste país também não é fácil.

Nós temos que ter, daqui para a frente, pé no chão, muita humildade, mas muita coragem de brigar, porque nós temos muito ainda a apresentar ao povo brasileiro.

Muito obrigado, que Deus abençoe os que estão entrando, que Deus abençoe os que estão saindo e obrigado por tudo.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de abertura da Semana Internacional da Construção e Iluminação**

**São Paulo-SP, 04 de abril de 2006**

Meu caro Luiz Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Meu caro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu caro Gilberto Kassab, prefeito da cidade de São Paulo,

Minha querida companheira Marta Suplicy, ex-prefeita de São Paulo,

Meu querido Paulinho Bururu, prefeito de Jandira,

Meu caro José Rafael Guagliardi, presidente da Alcântara Machado,

Meu caro Carlos Eduardo Uchoa Fagundes, presidente da Abilux e da Sindilux,

Meu caro Cláudio Elias Conz, presidente da Anamaco,

Meu caro Jair Saponari, diretor da Feicon,

Senhores presidentes das entidades da construção e iluminação,

Senhoras e senhores empresários,

Senhor Antonio Ramalho, presidente do Sintracon,

Senhor Waldemar Pires de Oliveira, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Construção Civil, filiada à CUT,

Senhoras e senhores,

Há de se perguntar o significado de uma feira dessas para o desenvolvimento de um país, para o desenvolvimento do estado, da cidade e para o desenvolvimento do setor da construção civil no nosso país.

A gente, há muito tempo, aqui no Brasil, aprendia com um grande comunicador brasileiro, que os mais velhos se lembram, o nosso inesquecível



Chacrinha, que dizia: “quem não se comunica, se trumbica.” Portanto, eu acho que o setor da construção civil, no Brasil, não pode continuar a ser um setor acanhado. O Furlan disse, em algumas feiras importantes, que a gente pretende ser sócio, parceiro, cúmplice, para que a gente possa dinamizar o setor da construção civil brasileira em outros países do mundo, não apenas para contratarem nossas empresas, para construir lá e, sobretudo, para comprar parte do material que nós tão bem sabemos produzir aqui.

Eu, cada vez que viajo a um país mais pobre que o Brasil, fico me perguntando o que falta para que o Brasil possa ocupar, naquele país, o espaço que durante tanto tempo outros países ocuparam no Brasil. Certamente, nós não teríamos as ferrovias que tivemos no final do século XIX, se os ingleses não acreditassem em nós; certamente, nós não teríamos o crescimento da indústria que nós tivemos, se alguns italianos, como os Matarazzo, não acreditassem no Brasil; certamente, nós não teríamos o crescimento que nós tivemos se a indústria automobilística americana e alemã não acreditassem no Brasil, e agora todos os países.

Portanto, a nossa construção civil, ela precisa olhar além da fronteira da sua cidade e da fronteira do seu estado e da fronteira do seu país, olhar além do Oceano Atlântico, olhar para trás e ver toda a América do Sul, e ver na nossa relação comercial, sobretudo uma relação comercial sadia, que queremos construir. Existe um espaço extraordinário para que a gente possa fazer negócios, dobrar os negócios que nós já fizemos, gerar mais riquezas, para as micros ficarem pequenas, as pequenas ficarem médias e as médias ficarem grandes, que é esse o objetivo de todo mundo. E fazer com que a construção civil brasileira seja um retrato, uma fotografia, daquilo que o nosso país pode fazer no mundo.

Nós já temos o carnaval, nós já temos o futebol, nós já temos o avião, nós temos produtos primários que são imbatíveis na relação comercial, nós temos alguns produtos manufaturados importantes, nós já temos empresas de



construção civil pesada, que disputam com qualquer empresa de qualquer país do mundo. E temos ganhado concorrência em quase todos os países do mundo, e agora eu acho que falta a gente entrar com a indústria da construção civil brasileira em mercados que precisam de materiais de qualidade, a preços acessíveis, e nisso também o Brasil pode se transformar num país imbatível.

Eu disse ao Furlan que todas as viagens que ele quiser fazer e lotar um avião de empresários, o “sucato” está à disposição. Muitas vezes, eu me lembro como se fosse hoje, a primeira viagem em que nós fomos ao Oriente Médio, nós fizemos uma feira. Uma feira em que vários empresários brasileiros, não sei se alguns da construção civil, estavam lá fazendo as suas exposições. Por exemplo o setor de calçado, e a crença era tão pouca de que a gente poderia vender que as pessoas levavam só um pé do sapato, não levavam os dois. Estava lá à mostra.

Eu sei que muita gente queria saber e especular do Furlan, as pessoas queriam saber do Furlan quanto tinha custado aquela feira. E o Furlan falou: “Presidente, não era eu que queria saber não.” Era a imprensa que perguntava quanto tinha custado aquela feira. Eu me lembro que naquela ocasião o Furlan falou: “Presidente, essa feira vai custar por volta de 500 mil dólares”. Mas a gente não deveria perguntar apenas o quanto custa a feira, a gente deveria perguntar o quanto essa feira vai render para os empresários que acreditaram em fazer as suas exposições aqui.

Qual foi o dado concreto e objetivo? O dado concreto e objetivo é que depois da nossa volta do Oriente Médio, as nossas exportações praticamente duplicaram em todos os países que nós visitamos. É por isso que eu acordei ontem, e o Furlan é um dos ministros que só me ligam para dar notícia boa. Quero fazer esse reconhecimento aqui de público. O Furlan me ligou ontem para dizer o seguinte: “Presidente, apesar do ceticismo de alguns, eu quero lhe comunicar que no mês de março batemos um novo recorde de exportação. Exportamos 11 bilhões de dólares, 11 bilhões, 346 milhões no mês de março.



Quero lhe dar o segundo dado otimista Presidente. Nas importações, importamos 6 bilhões, 736 milhões de dólares, outro recorde também nas importações só comparado a agosto do ano passado”. E aí o Furlan me deu um terceiro dado positivo: “Presidente, outro recorde. Quando fizemos o PPA em 2003, nós prevíamos que em 2007 nós iríamos atingir um fluxo de comércio de 215 bilhões de dólares, nós estamos no mês de março e atingimos 200 bilhões e 53 milhões, significa que com um ano de antecedência, certamente, nós iremos cumprir o PPA que estava previsto para o ano de 2007”.

Mas as notícias boas não param por aí. Por que eu estou falando de notícia boa? Porque de vez em quando a gente lê muita notícia ruim. É como se a gente se levantasse de manhã e fosse perguntar para um corintiano as virtudes do Palmeiras, nenhuma; ou fosse perguntar para um palmeirense as virtudes do Corinthians, nenhuma; ou fossem perguntar para um torcedor argentino as virtudes da seleção brasileira, nenhuma. E vice e versa também, a recíproca é verdadeira. Os brasileiros não veriam nenhuma.

Então, cabe ao presidente da República, de vez em quando, dar as boas notícias que nem sempre a gente vê nas bancas de jornais, que nem sempre a gente ouve ou a gente vê.

E eu queria dizer Furlan, uma notícia boa, a nossa economia, ela começou o ano, eu diria, altamente promissora. Apesar da quantidade de coisas que se falou da economia, a verdade é que nós, em janeiro, em fevereiro, fevereiro deste ano, nós crescemos 1.2 em relação a janeiro deste ano. No bimestre, nós crescemos 5.4 em relação a fevereiro do ano passado. Fevereiro deste ano com fevereiro do ano passado. E no primeiro bimestre, juntando fevereiro e janeiro deste ano, a nossa indústria cresceu 4,2% em relação a 2005. Aumentou o nível de emprego, tivemos o melhor fevereiro desde 1992. Foram 176 mil empregos positivos criados no Brasil e, certamente, a construção civil participou com uma parcela disto. Aumentou a massa salarial e, aumentando a massa salarial, conseqüentemente, aumenta o poder



aquisitivo, vai aumentar o consumo e, portanto, vai aumentar um pouco mais a indústria. E o aumento de crédito, que eu duvido que alguns de vocês já tenha visto, em algum momento, no Brasil, a quantidade de disponibilidade de crédito para a economia como um todo e, sobretudo, para a construção civil brasileira.

Eu quero te agradecer porque habitualmente as pessoas não agradecem as conquistas. Isso é normal na vida humana, a gente está sempre querendo um pouco mais e foi o primeiro discurso que eu ouvi dizendo as coisas boas sem reivindicar coisas novas, mesmo sabendo que tem coisas para ser reivindicadas e que nós apenas começamos um processo de desobstrução ao desenvolvimento da construção civil no país. Obviamente que tudo isso vai ter que ser combinado mais à frente, numa diminuição da informalidade dos trabalhadores, para que a gente possa dar mais trabalho com Carteira Profissional assinada, portanto, mais estabilidade. É isso, obviamente, que leva vocês a ajudarem a gente a fazer o trabalho que é preciso para fazermos, primeiro, a reforma da estrutura sindical, que está no Congresso Nacional, e a reforma da legislação trabalhista, que precisa ser adequada ao século XXI, e não ficar com resquícios da metade do século XX. E isso é plenamente possível fazer se nós continuarmos sentando, empresários, trabalhadores e governo, sem a pergunta ou a insinuação de quem vai ganhar. Só tem um que precisa ganhar: é o país. Se o país ganhar, ganharão os empresários, ganharão os trabalhadores e ganhará o governo. É por isso eu estou convencido que esse será o próximo passo que nós temos que dar.

Mas vamos ver, para não ficar no discurso teórico, algumas coisas que aconteceram na construção civil brasileira, no setor de luz, aqui. Primeiro, uma coisa que deixa algumas pessoas nervosas no Brasil, é quando eu faço comparação. E eu não tenho como trabalhar, e nenhum economista tem como trabalhar, nenhum cientista político, se ele não fizer comparação: ou pior ou melhor. Mas o dado concreto é que desde que nós tomamos posse, até o próximo ano, os contratos já estão feitos, nós vamos ter feito, em cinco anos,



no Brasil, 22% de linhas de transmissão de tudo que foi feito em 122 anos. Vou repetir: em cinco anos, nós vamos fazer 22% de tudo que foi feito no campo das linhas de transmissão em 122 anos. Podemos dizer aos empresários brasileiros que acabou a era do apagão, que não haverá mais possibilidade de ter apagão neste país porque nós estamos interconectando os sistemas e quando tiver falta de energia num lugar e tiver excesso em outro, ao invés de a gente ficar chorando, apenas faz a reversão e a gente pode suprir a demanda energética de um país.

Isso tem sido feito pela iniciativa privada em parceria com a Eletrobrás e tem dado um resultado extraordinário. Estamos lembrados que na época do apagão tinha energia de sobra no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e faltou energia em São Paulo, só que nós não tínhamos as linhas de transmissão para transportar energia para cá, então nós perdíamos. Agora, isso não vai acontecer mais.

O mais importante é que nós criamos um programa chamado Luz para Todos. Nesse programa Luz Para Todos, nós já fizemos 534 mil, 770 ligações, atingindo 2 milhões e 650 mil brasileiros. O Luz Para Todos já utilizou 1 milhão de postes, 136 mil transformadores e nada menos que 172 mil quilômetros de cabos elétricos, o suficiente para dar a volta ao mundo quatro vezes, ou seja, iríamos muito mais longe do que o nosso astronauta foi, com a quantidade de cabos que nós estamos utilizando no programa Luz Para Todos. E o programa Luz Para Todos, qual é a vantagem dele? Esses dias eu estava assistindo um programa de televisão que, certamente, muitos assistem aqui, o Globo Rural. Ao passar uma reportagem sobre o programa Luz Para Todos, sabe do que eu me dei conta? É que nós estávamos fazendo uma família dar um salto do século XVIII para o século XXI, estávamos tirando uma família das trevas para colocá-la no mundo civilizado, no mundo da luz e, se Deus quiser, e a indústria tiver capacidade de produzir cabos, postes e luz, até 2008 nós não teremos neste país nenhum cidadão sem energia elétrica. Esse é um programa em que



80% dos gastos são feitos pelo governo federal, de graça. Uma ligação, vocês sabem, chega a custar, dependendo da região, 3 mil e 600 reais, e ela é dada de graça para o povo, sobretudo do campo, sem que ele tenha que pagar nada e ter acesso à modernidade.

É importante lembrar também os investimentos que nós estamos fazendo. Eu não sei se em algum momento os empresários tiveram a disponibilidade de recursos que vão ter. Eu me lembro que quando nós aprovamos a Lei da Afetação e fomos, em Brasília, fazer o sancionamento daquela Lei, eu me lembro de um discurso de um empresário da construção civil, eu não me lembro agora se foi da Abdib, quem é que foi que me disse o seguinte: “Presidente, nós agora estamos preocupados”. Eu falei: por quê? “Nós estamos preocupados porque a disponibilidade de dinheiro é maior do que aquela que a gente está preparado para captar no mercado”. Mas já passou um ano e meio e eu acho que os empresários da construção civil estão agora muito mais preparados. Do dinheiro que vai ser disponibilizado, dos 19 bilhões que o Márcio disse, 10 bilhões a gente vai priorizar para casas de trabalhadores que ganham até 5 salários mínimos, 8 bilhões nós vamos disponibilizar para setores da classe média que precisam comprar casa, e 1 bilhão será especificamente com o objetivo de acabar com as palafitas no Brasil, que é a forma mais degradante a que o homem foi submetido.

E pasmem, para minha surpresa, eu chego aqui para falar e do meu lado tem até quatro pessoas escoradas na parede, significa que a parede é forte, não vai cair com qualquer chuvinha, não vai cair, essas casas foram pensadas, arquitetadas e projetadas pelo Senai. Dá uma olhada na casinha, parece a casa que o Jair vai ter no sítio dele, uma casa de campo, bonita, feita de tijolo. Como é que se chama este tijolo? É o baiano ou cerâmica. Sei lá como é que é. Mas olha essa casinha, Márcio, 17 mil reais o custo com mão-de-obra. Eu acho que nós precisamos melhorar um pouco as casas que a gente está fazendo para a parte mais pobre da população, porque eu acho que não é



porque o cara é pobre que tem que ter uma casinha muito humilde. Esta casinha aqui, do Senai, para o povo pobre do país, você pode começar a levar em conta agora que a gente pode melhorar.

Se o Senai foi capaz de produzir uma casa dessas, certamente que a nossa engenharia pode pensar outros modelos de casa que não seja apenas economicamente rentável para uma empresa, mas que seja socialmente, eticamente e dignamente uma casa merecedora de morar uma família trabalhadora neste país.

Mas não é apenas isso. Vocês viram o que aconteceu na construção civil no ano passado. Eu me lembro que a fábrica de postes andava até meio em crise um tempo desses aí. Eu tenho amigos que trabalham carregando postes por este país afora e eu me lembro que quando nós começamos a fazer as reformas nos aeroportos brasileiros, esse meu amigo, que é caminhoneiro, dizia: “meu querido Presidente, eu nunca transportei tanto poste na minha vida.” E, certamente, se o programa Luz para Todos está usando um milhão de postes, até agora, vocês imaginem o que a gente vai poder utilizar porque nós estamos atacando todos os aeroportos brasileiros, estamos atacando os principais 11 portos brasileiros e estamos fazendo um investimento na recuperação das estradas brasileiras que nunca foi feito neste país.

Quando nós tomamos a decisão de fazer em dezembro, pasmem, eu era criticado porque estava esburacado. Quando eu resolvi tapar os buracos, então disseram que não valia aquela operação. O dado concreto é que nós, de janeiro até agora, já fizemos 43% das coisas que nós nos comprometemos a fazer, numa demonstração de que a construção civil, seja leve ou pesada, está vivendo um ano auspicioso, porque só de restos a pagar e no Orçamento que vai ser aprovado esta semana pelo Congresso, são praticamente 9 bilhões de reais para o setor rodoviário no Brasil.

E fazemos isso não porque queremos fazer investimento de graça, fazemos isso porque o Furlan não pára de viajar, não pára de exportar e,



portanto, nós precisamos dotar os nossos portos, aeroportos e as nossas rodovias de melhor qualidade.

Agora, por que isso aconteceu, meus companheiros, e pode acontecer mais? Para que a gente não tenha memória curta, eu vou reeditar aqui, vamos ver algumas medidas que nós tomamos. Eu não vou ler todas, vou ler apenas algumas medidas que nós tomamos na área da construção civil: redução do IPI de itens da cesta básica da construção, que nós fizemos agora, que o Furlan falou. Vários produtos com 15%, reduzimos para 5%, e vários com 5% reduzimos para zero. E ainda falta aprimorar. Vejam, o que nós estamos é fazendo um trabalho e, na medida em que as coisas vão dando certo, na medida em que essa redução de impostos chegue ao consumidor, a gente tem mais incentivo e mais razões para que a gente possa, o lado produtivo vencer o lado monetário, e a gente ir aprovando. Eu funciono como uma espécie de juiz porque eu acho que os dois têm razão. Quando vocês estão na casa de vocês e dois filhos começam a brigar, vocês nunca tomam parte de um, que vocês vão perder. Então, é melhor tentar contemporizar, encontrar um meio termo e fazer eles se entenderem como irmãos. Mas nós sabemos que o crescimento do país passa por um processo de ir encontrando as prioridades dos setores para que a gente possa desonerar.

Isenção do Imposto de Renda, na troca de imóveis residenciais. Paulo Frateschi, você comprou um imóvel agora. Antes, você comprava um imóvel, recebia e pagava Imposto de Renda do valor do imóvel que você vendeu. Agora você tem 180 dias. Se em 180 dias você comprar um outro imóvel, você não tem que pagar Imposto de Renda. Portanto, é uma medida que não te permite se transformar num sonegador, o Estado faz justiça de permitir que você tenha a oportunidade de utilizar a totalidade do seu recurso na compra de um outro imóvel, porque, senão, o que acontece? Você vende uma casa por 180, pensando em comprar outra de 180, o Fisco te toma uma parte e você não tem mais os 180. O que nós estamos garantindo é que você tenha a



totalidade do dinheiro que você arrecadou pela venda para que você possa comprar outro imóvel em 180 dias.

Redução do Imposto de Renda sob alienação de imóveis. Essa Lei, todo mundo sabe, foi aprovada em 2005. Regime especial de tributação do Patrimônio de Afetação: essa foi uma revolução no setor da construção civil porque no Brasil os bancos privados não emprestavam dinheiro porque não tinham a garantia de tomar o imóvel financiado, emprestado. O que nós fizemos foi dizer o seguinte: quem compra tem que pagar, se não pagar, quem emprestou tem o direito de tomar. Se isso vale para um automóvel, vale para qualquer coisa. Agora, estamos pensando em fazer para os caminhões. Nós queremos fazer uma renovação da frota de caminhões no Brasil, mas a Justiça diz que o caminhão não pode ser dado como garantia. Maravilhoso, primoroso, extraordinário, louvável. O caminhão não pode ser dado como garantia porque é um patrimônio de levar a renda e o pão para dentro de casa. Teoricamente, é maravilhoso. Só que a empresa que tem o caminhão não vende o caminhão se não tiver garantia. A lei protege o cidadão, mas ele não tem o caminhão. Então, nós estamos tentando encontrar uma forma, o BNDES, o Furlan, o Guido estão pensando, para ver se a gente consegue. A nossa frota está velha e nós queremos renovar a nossa frota de caminhões para tornar o frete mais barato, gastar menos as nossas estradas, quebrar menos as nossas estradas.

Uma outra coisa importante: isenção de Imposto de Renda para títulos representativos de créditos mobiliários, foi aprovada ainda em 2004. Vamos ver outras coisas, eu só vou falar da construção civil porque nós estamos convencidos de que esse setor não só é um setor que gera emprego, mas é um setor que pode fazer com que a economia brasileira cresça mais rapidamente, porque ele precisa de mão-de-obra que não exige uma qualificação universitária ou de curso técnico, as vezes é uma mão-de-obra muito rápida e nós entendemos que é possível, rapidamente, darmos respostas às necessidades do Brasil.



Então, quando eu venho a uma feira como esta eu não venho comprar nada, eu venho apenas rever companheiros que acreditam neste país e dizer para vocês o seguinte: vocês podem ficar certos de uma coisa, o que nós fizemos é muito, mas ainda não é tudo que pode ser feito para que a gente possa deixar o setor nos “trinques” para dar a resposta que vocês querem dar, que os trabalhadores precisam que seja dada, que o povo precisa que aconteça no Brasil e que nós, governo, esperamos porque acreditamos na competência de vocês.

Eu só quero pedir uma coisa para vocês: este é um ano eleitoral e, por incrível que pareça, no Brasil, em ano eleitoral, ao invés de as coisas andarem para a frente, as coisas andam para trás, porque durante seis meses você não pode fazer muita coisa. Eu quero dizer para vocês o seguinte: eu tenho dito todo santo dia, nós não podemos permitir que qualquer que seja a temperatura do processo eleitoral, que sempre é quente, que isso mexa ou crie qualquer embaraço na economia brasileira, no setor produtivo brasileiro e na geração de riqueza neste país.

Vocês estão lembrados que não foi fácil chegar onde nós chegamos, vocês já viveram outras experiências na história do Brasil, viveram na década de 60, 70, 80, 90, vocês estão vivendo esta experiência agora. Nós optamos por não fazer mágica na economia, nós optamos por não colocar um “mandrake” para dirigir a economia brasileira, nós colocamos alguém que pensasse este país para os próximos 15 ou 20 anos. O resultado positivo disso depende única e exclusivamente de nós, não depende de candidato a deputado, a governador, a presidente da República, de senador, depende única e exclusivamente de nós.

Nós temos algumas coisas importantes para acontecer, nós temos que votar a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa que está lá, no Congresso Nacional, há muito tempo. As pessoas podem brigar, as pessoas podem falar mal do governo. Não tem problema, mas vote, vamos fazer a lição de casa e



depois fazer a política do xingamento, não tem nenhum problema. Todos nós estamos habituados a isso. O que não pode é as coisas importantes não serem votadas.

Se o Orçamento tivesse sido votado no ano passado, nós já teríamos colocado mais 4 bilhões e 300 na educação brasileira, que é o Fundeb. Como o Orçamento não foi aprovado, nós não colocamos quatro meses desse dinheiro na educação brasileira. Então vejam, não é porque tem um ano eleitoral que as pessoas acham que, prejudicando o Brasil, vão prejudicar o governo. O governo é uma coisa muito passageira, o governo tem data para entrar e data para sair. Agora, quem é infinita neste país é a sociedade brasileira porque, quando nós morremos, nós renascemos nos nossos filhos, e somos cidadãos do mesmo jeito. Então, é preciso que vocês ajudem as pessoas. Por que não votaram o Orçamento ainda? “Ah, porque não podemos votar o Orçamento, porque não vamos dar dinheiro para o governo gastar, porque é um ano eleitoral.” Ora, isso não está prejudicando o governo, isso prejudica é a sociedade brasileira, prejudica este país. Eu espero que nesta semana votem, porque se depender de mim – e eu estou falando olhando na cara dos principais dirigentes do setor – não haverá um único passo que possa significar um único retrocesso em tudo que nós já conquistamos até hoje e que podemos conquistar daqui para a frente.

Muito obrigado, e boa sorte nesta extraordinária Feira.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de inauguração da primeira fábrica de pneus da Continental do  
Brasil Produtos Automotivos Ltda**

**Camaçari-BA, 05 de abril de 2006**

Meu caro Paulo Souto, governador do estado da Bahia,

Meu caro Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria  
e Comércio Exterior,

Senhor Embaixador da Alemanha no Brasil,

Deputado Clóvis Ferraz, presidente da Assembléia Legislativa, em nome  
de quem saúdo todos os deputados estaduais,

Deputados federais Daniel Almeida, Luiz Alberto, Nelson Pellegrino e  
Zezéu Ribeiro,

Meu caro companheiro Jaques Wagner,

Senhor Manfred Wennemer, presidente mundial da Continental, em  
nome de quem saúdo os dirigentes da Continental aqui presentes,

Senhores secretários de Estado,

Meu caro Luiz Caetano, prefeito de Camaçari,

Minha querida companheira Moema Gramacho, de Lauro de Freitas,

Empresários aqui presentes,

Senhores e senhoras,

Jornalistas,

Trabalhadores e trabalhadoras da Continental,

Há pouco mais de dois anos, a fábrica brasileira da Continental não  
existia sequer no papel. E eu penso que ela começou a nascer no dia 29 de  
janeiro de 2004. Naquele dia estávamos, Furlan, eu e outros brasileiros,  
ministros e empresários, reunidos com mais de 200 investidores estrangeiros,



em Genebra. Furlan fez uma palestra, eu fiz outra palestra e falava do ciclo virtuoso de desenvolvimento que estávamos consolidando para o futuro do Brasil. Entre os investidores estava um parceiro nosso, Hans-Joachim Nikolin – pensei que ia encontrá-lo aqui, mas deve estar na África do Sul, se não me falha a memória – ele estava representando a Continental, empresa líder do setor de pneumáticos na Alemanha e um dos maiores produtores mundiais. Com certeza, ambos nos lembramos muito bem... ele deve estar hoje, na África do Sul, se lembrando da conversa que nós tivemos em Genebra, da vontade que eu tinha e da necessidade que a Continental tinha de fazer um investimento no Brasil.

Vejam, dois anos depois, um pouco mais, não, dois anos exatamente, porque o primeiro encontro foi em maio, foi no dia 29 de janeiro de 2004, dois anos e dois meses depois daquela conversa inicial cá estou eu, como diria um bom português, inaugurando a Continental.

A Continental é fruto, primeiro, do potencial que o Brasil representa para uma empresa importante que queira ganhar dinheiro. Segundo, ela é resultado do potencial que o Brasil tem de produzir produtos de boa qualidade, a preços competitivos, para competir neste mundo globalizado. Terceiro, de uma dinâmica que introduzimos no país e, certamente, os governadores introduziram nos estados brasileiros. Numa definição simples: primeiro, acabar com a história de que o país não pode ter política industrial e de que o Estado não deveria discutir política industrial. Nós definimos que o Estado brasileiro precisa ter uma política industrial. Segundo, convencer o mundo investidor das coisas boas que o Brasil tem, porque não é possível convencer qualquer pessoa a investir no Brasil se a gente apenas mostra as coisas negativas que tem num país e que tem em todos os países. O nosso papel é mostrar aquilo que nós temos de potencial, desde a nossa competência enquanto trabalhadores, a nossa formação, a nossa versatilidade e muito mais do que isso, a criatividade que tem o trabalhador brasileiro.



Vejam que, em dois anos, o sonho da Continental de estar no Brasil se torna realidade. Certamente, a escolha da Bahia se deve à qualidade da mão-de-obra da Bahia, se deve à parceria feita com o governo do estado, se deve ao fato de a Bahia possuir um extraordinário pólo petroquímico como este de Camaçari. Para mim, como presidente da República, seja na Bahia, seja no Rio Grande do Sul, seja em Roraima ou no Amapá, o que importa para mim é que as empresas estejam dentro do nosso território nacional gerando riqueza, produzindo riqueza e gerando renda para o nosso povo.

A empresa acreditou no Brasil. Estamos inaugurando e eu posso dizer ao nosso querido Presidente da Continental que ele não vai se arrepende nunca de ter colocado os pés aqui nesta terra, acreditado, feito investimento porque... olhe bem a fisionomia desses meninos e dessas meninas: eles não lhe darão apenas a alegria do retorno de lucro que a empresa precisa ter. Eu posso lhe dizer uma coisa agora, sem procuração deles: quando esta empresa estiver produzindo na sua capacidade máxima, eu, certamente, ouvirei da sua boca o que eu tenho ouvido da boca de outros representantes alemães, como o Presidente da Mercedes Benz, o que eu ouvi da Vice-Presidente da Ford, quando afirmaram a mim, em encontros internacionais, que eles estavam convencidos de que os trabalhadores brasileiros, dentre todos os trabalhadores onde as empresas estavam instaladas, são os trabalhadores com maior criatividade, com maior capacidade de produtividade e são trabalhadores que têm a versatilidade de um povo que é resultado da mistura de negros, de índios e de europeus.

Aqui para nós, para que esta fábrica se instalasse, para que ela gerasse empregos, para que ela passe a exportar e para que ela traga divisas para o Brasil, nós demos uma pequena contribuição, depois de muita briga do nosso ministro Luiz Furlan, e reduzimos a zero o IPI para a compra de máquinas e equipamentos no mercado interno. Ao mesmo tempo, praticamente todas as aquisições no mercado externo foram beneficiadas com a redução do imposto



de importação, de 14% para 2%, o que facilitou a viabilização dos investimentos que a Continental está inaugurando hoje.

E a fábrica está pronta para receber mais máquinas, pronta para receber mais trabalhadores, pronta para produzir mais riquezas, pronta para atender ao mercado interno e pronta para ganhar o mercado externo, levando como marca principal do pneu, além do nome Continental, as digitais desses jovens trabalhadores e dessas jovens trabalhadoras do nosso querido estado da Bahia. São 1.500 trabalhadores. Certamente, os indiretos ultrapassam três mil trabalhadores. E, além disso, a Continental já está desenvolvendo parcerias e capacitando fornecedores locais para as novas tecnologias, com reflexos altamente positivos para a economia local.

E agora, com a Continental, o Brasil vai exportar pneus não apenas para a América Latina, mas também para os Estados Unidos e para o Canadá, incrementando ainda mais nosso comércio exterior, que não pára de crescer. Eu vou dar um dado otimista aqui, meu caro Presidente da Continental: no acumulado de 12 meses, entre abril de 2005 e março de 2006, o fluxo de comércio exterior do Brasil, entre exportação e importação, atingiu um valor que muitos analistas econômicos não acreditavam que fôssemos capazes de atingir. Atingimos 200 bilhões de dólares, ou melhor, 200 bilhões e 691 milhões de dólares de fluxo de comércio exterior. A superação de mais uma meta nesse campo, essencial para a economia de qualquer país é resultado, para o mercado externo, de uma venda de 123 bilhões e 245 milhões de reais.

Veja a dinâmica da economia. Demoramos 500 anos para exportar 60 bilhões e em apenas 36 meses, os empresários brasileiros, os trabalhadores brasileiros e a economia brasileira saltou daquilo que nós produzimos em 500 anos para, em apenas 36 meses, dobrar as exportações, saindo de 60 bilhões para 123 bilhões de dólares de exportação.

E também cresceram as importações. Eu dizia ao Presidente da Continental que hoje a palavra da moda é dizer que a moeda brasileira está



forte, o real está forte, o dólar está fraco, portanto, tem problema nas nossas exportações ou na implantação de novas fábricas. E eu dizia para ele que o que vai consertar o câmbio brasileiro não é um decreto lei, uma medida provisória ou uma mágica, o que vai arrumar o câmbio e colocá-lo no ponto justo é a seriedade da política econômica, é o comportamento do empresariado brasileiro, a certeza de que os juros vão chegar a um patamar que precisa chegar, mas também a certeza de que o Brasil precisa importar mais do que está importando, sobretudo máquinas, para que a gente tenha as nossas empresas atualizadas, com novas tecnologias, mais competitivas, para que a gente possa exportar mais.

Estamos vivendo, meus caros empresários e trabalhadores, um momento tão importante que a Petrobras, desde 1954, quando foi criada, tinha déficit na balança comercial. Ela sempre importou mais do que exportou. Este ano, no dia 21 de abril, a Petrobras vai anunciar ao mundo a conquista da auto-suficiência, ela vai produzir um pouco mais do que aquilo que nós consumimos, mas ela não vai parar de importar porque nós precisamos importar petróleo leve para misturar ao nosso petróleo pesado. Mas, pela primeira vez, a Petrobras vai ter um superávit de 3 bilhões de dólares e isso vai permitir que tenhamos mais dinheiro para importar um pouco mais, modernizar o nosso parque industrial, convencer novas empresas a entrar no Brasil e conseqüentemente levar o Brasil, nessas próximas duas décadas, a sair do patamar de um país em desenvolvimento para, definitivamente, um país desenvolvido.

Os dados são muito promissores e como tem algumas pessoas pessimistas no Brasil, eu sou obrigado a me levantar todo dia otimista. Um dia, quando vocês forem presidente da República – e podem ser, porque se eu saí de Caetés e virei presidente da República, por que vocês aqui de Camaçari não podem ser presidente da República? – no dia em que vocês forem presidente da República vocês vão perceber que qualquer que seja a notícia



ruim, vocês vão ter que se levantar de bom humor e vão ter que passar para a sociedade otimismo, vão ter que passar para a sociedade alegria. É como na casa de vocês, imaginem se o pai e a mãe de vocês resolvem, todo dia, passar mau humor para vocês, ao invés de passar o carinho que vocês merecem.

E por que eu digo passar otimismo? Porque tem muita gente que fala: “não, porque a economia vai mal, porque a economia não cresce...” Tem hora que eu escuto algumas coisas, Governador, que eu fico imaginando se a gente fosse contabilizando todas as coisas que se fala no Brasil e, um belo dia, a gente pegasse para mostrar e fazer comparação entre o que se dizia e o que aconteceu.

Pois bem, em fevereiro deste ano, a nossa produção industrial cresceu 1,2% em relação a janeiro. Se a gente for comparar entre fevereiro deste ano e fevereiro do ano passado, nós crescemos 5,4%. Se a gente for comparar janeiro e fevereiro com janeiro e fevereiro do ano passado, nós crescemos 4,2%. Mas não é apenas isso. Cresceu o nível do emprego. Neste mês de fevereiro, agora, foram criados no Brasil 176 mil novos empregos de carteira profissional assinada, que é o maior número de empregos gerados no mês de fevereiro, desde 1992, quando foi criado o Caged. Cresceu a massa salarial e, sobretudo, cresceu o crédito no país.

Vocês, que são jovens, prestem atenção numa coisa: no Brasil, pouco tempo atrás, se dizia que não deveria ter política industrial. Nós resolvemos assumir a responsabilidade de que precisávamos de política industrial. Resolvemos pesquisar 23 atividades. Das 23 pesquisadas, 15 cresceram: o setor farmacêutico cresceu 26%, o setor automotor cresceu 4,8%, a produção de bens de capital cresceu 8,6%. E, dentre os bens de capital – a questão energética e a questão da construção civil – a energia elétrica cresceu 42% e a construção civil 19%, para mostrar o alto investimento que está acontecendo na infra-estrutura brasileira, porque se nós não oferecêssemos energia elétrica, certamente, a Continental não estaria se implantando no Brasil. Eu duvido que



se a Continental tivesse que tomar a decisão em 2001, com o apagão que houve no Brasil, eu duvido que ela não escolhesse um outro país para se implantar, porque nenhuma empresa se implanta num país ou num estado que não tenha energia elétrica para tocar suas máquinas.

Mas tem outra coisa importante para a Continental levar para a Alemanha. Em maio de 2003, no nosso querido Brasil, o trabalhador que ganhava o salário mínimo podia comprar apenas 1,3 cesta básica. Em maio de 2006, esse trabalhador pode comprar 2,3 cestas básicas, ou seja, praticamente dobrou o poder aquisitivo no que diz respeito à compra da cesta básica.

Mais importante, e os trabalhadores sabem disso, se essa menina não foi ao supermercado, certamente a mãe ou o pai está indo, e eles estão percebendo o significado importante que é o controle da inflação neste país. Eu fui dirigente sindical, só para vocês saberem, quando a inflação estava a 40% ao mês. Naquele tempo eu comecei uma briga para que os trabalhadores recebessem o salário semanal, porque com uma inflação de 40% ao mês, a gente recebe hoje e, se demorar dois dias para gastar, acabou o dinheiro. Nós tínhamos prefeitos no estado da Amazônia e prefeitos no estado do Pará que iam à capital pegar o dinheiro. Como a inflação era muito alta, eles pagavam o salário adiantado porque na cidade deles não tinha banco, e se deixassem o dinheiro guardado na prefeitura, no mês seguinte eles não conseguiam pagar o salário por causa da desvalorização inflacionária.

Hoje, vocês vão receber o salário de vocês, não sei se 500, não sei se 600, não sei se 700 ou quanto é, o que importa é que vão receber. No dia cinco deste mês, vão entrar no supermercado para comprar arroz, feijão, carne e outras coisas e, no mês que vem, vocês entrarão e terá o mesmo preço ou terá baixado porque, para nós, o controle da inflação é o melhor aumento de salário que o trabalhador tem, porque o trabalhador vai comprar as coisas muito mais baratas.

E mais importante ainda, que eu queria dizer para vocês, para terminar.



Neste país nós nunca tivemos o crédito que nós temos hoje. Acho que os mais velhos, aqui, todo mundo de barba branca ou sem barba deve se lembrar o quanto era difícil um jovem desses pegar um dinheiro emprestado. Hoje, com o crédito consignado, tanto para aposentado quanto para trabalhador, tirar dinheiro emprestado hoje não é o mais difícil. Eu espero que vocês nunca precisem de dinheiro emprestado mas, se precisarem, não vão ser achacados como nós éramos pouco tempo atrás neste país, quando a gente tinha que pagar quase um terço do que a gente queria tomar emprestado, antes de receber o dinheiro. E nós estamos fazendo isso porque nós reconhecemos que o Brasil é um país capitalista, país capitalista tem que ter capital, e para ter capital é preciso que o Estado cumpra o seu papel.

Nós estamos fazendo isso porque acreditamos que o Brasil é um país que tem um potencial extraordinário de desenvolvimento e eu estava cansado de ouvir, quando era da idade de vocês, os políticos dizerem que o Brasil era um gigante adormecido. Nós não só não somos um gigante adormecido, e se fôssemos teríamos que acordar rapidamente porque o século XXI começou com a China, com 1 bilhão e 300 milhões de habitantes, e a Índia com 1 bilhão de habitantes, tentando ocupar espaço no mercado internacional, e vocês sabem que para a gente competir com a China, para que a gente venha a competir com a Índia nós precisamos nos preparar muito, porque lá a situação do trabalhador é diferente da nossa, o compromisso com o Estado é diferente do nosso, a democracia é diferente da nossa e, portanto, aqui nós temos que ser mais competentes, mais ágeis, para que a gente possa disputar mercado no mundo inteiro com esses países que querem disputar conosco.

Portanto, eu quero dizer a vocês, é com pessoas da idade de vocês, trabalhadores com o otimismo de vocês, empresários com a disposição da Continental que a gente pode sair daqui agora com a consciência tranqüila e com a certeza de que o Brasil do século XXI será um Brasil infinitamente melhor do que o Brasil do século XX, e que a classe trabalhadora do século



XXI será infinitamente mais produtiva, mais capaz e mais bem formada do que nós, que participamos do mundo do trabalho no século passado.

Quando eu vejo a fisionomia de vocês, quando eu vejo a cor de vocês, o semblante de vocês e o sorriso – há tão pouco de malandragem nos olhos de vocês – eu poderia dizer: feliz do país que tem jovens com a disposição de vocês e triste do país que tem jovens da idade de vocês já amargando anos de cadeia porque, certamente, não tiveram a oportunidade que o Estado brasileiro deveria ter lhes oferecido há dez anos.

Eu quero dizer para vocês que no meu governo está proibida a palavra “gasto” quando se trata de educação. Quando falarmos de educação nós temos que falar de investimento, porque gasto eu vou fazer se eu não investir em educação hoje, tendo que construir cadeia para o dia de amanhã.

Meus parabéns, boa sorte, que Deus abençoe todos vocês.



**Videoconferência do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva,  
com o tenente-coronel Marcos Pontes – astronauta brasileiro**

**Palácio do Planalto, 05 de abril de 2006**

**Sérgio Gaudenzi:** Marcos, é Sérgio Gaudenzi. Como é que está?

**Marcos Pontes:** Como vai, senhor Sérgio?

**Sérgio Gaudenzi:** Não estou ouvindo sua resposta.

**Marcos Pontes:** Como vai, doutor Sérgio?

**Sérgio Gaudenzi:** Marcos, eu estou aqui com o nosso Presidente, o presidente Lula, que vai falar com você. Estamos muito orgulhosos com o sucesso da tua missão, e toda a Agência está lhe mandando um grande abraço. Então, você vai agora falar com o Presidente Lula.

**Marcos Pontes:** Muito obrigado.

**Presidente:** Meu querido Marcos Pontes, eu estou aqui com o vice-presidente da República, José Alencar; com o novo ministro da Defesa, que tomou posse depois que você embarcou para o espaço, o nosso ministro Waldir Pires; com o ministro da Ciência e Tecnologia, Sérgio Rezende, e com o comandante Bueno, o comandante que você conhece tão bem.

O ministro Sérgio Rezende vai conversar com você, mas antes eu queria dizer para você, Marcos, que essa tua viagem, depois de tantos e tantos anos de espera, depois de tanta angústia que você viveu e, finalmente, conseguimos fazer com que você fizesse a viagem, ela transforma o povo brasileiro num



povo um pouco mais orgulhoso, um pouco mais, eu diria, cheio de orgulho porque você, neste momento, representa o orgulho que cada um de nós, brasileiros, sentimos da nossa força, da nossa disposição e, sobretudo, da nossa perseverança.

Eu me lembro da primeira conversa que eu tive contigo, da frustração de você não ter feito o vôo e, agora, estou vendo aí você, com essa cara de alegria. No dia em que você embarcou, você batendo o braço e mostrando a bandeira brasileira foi um motivo extraordinário de orgulho.

E eu queria fazer uma pergunta para você antes de passar a palavra ao nosso Ministro da Ciência e Tecnologia. Marcos, diz aqui, para milhões de brasileiros, sobretudo para as nossas crianças: você levou experimentos de crianças para fazer aí no espaço. Já fez a experiência, já plantou a semente, já utilizou a clorofila? Se você puder, conta para as crianças se você já fez, porque eu penso que depois você deveria falar da emoção que você sentiu, da emoção que nós sentimos – eu digo para você que foi muito forte – e eu queria saber qual a emoção que você sentiu quando, pela primeira vez, a 350 quilômetros de altura, você viu o nosso querido Brasil.

**Marcos Pontes:** Obrigado, senhor Presidente. Eu gostaria de agradecer as palavras. Aqui, neste instante, sobrevoando a Rússia, a 350 quilômetros de altitude, a bordo da Estação Espacial Internacional, carregando, com muito orgulho, a nossa bandeira, os nossos símbolos, a nossa Agência Espacial Brasileira, a nossa Força Aérea. E para mim isso é uma satisfação muito grande e, também, uma responsabilidade muito grande, como o senhor disse, com relação a essas crianças e aos jovens em geral, no Brasil.

Os experimentos estão indo bem. Nós temos oito experimentos perfeitamente ajustados e cerca de 60, 70% já realizados. Esse experimento dos feijões das crianças, eu tenho tratado com muito carinho e eu tenho certeza que isso vai ser alguma razão para termos, no futuro, mais e mais



astronautas, engenheiros, cientistas, no Brasil, motivados por coisas desse tipo. Muito obrigado.

**Presidente:** Eu agora, Marcos, vou passar o microfone para que o nosso Ministro da Ciência e Tecnologia te faça algumas perguntas que ele pensou em fazer, que é das experiências que você está fazendo aí, no espaço. É o nosso ministro Sérgio Rezende.

**Ministro Sérgio Rezende:** Marcos, boa noite! O Ministério da Ciência e Tecnologia tem já, há uns três anos, um programa de popularização da ciência, e fizemos bastante nessa direção. Mas eu preciso lhe dizer: você talvez imagine, mas não viu aqui, diretamente, o efeito fenomenal para a divulgação da ciência e tecnologia, para a divulgação do Programa Especial, que foi esta missão, esta missão que você está cumprindo. Então, nós estamos aqui, no Ministério da Ciência e Tecnologia, satisfeítíssimos com a divulgação que você está promovendo. Os oitos experimentos que você levou, naturalmente têm o resultado muito aguardado pelas pessoas, pelas equipes que imaginaram as experiências. Mas, como eu disse, acho que o efeito, talvez, mais importante da sua missão é a grande divulgação que você está promovendo da ciência e da tecnologia e atraindo jovens para essa área. Mas queria fazer uma pergunta: nós ouvimos dizer que, pelos russos, a experiência que despertava maior atenção deles era aquela de nuvem de interação protéica. Aí eu lhe pergunto se essa experiência já foi concluída, se ela está em andamento? E se pelo o que você pôde observar – nós sabemos que você não é biólogo, mas foi treinado para essa experiência – se essa experiência está dando resultados que, na sua opinião, são interessantes?

**Marcos Pontes:** É, os experimentos, eles têm sido levados dentro do cronograma normal. Essas experiências das nuvens de proteínas devem ser



terminadas amanhã e têm dado o resultado esperado, dentro do que os cientistas planejaram. Para mim, é razão de muito orgulho também poder cooperar com a divulgação da ciência e tecnologia, porque acho que esse é o nosso futuro, não só em termos de ciência e tecnologia, mas a gente precisa motivar os jovens para eles sigam essa carreira. Então, para mim, é muito orgulho, muita satisfação poder contribuir com isso. Da mesma forma que, quando a gente passa sobre o Brasil, dá realmente muito orgulho ser brasileiro, dessa terra que a gente tem.

**Ministro Sérgio Rezende:** Marcos, mais uma pergunta. Essas experiências que você levou foram preparadas por pessoas que não tiveram a experiência de fazê-la, num ambiente de micro-gravidade. Você crê que, com a sua experiência de fazer a experiência aí, você vai poder dar uma grande contribuição a projetos de experiências para vãos futuros?

**Marcos Pontes:** Eu tenho que esse vôo vai ser o início de uma fase muito boa dentro do Programa Espacial Brasileiro, no qual nós vamos estar trabalhando, ampliando esse campo de pesquisa num ambiente de micro-gravidade. Nós já temos o programa de micro-gravidade na Agência Espacial Brasileira, mas, com certeza, agora ele terá um impulso bastante grande e eu pretendo estar trabalhando nisso nos próximos anos.

**Ministro Sérgio Rezende:** Marcos, eu vou passar, então, o microfone ao presidente Lula. Nós só temos dois minutos para encerrar essa videoconferência. Parabéns, estou ansioso por vê-lo aqui no Brasil, de volta.

**Marcos Pontes:** Muito obrigado. Eu estou ansioso para chegar ao Brasil.

**Presidente:** Marcos, eu quero terminar reiterando a você que pode ficar certo



que em poucos momentos da história do Brasil nós tivemos o orgulho de um brasileiro como estamos tendo de você. Você, quando partiu, lembrou muito Ayrton Senna com a bandeira nacional. Nós estamos no centenário de Santos Dumont e essa tua viagem é extremamente significativa para nós. Tem gente que reclama que nós gastamos dinheiro. O que nós gastamos é pouco diante do que isso pode representar para a política espacial brasileira. Eu sei que você está com saudades de Bauru, eu sei que você está com saudades da família. Nós estamos ansiosos esperando você chegar aqui. Certamente você virá a Brasília, depois você irá a Bauru, até porque o teu time, Noroeste, não anda muito bem das pernas ultimamente.

Mas nós estamos certos de que você vai nos trazer muito motivo de orgulho, muita alegria no teu regresso. Que Deus te abençoe nesse teu trabalho. Que Deus te abençoe na viagem de regresso. E dê um abraço nos russos que ontem eu recebi o Primeiro-Ministro russo aqui, estamos fazendo bons acordos, sobretudo na área espacial.

**Marcos Pontes:** Muito obrigado, senhor Presidente. Eu, realmente, estou muito satisfeito com tudo o que tem acontecido ultimamente. E este meu estágio junto com os russos, lá em Star City, foi não só uma lição, em termos dos equipamentos desse sistema todo mas, também, da convivência com outros povos e outras culturas. E a cultura russa realmente é uma cultura que me atraiu bastante e eu tenho certeza que a gente vai ter uma cooperação muito interessante. Obrigado por tudo. Eu vou estar aguardando ansiosamente para chegar no Brasil e dar um abraço na minha terra.

**Presidente:** Marcos, me parece que nos deram mais alguns minutos. Então, eu estou aqui com o nosso vice-presidente José Alencar, que era ministro da Defesa e, portanto, tem muita responsabilidade com a tua viagem, para ele te cumprimentar.



**Vice-Presidente:** Marcos, todos os brasileiros, pelo que eu tenho observado, estão orgulhosos desta tua missão e da tua performance nela. Você, realmente, tem levado, pelo que fala, pelo teu sorriso, pelo teu otimismo de grande brasileiro que é, você tem levado, para todos os brasileiros, um tempo novo, com essa tua missão. Meus parabéns. Eu fiquei muito honrado de ter participado um pouco do trabalho que conseguimos, do presidente Lula, o entusiasmo para que você fosse a essa missão.

**Marcos Pontes:** Muito obrigado, senhor Vice-Presidente. Eu me lembro do tempo que a gente conversava sobre a possibilidade desta missão, e hoje em dia está aqui, acontecendo. E eu tenho certeza que isso vai ser uma grande felicidade para todo mundo, e para a nossa Força Aérea também, e para todos os militares do Brasil. E eu tenho aquele carinho pela Força Aérea, na qual eu cresci, e graças a ela eu estou por aqui.

**Presidente:** Marcos, tendo mais uma chance, eu vou permitir que uma pessoa muito íntima tua, aliás, o teu chefe, possa te cumprimentar, que é o nosso querido brigadeiro Bueno.

**Brigadeiro Bueno:** Marcos, meus parabéns pelo cumprimento da missão. E quero lhe transmitir o seguinte: praticamente todos os dias nós temos jovens procurando entrar na Academia da Força Aérea para serem pilotos. E temos certeza que esta tua missão, como disseram todas as autoridades até este momento, ela vai servir e está servindo de um incentivo muito grande, despertando a juventude para a área de tecnologia. E felizmente, também, através da Aeronáutica. Meus parabéns, tudo de bom, um ótimo regresso, um bom pouso. E é tudo que nós podemos desejar a você e a todos os seus. Muito obrigado.



**Marcos Pontes:** Obrigado, Brigadeiro. Realmente, é com muito orgulho que eu carrego essas insígnias. E eu tenho certeza que muitos jovens vão estar também na nossa Força e prosseguindo, se Deus quiser, muito mais longe do que eu pude chegar.

**Presidente:** Olha, Marcos, desejo boa sorte. Amanhã eu sei que você vai falar para as crianças, nesse mesmo horário, vê se transmite esperança para as nossas crianças porque todos nós aqui, no Brasil, precisamos ter a esperança realimentada todo dia. Um grande abraço.

**Marcos Pontes:** Grande abraço, senhor Presidente. Obrigado pelas palavras, muito obrigado pela oportunidade.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita  
ao Complexo Industrial Ford Nordeste**

**Camaçari-BA, 05 de abril de 2006**

Meu caro Paulo Souto, governador do estado da Bahia,

Meu caro Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria  
e Comércio Exterior,

Meu caro companheiro Jaques Wagner, ex-ministro,

Deputados federais, Daniel Almeida, Luiz Alberto, Nelson Pellegrino e  
Zezéu Ribeiro,

Secretários de Estado da Bahia,

Meu caro Luiz Caetano, prefeito de Camaçari,

Oswaldo Cruz, de Jaguaquara,

Andréia Xavier, de Dias D'Ávila,

Moema Gramacho, de Lauro de Freitas,

Meu caro Antonio Maciel Neto, presidente da Ford da América do Sul,  
em nome de quem eu quero cumprimentar todos os dirigentes da Ford,

Meu caro Benedito Porfírio Lima, presidente do Conselho da Associação  
Brasileira dos Distribuidores da Ford,

Empresários,

Parceiros da Ford,

Trabalhadores, trabalhadoras,

Eu confesso a vocês que eu já sabia que a média de idade aqui era de  
24 anos. Essa é uma média de idade menor do que a da Seleção Brasileira  
que vai disputar a Copa do Mundo este ano. Isso significa que todos vocês têm  
chance de participar de uma futura Copa.

Mas, o que mais me toca é o fato de que foi mais ou menos com essa



idade que eu virei metalúrgico. Primeiro, eu fiz um curso no Senai e depois fui trabalhar numa metalúrgica. Eu fico olhando a fisionomia de vocês, homens e mulheres aqui presentes, e fico imaginando que futuro está reservado para nós nos próximos 20 ou 30 anos, num momento em que nós somos muito mais exigidos do que fomos em qualquer outra época da existência da Humanidade, num momento em que não basta o empresário se queixar do governo, o governo se queixar do Papa, o prefeito se queixar do governador, que se queixa do presidente. E todos nós vamos encontrando alguém para que a gente possa culpar por alguma coisa que não aconteceu no momento que deveria acontecer.

Nós estamos vivendo um momento em que a responsabilidade não é do presidente da República apenas, não é do governador apenas, não é do prefeito apenas e não é de nenhum de nós, individualmente. É uma responsabilidade coletiva para que possamos traçar juntos o tipo de país que nós queremos ser nos próximos 30 anos quando, então, alguns de vocês ainda não terão chegado à minha idade, à do Paulo Souto, à do Furlan ou do Maciel, que já chegamos à casa dos 60. O Maciel não sei, mas eu, certamente.

E a minha alegria é porque eu estava em Nova Iorque com o Furlan, participando de um grande evento com empresários americanos, e foi fazer uso da palavra a Vice-Presidente da Ford. E ela fez um discurso de elogio ao Brasil que, possivelmente, nem nós mesmos, brasileiros, seríamos capazes de fazer. Mais do que um elogio ao Brasil, ela fez um elogio à qualidade da mão-de-obra brasileira, à criatividade, à versatilidade e à capacidade de aprendizado do jovem baiano que, possivelmente, poucos baianos reconheceram, em público, como essa mulher reconheceu. E ela falava, Maciel, das 900 horas de treinamento dessa menina. Ela dizia para mim: “Presidente, não tem lugar do mundo, com qualquer tipo de treinamento que nós tenhamos feito, que tenha surgido um povo com a competência daquelas meninas e daqueles meninos da Bahia”.



Obviamente que quando a gente olha para uma quantidade de jovens, como eu e as pessoas aqui estamos olhando, a gente percebe que falta muito para a gente fazer no Brasil. E falta muito mesmo, porque durante muitas décadas uma parte do Brasil foi esquecida. Muitas vezes eu sou muito criticado nas regiões Sul e Sudeste porque dizem que eu olho muito pelo Nordeste e a minha tese é de que o Brasil precisa ser um país equânime.

Todas as regiões têm que ter a mesma oportunidade e, portanto, todas têm que ter o direito de se desenvolver porque, se não for assim, nós vamos garantir que as regiões mais ricas fiquem cada vez mais ricas e as regiões pobres fiquem cada vez mais pobres. Então, é preciso que o Nordeste brasileiro e o Norte do país tenham uma chance. A chance que não tivemos no século XX, nós temos que ter no século XXI.

Porque outros estados e outras partes do Brasil já conquistaram o direito de andar pelas suas próprias pernas, já têm capacidade de fazer as coisas que outros estados do Brasil, mais pobres, não têm. E quando uma empresa como a Ford se instala no Nordeste brasileiro, aqui na Bahia, e dá preferência em contratar mão-de-obra baiana, sem abrir mão de trazer técnicos importantes de outros lugares, porque se até no futebol o Brasil tem que ter os seus jogadores em outros times no mundo afora para dar qualidade, é importante que num primeiro momento a experiência adquirida pela Ford em outros países sirva para que se traga técnicos, até para ajudar a aprimorar aqueles que estão começando. Mas quando uma empresa dessas se instala num estado como a Bahia, contribui de forma decisiva.

Eu estou vendo um menino, eu não vou citar o nome dele para depois vocês não fiquem brincando com ele aqui, mas ele é de São Bernardo, de perto da minha casa, amigo dos meus filhos, mas eu vou dizer uma coisa para vocês, possivelmente ele tenha vivido na adolescência os preconceitos contra o nordestino e ele já está aqui há uns três anos e sabe que não era verdade o preconceito que se falava sobre o povo nordestino em vários lugares do Brasil.



Aquela história de que nós não iríamos aprender tanto quanto os outros. E quando a pessoa é preconceituosa contra os nordestinos, e eles querem elogiar a gente, quando a pessoa tem muito preconceito e quer elogiar o nordestino, eles olham para aqueles prédios grandes de São Paulo e falam: “não, o nordestino é bom porque ele faz ponte, ele faz prédio, porque faz viaduto”. Como se nós só fôssemos pedreiros ou ajudantes de pedreiro, como se nós não pudéssemos ser outra coisa.

Então, obviamente que para mim, como nordestino, é motivo de orgulho saber que não existe um ser humano menos incompetente do que outro, não existe um ser humano mais burro do que outro, como se fala na linguagem popular, o que existe é ser humano que tem oportunidade e ser humano que não tem oportunidade. O que existe é ser humano que tem informação e ser humano que não tem informação. No mais, o nosso saudoso Paulo Freire dizia: “se a gente tomar café todo dia, almoçar e jantar, todos nós seremos muito inteligentes”. E é isso que está acontecendo no Brasil neste momento.

E mais alegria ainda de saber que o crescimento da Ford, o fortalecimento da Ford, uma empresa que está apostando fortemente na sua engenharia... e não é apenas a Ford que tem que apostar, o Brasil tem que apostar, porque se a gente não apostar numa forte engenharia nacional para o setor automobilístico, nós vamos perder competitividade para outros países.

Eu sou do tempo, Maciel, em que até uma máquina de segunda mão a gente importava para modernizar a indústria automobilística no ABC paulista. Hoje, nós já temos carros que são pensados, projetados e fabricados no Brasil, por engenheiros brasileiros, por engenheiros aqui em Camaçari. Essa é a revolução, que não é a revolução apenas da produção, é a revolução do conhecimento, porque esse é o grande valor agregado que nós temos que exportar para o futuro.

E é por isso que nós estamos apostando de forma muito forte na educação brasileira. Ontem, por exemplo, nós definimos, à noite, o projeto de



reforma universitária que vai para o Congresso Nacional. Mas nós estamos, neste momento, no Brasil, fazendo quatro universidades federais novas, estamos transformando seis faculdades em novas universidades e estamos fazendo já, eram 42, passou para 45, extensões universitárias, levando vários braços das universidades federais existentes nas capitais dos estados brasileiros para o interior do país. Para quê? Para que o jovem do interior também tenha a oportunidade de ter universidade perto da sua cidade, ou na sua própria cidade. É por isso que, faz quinze dias, eu vim aqui anunciar a Universidade Federal do Recôncavo Baiano e a extensão em outra cidade, Cachoeira.

E agora, este ano, ainda vamos inaugurar 32 escolas técnicas, porque no Brasil havia uma paralisação nos cursos de formação técnica. Só poderia ser feito se o governo do estado assumisse, se a prefeitura assumisse ou se uma ONG assumisse. O governo federal tinha tirado da sua responsabilidade o ensino médio, o que é, na verdade, uma coisa quase criminosa, porque ao terminar o ensino fundamental as pessoas precisam ter uma formação intermediária, até poder chegar à universidade.

Vocês, aqui, na Bahia, sabem o sucesso do ProUni. O ProUni ainda vai ser reconhecido pela história como uma revolução na educação brasileira. Durante anos e anos os mais jovens, os estudantes, as entidades representativas dos estudantes discutiam como aumentar as universidades federais e aumentar o número de vagas, de alunos. Por causa de uma idéia engenhosa de nosso atual Ministro da Educação, que na época era chefe, era secretário-executivo do Ministério da Educação, nós fizemos um convênio com as universidades privadas, fizemos uma isenção de imposto. O imposto equivalente foi transformado em bolsa de estudo e nós tivemos, de janeiro do ano passado a fevereiro deste ano, 203 mil jovens, entre meninas e meninos que não tinham nenhuma oportunidade de entrar na universidade, que entraram agora. E todos eles oriundos de escolas públicas e, mais importante,



40% pessoas afrodescendentes, pessoas negras, meninas e meninos, que era o setor mais marginalizado dentre todos os marginalizados deste país.

Isso vai permitir que a gente possa vislumbrar que daqui a alguns anos a gente não vai ter medo de disputar com a China, a gente não vai ter medo de disputar com a Índia, a gente não vai ter medo de disputar qualidade com os nossos parceiros europeus ou mesmo com os Estados Unidos.

O dado concreto é que vocês significam a certeza, não apenas para o presidente da República, para o governador, mas a certeza, para os pais de vocês, de que daqui a 20 ou 30 anos o Brasil terá uma qualidade, da sua gente, mais aprimorada do que a minha geração e do que a geração que veio antes de mim. Isso vai ser bom para todo o país e, sobretudo, para os filhos e os netos de vocês.

Eu sei que vocês não pensam nisso ainda... “o coroa lá falou em neto e filho”... essas coisas acontecem quando a gente menos espera. Fique tranqüilo que haverá a chance para todo mundo e aí também é só uma questão de oportunidade, todo mundo vai chegar lá. Alguns não querem, não é, Mauro, alguns não querem chegar lá.

Bem, o dado concreto é que eu tinha vontade de visitar esta empresa há muito tempo. Eu falava com o Maciel... primeiro, porque era sabidamente uma fábrica moderna, uma experiência que a Ford mundial estava fazendo e, como eu tenho contato com a indústria automobilística desde 1969, eu estava me devendo uma visita a esta fábrica, que estou fazendo hoje.

Queria dizer a você, Maciel, como responsável pela Ford na América Latina, que eu acho que a América Latina vive um momento histórico, que se nós soubermos aproveitar, nós temos uma chance de transformar o século XXI no século da América Latina. O século XIX foi da Europa, o século XX foi dos Estados Unidos e por que não pegarmos para nós a responsabilidade de transformar o século XXI no grande século deste país? Para isso nós precisamos fazer forte investimento em pesquisa, para isso nós precisamos... e



you said right, in Brazil there was this prejudice against industrial policy, there were some technocrats and bureaucrats who said that there shouldn't be industrial policy. It is proven that you need to have industrial policy and that the State has an important role to play in defining, along with the business sector, the priorities, the regions that will be developed, including the question of financing. We are aware that the State cannot refuse and cannot leave it only to the market, because not always the market has the conditions to do it. We, through our minister Furlan, not only approved the Law of Technological Innovation, and you can pick up the notebooks, the specialized magazines, that you will realize that for a long time it was not investing in research as it has been investing.

We imagined forming ten thousand doctors, we have reached 10 thousand and 500 doctors and we want to create a brand, that Brazil never again can regress in the formation of doctors, because that is what will be the charm of Brazil here, or rather, it is not a child of the street, it will not be more favela or slum, it will not be just the carnival or football. We want fewer children of the street, fewer favelas and slums, we want everything, much carnival and much football, but we want to be recognized by our intelligence, by our capacity to produce, by our capacity to create and, in this, we are also unbeatable.

For this, Maciel, I want to thank you, to the direction of Ford, the kindness of the Governor in always being present at all the acts that I come here. But, above all, thank you and ask you, young people: Brazil is living a very important moment. If you follow the numbers of the economy, we have no reason to complain about the economic situation. Logical that when it comes to salary we always want more, it is like that, human life, people always want more. But the situation of the country is a promising situation. We work so that Brazil does not repeat the mistakes of the past, that it grows one year, falls the next, grows one year... You are realizing, a



inflação está altamente controlada, eu tenho a convicção de que será definitivo, e muito definitivo, o controle da inflação.

Hoje, nós temos uma situação... acabamos de assinar o decreto do salário mínimo, com um aumento de 13% real, o que há muito tempo não acontecia. E o mínimo sempre é pouco, porque é o mínimo. Acabamos de aprovar, mandar para o Congresso Nacional, uma lei que desconta do Imposto de Renda o pagamento do salário que a patroa faz para sua empregada, com o compromisso de que a empregadora passe a registrar a empregada, para que ela não seja uma trabalhadora informal. E nós demos um prazo, porque nós queremos ver se funciona de verdade. Se não funcionar, não tem sentido manter a lei. Mas isso foi extremamente importante.

Vocês sabem que hoje nós estamos numa situação... a massa salarial está crescendo, o crédito está crescendo de forma extraordinária. Pela primeira vez, a indústria automobilística não se queixa do mercado interno, que era uma coisa que criava muita confusão. Os juros dos carros baixaram nos últimos tempos. E eu acho que nós só temos que melhorar. O que nós precisamos, nós, governantes, é aprender com vocês, aqui da Ford, para que a gente possa ser motivo de elogio como foram vocês, pela direção da Ford Mundial. O que nós temos é que trabalhar para garantir que o Brasil dê uma oportunidade a si mesmo, para que o Brasil não tenha retrocesso, para que o Brasil possa ter muito mais fábricas, muito mais desenvolvimento no Nordeste, porque se tiver melhoria aqui, vai melhorar o país inteiro.

Portanto, muito obrigado a vocês, que Deus abençoe cada um de vocês. Muito obrigado, Governador, muito obrigado, Ministro, e muito obrigado, Maciel.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de entrega das obras de restauração do Palácio da Alvorada**

**Palácio da Alvorada, 06 de abril de 2006**

Bem, eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro José Alencar. E, cumprimentando o José Alencar, eu quero cumprimentar todas as pessoas que estão aqui na frente, comigo, e fazer uma deferência especial ao senhor Antônio Pereira Pacheco, que é esse senhor simpático, de 90 e picos de anos, que ajudou a construir – 97 anos – que é o morador mais antigo da Vila Planalto, que é a vila que iniciou a construção de Brasília.

Queria cumprimentar os empresários da Abdib. Agradecer porque, em nenhum momento, desde a primeira conversa que tivemos, encontramos, da parte dos empresários, qualquer objeção para dar essa contribuição na restauração deste Palácio.

Agradecer ao Oscar Niemeyer, está aqui o Sérgio Brasileiro, que eu espero ainda representante legítimo do Oscar Niemeyer. Antes de começar a restauração, eu fiz questão de convidar o Oscar Niemeyer para vir almoçar aqui, dizer para ele qual era o propósito da restauração. Ele não só concordou como autorizou que nós fizéssemos o que tinha que ser feito. Afinal de contas, como todo bom pai, ele não queria ver uma cria sua morrendo precocemente. Ele queria que essa sua cria fosse bem tratada.

E obviamente que é motivo de orgulho para o Brasil e para o mundo saber que, em algum lugar do planeta, tem uma obra dessa magnitude, motivo de orgulho dos brasileiros, em qualquer parte do mundo que estejamos.

Agradecer aos trabalhadores que trabalharam aqui. Eu não sei o nome de todos, mas eu não sei em quantos momentos da vida dos trabalhadores, eles trabalham com emoção. E o fato de que algumas centenas de trabalhadores, contratados para trabalhar na restauração, tenham entrado no



Palácio da Alvorada – e eu pude participar de um churrasco com eles, na despedida deles –, possivelmente tenha sido o trabalho da vida deles, possivelmente tenha sido o orgulho da sua atividade profissional, tal era a emoção com que trabalhavam.

E vocês sabem que o trabalho de reformar alguma coisa, de restaurar, é mais difícil que você começar a fazer uma coisa nova. E eu penso que esses trabalhadores ainda estejam aqui, agora, porque, certamente, como o senhor Antônio, que participou disso aqui, não sei quantas vezes ele entrou aqui, mas o dado concreto é que ele está aqui agora. Possivelmente, os que trabalharam aqui, passem muito tempo sem entrar num Palácio.

Agradecer ao Iphan pela compreensão de que era necessário dar um passo adiante, porque no Brasil, lamentavelmente, muitas vezes, quando você pensa em fazer uma restauração num monumento histórico, sempre aparece um engraçadinho para dizer: “Isso poderia estar sendo gasto em outra coisa. Isso daria para comprar tantas cestas básicas, daria para fazer tantas casas populares”. E, com medo da crítica, ninguém tem coragem de fazer.

E essas mesmas pessoas que criticam, quando viajam pelo mundo, adoram visitar os museus e os palácios, e voltam encantados com o Primeiro Mundo, voltam encantados com o espírito de preservação dos monumentos. E eles não sabem que, para aquilo durar até hoje, século XXI, precisou de alguém ter a coragem de cuidar daquilo, de gastar dinheiro naquilo, de restaurar aquilo.

E eu tinha lido um artigo – não vou citar nomes – de um presidente que quis restaurar, mas não faltaram notícias negativas contra a restauração. Aí as pessoas se encolhem e deixam ir deteriorando. Porque, muitas vezes, as pessoas que ganham as eleições para Presidente da República, imaginam: bom, eu vou ficar só quatro anos, para que que eu vou cuidar disso? Quatro anos passaM tão rápido. Mas eu sou de um tempo em que a gente alugava a casa para morar e mesmo a casa não sendo da gente, todo ano, no final do



ano, a gente pintava a casa da gente, a gente arrumava a casa da gente, porque a gente não estava arrumando para o dono da casa, a gente estava arrumando para que as pessoas que passassem vissem que, naquela casa, morava alguém que sabia cuidar da sua casa. E quem não gostava de uma casa bem pintada? Quem não gostava das coisas bem limpas?

E isso aqui precisava de uma reforma. Teve presidente que quis morar aqui, teve presidente que não quis morar aqui. Mas o dado concreto é que independentemente da vontade dos presidentes eleitos, isto aqui é um patrimônio da humanidade, é uma obra de Oscar Niemeyer, e só por isso merece o nosso respeito, e só por isso merece ser preservada.

Eu, quando chego a Salvador e vejo aquela parte do Pelourinho que está recuperada, quando a gente chega no centro velho de Recife e vê aquela parte que está sendo restaurada, quando a gente chega em Ouro Preto e vê aquela parte restaurada, quando a gente chega numa cidade e percebe que as pessoas estão cuidando das coisas...

Eu me lembro de uma vez, em São Paulo, quando o Jânio Quadros desmontou um conjunto de prédios que era um cortiço e, por detrás daquele prédio, tinha uma espécie de muro desenhado, uma espécie de arco romano. Aquilo ficou como monumento para São Paulo, as pessoas passavam e achavam bonito, orgulhavam-se de São Paulo por ter aquele arco romano. E várias outras cidades. Por que não o Palácio da Alvorada?

Os empresários não fizeram nenhum pedido, a não ser o pedido de fazer o que tinha que ser feito, de trabalhar de forma incansável. Nós, agora, podemos entregar ao Brasil um Palácio restaurado, um Palácio que nós fomos encontrar até jacarandá, que não existe mais no Brasil, numa reserva que o Ibama tinha, de madeiras apreendidas, e gentilmente o Ibama cedeu para que a gente restaurasse o Salão Norte, por causa do vazamento de água deste Palácio.



Mas, dentre todas as pessoas que eu preciso agradecer, eu tenho que agradecer à dona Marisa, porque se dependesse só da vontade do Presidente, a gente às vezes pensa em fazer uma coisa, dois minutos depois alguém descarrega na cabeça da gente um outro problema, a gente já esquece aquilo que a gente tinha pensado, que era prioridade anteriormente.

E quero dizer para vocês que a dona Marisa, como outros companheiros que a ajudaram, é que assumiram a responsabilidade de vir aqui quase todo dia, de fiscalizar, de discutir com engenheiros, de dar palpites – e quantos palpites, não é? Quantos palpites!

O dado concreto é que hoje nós estamos aqui. Eu espero que no Brasil, nos estados, nas prefeituras, no governo federal, cada um, num mandato, deveria restaurar uma obra. Se a gente fizesse isso, com o tanto de prefeituras que a gente tem, com vinte tantos estados, a gente estaria restaurando algumas centenas de monumentos todo ano, e a gente não passaria a vergonha de viajar o Brasil e ver fortes extraordinários – a gente percebe que era uma coisa suntuosa, criados pelos portugueses para defender o Brasil – que foram abandonados, deteriorados. A gente viaja para outros países, vai visitar o mesmo forte, bem restaurado, aquilo termina sendo uma fonte de riqueza para o país, porque as pessoas pagam para ver.

Então eu quero, de coração, agradecer à minha querida “cara metade”, dona Marisa Letícia. Agradecer, e até porque ela tem menos preocupação com o que dizem do que eu. Agradecer à Abdib. Godoy, muito obrigado. Quero agradecer ao Iphan, e quero dizer para vocês que, se depender de mim, tem muita coisa para ser restaurada neste país. E se depender de mim, vocês vão ser parceiros em outra restauração. Se quiserem ver uma coisa, é só entrar no Palácio do Planalto, é só entrar para ver como aquilo vai precisar... porque tem prédios aqui em que foram colocando carpetes em cima de carpetes, nós descobrimos três carpetes, um em cima do outro, quer dizer, numa demonstração, eu diria, de negligência de quem fez, até com a saúde.



Então, está entregue, temporariamente a mim, e, definitivamente para o povo brasileiro, novamente, o Palácio da Alvorada. Acho que nós devemos isso ao Juscelino. No Brasil, muitas vezes, as pessoas são recuperadas politicamente e eticamente depois que morrem. E nós vimos, agora, toda a história do Juscelino, deram a ele a dimensão que ele teve na época e que, muitas vezes, não foi reconhecida. Todo mundo sabe o que se falou do Juscelino, porque ele decidiu fazer Brasília e fazer isso aqui, todo mundo sabe.

Então, essa obra é uma homenagem a Juscelino, uma homenagem a Oscar Niemeyer que ainda está vivo, graças a Deus, porque se fizesse depois de morto: “Ah, porque ele morreu”. Não, ele está vivo, não está aqui porque quebrou o braço, mas tinha assumido o compromisso de vir. E essa restauração é uma homenagem ao povo brasileiro. Afinal de contas, todos os olhos podem passar ali de frente e olhar esta obra magnânima, que é o Palácio da Alvorada.

Obrigado pela presença de vocês. Obrigado pela compreensão. E vamos visitar, agora, porque vocês vieram aqui, não para ouvir discurso, mas para fazer a visita.

Muito obrigado a todos que colaboraram para esta obra.



**Discurso do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva na cerimônia de lançamento de edital de licitação para o Aeroporto Industrial de Campinas e anúncio de melhorias urbanas para a comunidade do entorno de Viracopos**

**Campinas-SP, 06 de abril de 2006**

Excelentíssima senhora Tarja Halonen, presidente da República da Finlândia,

Meu caro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu caro Aloizio Mercadante, senador e líder do governo no Senado,

Meu caro Hélio de Oliveira Santos, prefeito da cidade de Campinas,

Senhoras e senhores integrantes da comitiva da Finlândia,

Tenente-brigadeiro-do-ar José Carlos Pereira, presidente da Infraero,

Maria Fernanda Ramos Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Deputados federais Jamil Murad, João Hermann e Luciano Zica,

Meu caro Juan Quirós, presidente da Apex,

Senhores prefeitos Angelo Perugini, de Hortolândia; José Antonio Bacchin, de Sumaré; Eduardo Tadeu Pereira, Várzea Paulista;

Senhoras e senhores empresários,

Se eu esqueci algum prefeito é porque não está aqui na minha nominata, desculpem.

Meus queridos moradores e moradoras dos bairros próximos ao aeroporto de Viracopos,

Funcionários e funcionárias da Infraero,

Trabalhadores e trabalhadoras do aeroporto de Campinas,

Meus amigos da imprensa,

Empresários,



Meus amigos e minhas amigas,

Ontem, eu tive uma das maiores emoções que um homem pode ter na sua vida pública ou fora dela. Ontem, às 19h10, eu falei com o nosso astronauta que está a 350 quilômetros acima de nós. E foi uma emoção porque o Brasil, pelo que representa no cenário econômico mundial, pelo que representa no cenário político, há muito tempo reivindicava o direito de fazer experiências, pesquisas, no espaço.

Esse nosso astronauta, o tenente-coronel Marcos, ele estava preparado para fazer um vôo numa nave americana e que não foi possível, foi suspenso, adiado o lançamento, e eu tive o prazer de recebê-lo por ocasião do adiamento. Era um jovem com uma vontade extraordinária de cumprir a tarefa para a qual ele tinha se preparado. E nós, então, resolvemos fazer convênio com o Departamento Espacial russo, para que ele fizesse esse vôo. E eu penso que a alegria dele – e ele disse na televisão ontem – quando passava, quando a terra passava embaixo dele e ele conseguia visualizar o território brasileiro, ele disse que a emoção é tão grande que um ser humano não é capaz de medir a sensação que sente.

E a segunda emoção que eu tive ontem foi a visita à fábrica da Ford, em Camaçari, na Bahia, e a inauguração da fábrica de pneus Continental.

Meus caros deputados, meu caro Aloizio Mercadante, meu caro prefeito, a emoção era porque há muito tempo eu não via uma quantidade de jovens, com média de idade de 23 anos e 24 anos, de trabalhadores contratados, treinados para ser orgulhosamente elogiados em qualquer parte do mundo, como a mão-de-obra mais qualificada que essas indústrias multinacionais têm, em todos os países em que elas têm suas filiais. E quando a gente vê um menino daqueles preparado para o mercado de trabalho e a gente vê um menino daqueles preparado na sua formação profissional, com emprego



garantido, a gente fica imaginando que haverá um dia neste país em que nós teremos menos Febem e mais indústria, menos Febem e mais escola.

Porque o resultado dessas crianças e adolescentes que, muitas vezes, nós vemos na televisão e ficamos horrorizados com as cenas, nós deveríamos ficar um pouco horrorizados conosco mesmos, porque essa meninada é o resultado do descaso que ao longo de tantos e tantos anos, no Brasil, nós tivemos em cuidar da educação deste país. O dia em que cada governante deste país admitir, na sua consciência e na sua alma, que cada tijolo que a gente colocar para gerar uma escola e para gerar um emprego, a gente não precisará colocar um tijolo para criar uma Febem ou uma prisão, nós temos que fazer essa opção para a gente poder saber que país nós teremos daqui a 15 ou 20 anos.

Eu estou dizendo isso num momento altamente promissor. Eu não me canso de dizer que no Brasil nós temos os pessimistas de plantão. Aqueles que se levantam de manhã, sem querer enxergar a realidade e dão palpites e mais palpites que viram manchetes e mais manchetes de coisas que, na verdade, não estão acontecendo. São coisas que eles gostariam que acontecesse porque no Brasil tem gente que não se contenta em ver alguém fazer mais do que eles. Tem gente que não se contenta que as coisas dêem certo.

Eu me lembro de uma história famosa, na década de 40, aqui em São Paulo, quando um governador, aqui em São Paulo, o João Herrmann deve lembrar disso, quando o governador tentou construir uma escola em Sertãozinho, que até então era um subdistrito de Ribeirão Preto, e uma escola de qualidade como tinha, não sei se D. Pedro II, em Ribeirão Preto, mas que era uma escola de elite, do ponto de vista não de elite apenas econômica, mas de elite de conteúdo, de eficiência. E esse governador, ao tentar construir uma escola no subdistrito de Ribeirão Preto, não estava tirando nada do povo de Ribeirão Preto, apenas dando uma oportunidade ao povo de Sertãozinho. Houve uma gritaria contra esse governador porque diziam que ele estava



gastando dinheiro para cuidar de fazer uma escola de qualidade numa cidade que nem era cidade.

Isto persiste até hoje no Brasil, tem gente que acha que o seu desenvolvimento, o seu enriquecimento necessita da pobreza de outro, que a melhora de qualidade da sua vida necessita da piora da qualidade de vida do outro. Aliás, no Brasil se habituou a dizer que a corda arrebenta do lado mais fraco. Qualquer um de nós, do mais humilde dos brasileiros ao mais público dos brasileiros, nós sabemos que esse ditado popular aparece sempre na nossa rodinha de amigos: “ah, a corda arrebenta do lado mais fraco”.

Na verdade, quem cunhou esse ditado popular foi um malandro, porque ele cunhou para tentar convencer a parte mais pobre que ela tem que perder sempre, que ela precisa sempre levar desvantagem, quando a gente poderia ter dito: “a corda não precisa arrebentar”. Por que a corda tem que arrebentar? A corda pode ficar sem arrebentar e a gente fazer com que os vários segmentos da sociedade possam viver em harmonia, cada um tendo aquilo que é possível ter naquele momento, sem que ninguém possa prejudicar ninguém na distribuição do bolo que nós temos que fazer no país.

E é isso que me traz a este Aeroporto. Quero fazer justiça ao prefeito Hélio, porque eu já conheci muitos prefeitos desta cidade e ninguém nunca me colocou este problema. O Hélio, logo que ganhou as eleições, foi a Brasília e reivindicou muitas coisas, mas duas que eu considero extremamente importantes: o hospital, que estava sendo prometido há tantos e tantos anos e que não era concluído nunca, e a outra coisa que o Hélio me dizia: “Presidente, tem uma população lá que envolve dez bairros, em Campinas, próximos do Aeroporto de Viracopos, e aquelas pessoas vão dormir toda noite assustadas porque todo mundo diz, todo santo dia, que a nova pista do Aeroporto vai tirar as pessoas dos lugares em que elas moram, Presidente. E era possível, Presidente, que ao invés de ameaçar essas pessoas, a gente desse tranqüilidade a essas pessoas porque já são pessoas pobres, já são pessoas



que têm dificuldade de sobreviver e ainda mais com o susto de que alguém vai tirá-las do seu pedacinho de terra. Aí, Presidente, não é vida, é um inferno.” Eu disse ao companheiro Hélio: Hélio, eu vou conversar com a Infraero e você pode começar a dizer ao povo dos bairros de Campinas que se for preciso fazer um aeroporto redondo, a gente faz, mas a gente não tira o povo do bairro em que ele está.

Vejam, o que nós estamos fazendo aqui, hoje, é dizer a vocês: olha, primeiro, o Aeroporto vai se transformar num extraordinário aeroporto industrial. Dezenas ou centenas de empresários brasileiros vão, aqui, poder fazer os seus investimentos, produzir produtos de alta tecnologia, com muito valor agregado, enriquecer ainda mais a região de Campinas, o estado de São Paulo e o nosso país, gerar emprego de qualidade para milhares e milhares de homens e mulheres desta região, sem importunar a vida do nosso povo. Apenas com a decisão de que nós vamos fazer a pista para o outro lado, vamos desocupar outras áreas. E nós sabemos que toda vez que a gente quer mexer em alguma coisa de aeroporto, tem problema ambiental.

O Aeroporto de Brasília, quando eu tomei posse, estava há oito anos impedido de construir a segunda pista porque havia um embargo na Justiça, porque um cidadão que tinha ocupado uma área indevidamente, depois que ocupou a área se deu ao luxo de dizer que os aviões faziam barulho e não queria que a área fosse construída lá. No Brasil é assim, quando é uma pessoa de posses que ocupa uma área, ela ainda atrapalha o desenvolvimento. Quando é um pobre, a polícia logo é chamada para tirar o pobre da área em que ele está colocado. Pois bem, nós, depois de muita briga, conseguimos concluir a segunda pista de Brasília.

E agora eu posso dizer para vocês, vai ter briga na Justiça? Vai. Eu fui construir a segunda pista do aeroporto de Vitória e um grupo de empresários do estado do Espírito Santo, que queria que eu fizesse o aeroporto em Guarapari, não em Vitória, fizeram 500 ações. Nós fomos derrotando uma por



uma e estamos concluindo a segunda pista do Aeroporto de Vitória em Vitória, não em Guarapari. Aqui vai ter ações? Justo este ano que é um ano eleitoral, Hélio? Pode-se preparar que não vai faltar quem crie caso.

Agora, o que você precisa, meu caro, é não perder a tranquilidade. A chave para você vencer adversários truculentos é ter tranquilidade, porque nós vamos fazer a segunda pista, o povo vai ficar e não apenas ficar. Está aqui o Ministro das Cidades, está aqui a Presidente da Caixa Econômica Federal, não é apenas ficar do jeito que está. Foi assinado o contrato para construir mil casas, através do programa PAR que é um processo de arrendamento em que a pessoa paga como se fosse um aluguel e depois a casa fica para ela. Eu disse ao Hélio para preparar, dentro dos próximos 15 dias, um projeto para melhorar as habitações e levar à Brasília para a gente poder colocar o dinheiro. Já tem o projeto pronto, sendo analisado pelo Ministro das Cidades para a questão de água e saneamento básico nesta região, e o programa da luz, que eu vi que foi assinado ali.

Ou seja, significa que, quem sabe, no ano que vem, sendo presidente ou não, o Hélio eu sei que será prefeito, mas no ano que vem, quem sabe, a gente volte aqui para visitar este bairro com luz, com água encanada, com saneamento básico, muita gente com casa nova, apenas para dar o sinal. No Brasil, pobre não é mais tratado como cidadão de segunda classe, pobre é tratado com o respeito que qualquer ser humano precisa ser tratado e que a Constituição permite e obriga que seja tratado.

Esses empresários que vão participar do aeroporto industrial serão empresários abençoados e privilegiados, porque nós vamos botar num aeroporto extraordinariamente importante, numa região onde tem um predomínio de conhecimento tecnológico extraordinário, porque Campinas não é só Carlos Gomes, que já é por demais importante para o nosso orgulho, mas Campinas é uma cidade tecnológica, é uma cidade preparada, afinal de contas, é uma cidade que tem a Unicamp, é uma cidade que tem a PUC, fora outras,



vou falar apenas dessas duas. É uma cidade que tem mão-de-obra extremamente qualificada, portanto, os empresários sabem que ao participar da concorrência para instalar uma fábrica aqui, eles vão poder garantir o crescimento da sua indústria, o crescimento da sua exportação, mais valor agregado ao seu produto e, portanto, vão ganhar mais dinheiro. E a contrapartida é gerar empregos para essa quantidade enorme de pessoas que precisam trabalhar no país.

A segunda coisa que eu acho extremamente importante é o momento que nós estamos vivendo hoje. O Aloizio Mercadante, que é um dos mais extraordinários economistas deste país e que sabe tratar de números como poucos tratam neste país... Ontem, eu ouvi uma notícia boa. A indústria automobilística cresceu 9% em relação a março do ano passado. Mas eu já tinha ouvido uma notícia boa: no mês de fevereiro nós crescemos 1,2% diante de janeiro e mais importante, no primeiro bimestre de 2006, nós crescemos 4,2% sobre o primeiro bimestre no ano passado. As informações que eu tenho é que a economia vai crescer de forma sólida, exatamente do jeito que nós programamos e temos falado.

Nós não queremos dar um salto de crescer 10% num ano e cair para 1%. Nós queremos crescer entre 4 e 5%, mas de forma sólida durante 10 ou 15 anos, para que o Brasil deixe de ser um país emergente e passe a ser um país definitivamente desenvolvido. Isso será possível se a gente continuar fazendo as coisas com seriedade.

Eu digo sempre, Aloizio, que em economia não tem mágica. Em economia não tem aquele negócio de você levantar de manhã e dizer: eu pensei um plano, esse plano vai ser fantástico e eu vou anunciar. Por exemplo, tem gente que fala assim para mim... eu recebo muita gente, Aloizio, se queixando que a moeda brasileira está muito forte, que o câmbio está muito baixo e que, portanto, está dificultando as exportações. Eu ouço isso todo dia. Aí, quando é dia 2 de abril, me liga o Furlan, do Rio de Janeiro: "Presidente,



uma boa notícia.” Qual é a boa notícia? “Presidente, exportamos 11 bilhões, 336 milhões de dólares no mês de março, é recorde de toda a história brasileira num único mês. Mais importante, Presidente, também batemos recorde das importações, 7 bilhões, 656 milhões. Outra coisa importante, Presidente, batemos recorde no fluxo mensal de importação, é a primeira vez que nós chegamos a 19 bilhões e 53 milhões de dólares num único mês. Mas outra notícia importante, Presidente, nós tínhamos previsto no PPA chegarmos a um fluxo de exportação, a um fluxo na nossa balança comercial, entre exportação e importação, de 215 bilhões de dólares, em 2007, em março de 2006 nós já chegamos a 200 bilhões de dólares.”

Ora, eu, então, tenho dito aos empresários: olha meus filhos – quando a gente tem 60 anos a gente trata todo mundo de meus filhos – o negócio é o seguinte: vocês sabem que o câmbio tem que ser flutuante. Não há possibilidade do país dar certo se a gente tentar inventar uma lógica do câmbio. Aqui, nós inventamos uma vez. Em 1998 o mercado resolveu o problema, quando resolveu se dizer neste país que o real valia mais que um dólar. E na Argentina quando se dizia que o peso era igual a um dólar. Quando você tenta contar uma inverdade dessas ou criar uma condição marcoeconômica, que não tem base sólida de sustentação. Quando a mentira esvai-se, o prejuízo fica e o Aloizio Mercadante sabe que este país quebrou duas vezes.

Bem, eu tenho dito para as pessoas: o que vai regular o câmbio no Brasil são duas possibilidades. Primeiro, o que está acontecendo já, da taxa de juros ir caindo, e vai caindo. Segundo, a gente manter a inflação altamente controlada, porque quem quer inflação alta neste país é quem vive de especulação. O trabalhador brasileiro, que recebe um salário no final do mês, a ele não interessa a inflação, porque ela corrói o seu poder de compra. O que é gostoso é ver um trabalhador na televisão mostrar que ele agora está podendo comer um quilo de filé mignon. O que é gostoso é ver um trabalhador dizer que



agora está comprando um saco de cimento por R\$ 9,50, que custava RS 23,00. O que é gostoso é a gente ouvir dizer... o que dá prazer na vida pública é a gente ver uma dona de casa dizer: eu pagava o arroz Tio João a R\$ 13,00, Presidente, em 2003; agora eu estou pagando R\$ 4,90 ou R\$ 5,00, em um pacote de cinco quilos.”

Então, é essa manutenção da estabilidade que vai garantir que o câmbio se ajuste de acordo com a necessidade que precisa ter. Então, a redução de juros, a manutenção da estabilidade econômica e o aumento das importações brasileiras... o Brasil precisa aumentar a suas importações, sobretudo a importação de bens de capital. Nós temos que comprar máquinas novas para poder modernizar a nossa indústria, para ganharmos mais competitividade, porque do jeito que nós estamos, nós estamos exportando muito. E aí tem dólar demais, e aí não adianta só o Banco Central comprar dólar que não resolve.

Aloizio Mercadante, você sabia que a Petrobras, nunca, na sua história, em mais de 50 anos, nunca tinha tido superávit na sua balança comercial? Ela sempre foi deficitária, porque a Petrobras sempre teve que importar petróleo. Você sabe que agora, este ano, a Petrobras vai ter 3 bilhões de dólares de superávit na sua balança comercial? Ora, meu Deus do céu, então na medida em que entram muitos dólares, não adianta o Banco Central comprar que não vai regular, nós precisamos é aumentar as exportações brasileiras, as importações, para que a gente possa, num tripé de estabilidade econômica, de juros mais reduzidos e de maior importação, fazer a moeda chegar ao ponto de equilíbrio, sem que o presidente da República faça um decreto, uma medida provisória ou invente uma mágica de dizer: agora vai ser assim.

Porque eu recebo de manhã um empresário que exporta, e ele fala: “o câmbio está baixo”. Aí ele sai, vira as costas, vai embora e entra um que importa e fala: “o câmbio está bom”. Aí saem os dois e entra um que deve em dólar e fala: “Presidente, está ótimo assim, porque eu estou podendo pagar a



minha dívida”. Então, veja, como não dá para a gente contentar todo mundo, só Deus, a gente tem que fazer a média. Qual é a média? É o que estamos fazendo, o câmbio é flutuante e o único defeito do câmbio flutuante é que ele flutua, é o único defeito. Imagina se a bóia de uma caixa d’água não flutuasse: ou ela não encheria nunca ou ela encheria até vazar. Então, nós vamos manter essa tranqüilidade. Nada, eu quero dizer aos empresários, aos trabalhadores e aos jornalistas, nada me fará, por causa de um ano eleitoral, tomar uma decisão que possa colocar em risco tudo o que nós plantamos até agora, e não foi pouca coisa, vocês sabem disso.

Agora, nós estamos vivendo um momento engraçado, esses dias eu vi um programa de televisão, não vou dizer de quem porque vocês viram. Virou moda agora as pessoas dizerem assim, Aloizio: “ah, porque São Paulo cresce mais do que o Brasil”, “ah, porque o Rio de Janeiro cresce mais do que o Brasil”. Esses dias eu fui num estado do Nordeste: “ah, porque o Nordeste cresce mais do que o Brasil”, aquele estado. Agora, é engraçado, parece coincidência, Celso, mas esses estados só estão crescendo mais do que o Brasil, quando o Brasil começou a crescer no nosso governo. Peguem o que aconteceu nos dez anos anteriores, estudem o que aconteceu de 2002 a 1994, não esperem que eu diga, não, peguem e vocês vão perceber que todos os estados começaram a crescer mais exatamente porque o Brasil começou a crescer mais, e em alguns estados industrializados como São Paulo, proporcionalmente, se o Brasil cai, ele cai, se o Brasil cresce, ele cresce.

A pergunta que eu faço é a seguinte: Por que não cresceu antes de nós governarmos o país? Por que não cresceu nos últimos 8 anos? Então, como está virando moda, agora Aloizio, seria importante, você que é especialista nisso, fazer um estudo para mostrar o que era, quantos desempregados aconteceram em São Paulo. Quantos? E nós tivemos uma coisa extraordinária, no mês de fevereiro, que é o mês mais curto do ano e ainda teve carnaval, nós criamos 176 mil novos empregos com carteira profissional assinada. É o maior



número de criação de emprego no mês de fevereiro desde 1992, e por tudo que eu tenho de informação as coisas estão melhorando e vão melhorar mais.

Eu queria perguntar para os empresários, para os deputados: há quanto tempo vocês não viam falar no investimento em universidades no estado de São Paulo? Qual foi a última universidade que vocês viram fazer aqui, em São Paulo? Pois bem, nós levamos curso de medicina para Santos, nós estamos criando a Universidade Tecnológica do ABC, nós levamos um braço do curso de medicina para Diadema, nós levamos universidade para Guarulhos, levamos uma para Sorocaba, não, São Carlos, e agora vamos levar para Osasco, que é uma cidade de 1 milhão e 100 mil habitantes que não tem uma universidade pública. Campinas já tem muitas universidades.

Sabe o que nós estamos fazendo, na verdade? É essa revolução que não é de curtíssimo prazo, é de médio prazo, que o Brasil precisa. Qual é a revolução? Nós estamos fazendo quatro universidades federais novas, estamos transformando seis faculdades e universidades e estamos fazendo agora 43 extensões universitárias, levando braços das universidades federais para o interior do país, para que a gente possa dar densidade aos objetivos do Brasil de se transformar numa grande Nação, porque nenhuma nação será grande se não tiver um forte investimento na educação.

E não era à toa que eu dizia que era preciso chegar um metalúrgico à Presidência para cuidar da educação deste país. Eu não dizia isso por fanfarrice e nem por preconceito, é porque muitas vezes aqueles que tiveram chance de estudar em escola pública gratuita se esqueceram de que foi o povo trabalhador que pagou os seus estudos e que ele poderia devolver criando novas oportunidades para o povo pobre poder entrar nas universidades deste país.

E por isso criamos o ProUni. O ProUni é uma revolução na educação brasileira. Em apenas 12 meses nós colocamos 203 mil jovens a mais na universidade brasileiras, jovens da periferia que estudaram na escola pública e



que jamais teriam chance de entrar numa universidade. E com muito mais orgulho ainda, Hélio, desses 203 mil jovens, 40% são jovens afrodescendentes, são meninas e meninos negros que normalmente, no Brasil, são marginalizados e que não têm chance de ter uma oportunidade. E quando eu falo nisso, por favor, não façam biquinho ou beicinho de raiva não, vá num banco ver se você vê um negro trabalhando no balcão, vá num dentista ver se você encontra um negro, na maioria das pessoas não tem, porque essas pessoas não tiveram oportunidade e, se não tem oportunidade, não se vai para lugar nenhum.

Então, nós temos três coisas para fazer agora: é cuidar de manter a estabilidade econômica, cuidar de fazer investimentos em infra-estrutura, que estamos fazendo e, ao mesmo tempo, cuidar de atrair muita gente para ajudar a parte mais pobre da população brasileira. É com esse tripé de comportamento que a gente pode ter um país desenvolvido de forma mais justa, um país com desenvolvimento mais solidário, em que nós não queremos que o empresário ganhe menos, nós queremos que o trabalhador ganhe um pouco mais; nós não queremos tirar alguém da universidade, o que nós queremos é criar uma vaga a mais na universidade. Então, não estamos pegando alguém pelo braço e tirando: você não pode estudar. Não, está estudando? Maravilha. O que nós queremos é colocar uma carteirinha do seu lado para que outro mais pobre possa estudar. É este país que será o país do século XXI, é este país que vai transformar o Brasil, definitivamente, numa grande potência.

Nós, agora, estamos pensando, Hélio, estamos trabalhando para fazer um projeto de lei para mandar para o Congresso, nós agora queremos nos desfazer de quase todas as propriedades que o governo tem, que são inúteis. São 900 mil títulos que a gente pode distribuir assim que a gente regularizar a legislação, para não ficar dando dinheiro para cartório, dinheiro não sei para quem, ou seja, tem terrenos e tem prédios que a gente pode dar para as



peças morarem, não precisa ficar na mão da União. A gente não tem condições de administrar.

Então, eu acho, querido Hélio, pode ficar certo, a gente nunca sabe se vai estar vivo amanhã, mas eu tenho fé em Deus. Quando eu cheguei aqui o Hélio falou: “eu estou com a boca um pouco inchada, não vou poder falar.” Imagina se ele pudesse falar, então, o que tinha acontecido aqui. Eu tenho fé em Deus que você, sendo presidente ou não, vai me convidar para vir aqui, para a gente poder mostrar para esse povo o aeroporto pronto, as empresas produzindo e eles morando decentemente, no lugar que é deles.

Muito obrigado, que Deus abençoe a todos vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no World Economic Forum on Latin América**

**São Paulo-SP, 06 de abril de 2006**

Eu quero, primeiro, cumprimentar os nossos convidados, os convidados do Fórum, que estão aqui no estado de São Paulo, discutindo o que discutimos todo dia – desenvolvimento, investimentos e melhoria do nosso planeta.

Eu quero cumprimentar o Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, que acaba de fazer uma grande reunião na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Quero cumprimentar o ministro Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Quero cumprimentar o Henrique Meirelles, presidente do Banco Central do Brasil,

Quero cumprimentar o nosso ministro da Cultura, Gilberto Gil,

O nosso ministro das Cidades, Márcio Fortes,

Quero cumprimentar os diretores-executivos do Economic Forum,

Quero cumprimentar o Luiz Augusto Moreno – já cumprimentei,

Quero cumprimentar Sylvie Naville, diretora para a América Latina do Fórum Econômico,

O nosso senador Aloísio Mercadante,

O nosso Jorge Gerdau, presidente da Gerdau,

Quero cumprimentar os jornalistas,

E quero dizer a vocês da importância deste Fórum, já que eu não tive a oportunidade de ir a Davos em 2006. Não que eu não quisesse ir, é que a programação era mais intensa no Brasil. Mas eu espero que em janeiro de 2007 o mesmo espaço em que eu fiz o primeiro discurso como presidente da



República, em 2003, que eu possa voltar em 2007 para mostrar o que aconteceu no Brasil nesses quatro anos. Isso, como presidente ou sem ser presidente. Eu espero que o Fórum não tenha preconceito de convidar quem não é presidente.

Bem, meus amigos, pela primeira vez, em muitos anos, a América do Sul vive não apenas uma convergência inédita de governos que compartilham valores e agendas democráticas mas, sobretudo, desfruta condições excepcionalmente favoráveis no plano econômico, regional e mundial.

Voltamos a crescer com inflação baixa e níveis declinantes de endividamento externo. O investimento se recupera e a taxa média do PIB está próxima de 20%. O comércio entre os países sul-americanos prospera celeremente. No caso do Brasil, ele já representa a fatia mais dinâmica das nossas exportações. É importante lembrar que é a primeira vez que nós exportamos mais para a América Latina do que para os Estados Unidos, individualmente, e para a Europa. Temos auto-suficiência energética, com oferta abundante de gás, petróleo e fontes alternativas de combustíveis renováveis. Nosso vasto repertório mineral inclui cobre, ferro, bauxita entre outras *commodities* que desfrutam de um largo horizonte de demanda externa. Há espaço para uma política estratégica de agregação de valor que supere a lógica de fornecedor primário vigente em nossa região durante séculos.

Aqui, é importante fazer um parêntese para dizer para vocês que, no Brasil, nós nos convencemos, depois de tomar posse, que o Brasil só chegará a ser considerado um país de primeiro mundo se nós definirmos duas coisas: uma forte política industrial e uma forte política de inovação tecnológica. E, para isso, nós investimos – e os brasileiros que estão aqui não sabem, e é importante saber – que poucas vezes nós conseguimos formar o montante de doutores que formamos nesse período. Poucas vezes se publicou tantos artigos em revistas especializadas como os nossos pesquisadores têm



publicado nos últimos tempos e poucas vezes se investiu na formação profissional como nós temos investido.

É importante lembrar que nós estamos construindo quatro universidades federais novas, nós estamos transformando seis faculdades em universidades e estamos fazendo 43 extensões universitárias, levando braços das universidades federais nas capitais para o interior do país e estamos recuperando a capacidade do Brasil de investir em escolas técnicas que estavam praticamente proibidas por lei desde 1998. E nós nos convencemos de que o Brasil não será o país competitivo que nós queremos que seja, e o Brasil não será o exportador de valor agregado se nós não qualificarmos melhor a nossa mão-de-obra e, sobretudo, a nossa juventude. Até junho estarei inaugurando 25 escolas técnicas de 32 que estamos construindo e, ao mesmo tempo, nós criamos um programa, que pode até orientar outros países a fazer o mesmo que nós fizemos. Criamos um convênio com as universidades federais, com as universidades particulares, e em apenas 12 meses nós colocamos na universidade 203 mil novos jovens da periferia, todos oriundos de escolas públicas, que jamais teriam possibilidade de chegar à universidade, porque não passavam no vestibular nas escolas públicas e não tinham dinheiro para as escolas privadas. Com o ProUni, nós incluímos 203 mil jovens na universidade brasileira, teremos mais 46 mil jovens agora, no mês de junho e, se Deus quiser, nos próximos três anos, nós teremos um saldo positivo de 760 mil novos jovens cursando as universidades brasileiras, sejam as privadas que estamos fazendo, sejam as públicas. E aí, sim, o Brasil irá colocar valor agregado nas coisas que exporta, porque queremos exportar junto com as nossas matérias-primas, junto com os produtos manufaturados, exportar um pouco mais da inteligência do Brasil e da América do Sul.

Para que esse potencial se concretize, porém, existe um pressuposto que pode ser resumido numa palavra, mais do que em qualquer outra: infraestrutura. Os senhores sabem que, quando tomamos posse, nós resolvemos



olhar um pouco para a América do Sul – e eu quero que nosso presidente Moreno preste bem atenção. O problema da América do Sul, além dos problemas políticos, de instabilidade que vivemos durante muito tempo, além do populismo histórico em muitos países, o problema na América do Sul é que muitas vezes nós ficamos olhando ora para a Europa, admirando a riqueza da Europa, ora para os Estados Unidos, admirando a riqueza dos Estados Unidos, ora para a China, admirando o crescimento vertiginoso da China nos últimos dez anos, e não parávamos para pensar por que nós não tínhamos a mesma possibilidade e por que nós não crescíamos. Ou seja, ficávamos como aquele morador de uma casa que fica olhando por que a vizinha conseguiu comprar uma televisão nova, sabe, e um pouco de ciúmes da vizinha, com um pouco de inveja, ao invés de dizermos: o que nós temos que fazer para poder chegar lá e comprar a televisão nova.

E nós resolvemos, depois de visitar a América do Sul como jamais alguém visitou, todos os países – alguns mais de uma vez – e receber aqui, no Brasil, todos os presidentes mais de uma vez, nós chegamos à conclusão de que era preciso definir projetos estratégicos de infra-estrutura nos países da América do Sul. Sem esses investimentos em infra-estrutura, nós iríamos passar mais um século olhando a Europa, olhando os Estados Unidos e a China e não iríamos nos desenvolver.

Por isso, o Brasil tomou a decisão e hoje nós temos pelo menos um investimento em cada país da América do Sul, investimentos em estradas, em pontes, em hidrelétricas, em saneamento básico, em metrô, porque nós achamos que o Brasil, como a maior economia do nosso Continente, tem que ter a responsabilidade de fazer gestos e financiamentos para que a gente possa dar um salto de qualidade no desenvolvimento da América do Sul.

Temos a oferecer ao capital privado um novo pólo mundial de investimentos. Um gigantesco canteiro de obras para parcerias estratégicas que vão acelerar a integração física num mercado de mais de 300 milhões de



consumidores. E, aí, volta a questão da infra-estrutura. Se nós não tivermos pontes, se não tivermos estradas, se não tivermos ferrovias, se não tivermos a energia e se não cuidarmos da telecomunicação, nós iremos passar mais um século falando da necessidade da integração latino-americana e sul-americana e não irá acontecer essa integração.

Da mesma forma que a infra-estrutura e o investimento em educação é a base para o desenvolvimento que precisa o Brasil, que precisa a Argentina, que precisa a Colômbia, que precisa o México, que precisa a Guatemala. Ou seja, se nós não cuidarmos de definir o que que queremos ser daqui a 20 ou 30 anos, daqui a 20 ou 30 anos nós seremos tão pequenos e tão pobres como somos hoje.

Portanto, não depende de outros países apenas, depende de nós definirmos o projeto que nós queremos, começarmos a construir, porque quando as pessoas, sejam governantes ou investidores, perceberem que estamos agindo com seriedade, obviamente que vai ficar muito mais fácil as pessoas fazerem investimentos no Brasil.

Durante séculos essa riqueza viveu desconhecida de si mesma. Agora nossas economias redescobrem sua vocação para crescer de forma cooperada e solidária numa comunidade de nações. Pela primeira vez, nas últimas décadas, há liquidez e lastro de reservas na América do Sul para o manejo de fundos e políticas comuns que impulsionem os investimentos requeridos pela nossa história. Há convergência de propósitos políticos para combater a pobreza e a fome, sem abdicar da estabilidade. Há, especialmente, maturidade democrática para corrigir equívocos de um passado recente que concedeu ao mercado mais do que ele pode arcar – ao mesmo tempo em que dispensou o Estado de obrigações intransferíveis na coordenação do crescimento com a distribuição de oportunidades sociais.

São essas balizas inéditas de clareza histórica, sedimentação econômica e equilíbrio institucional que orientam o atual ciclo de integração de



mercados em nossa região. Cumprimos um duro aprendizado. É preciso que os organismos internacionais e os países mais ricos façam a sua parte. Trata-se de ajustar suas agendas, corrigir preconceitos e renovar sua visão histórica em relação à América Latina. Sobretudo, é necessário evitar que a atual recuperação se perca no sorvedouro de um protecionismo internacional tão perverso quanto os desequilíbrios comerciais vigentes na ordem colonial.

O desenvolvimento – como todos nós sabemos – não é uma fatalidade na vida dos povos. Ao contrário: trata-se da grande obra da maturidade democrática de uma Nação, que exige fina sintonia entre instituições políticas e forças sociais, entre os impulsos do mercado e as demandas acumuladas pela sociedade. Esse equilíbrio não se produz em laboratório, nem decorre de lógicas autárquicas de gestão ou choques administrativos, tão artificiais e autoritários quanto o fetichismo estatizante do passado. Hoje, creio, essa consciência histórica está disseminada por toda a América Latina.

O Brasil orgulha-se de integrar um Continente que resgatou sua autoconfiança política e recuperou a esperança num novo ciclo de desenvolvimento sustentável.

Minhas amigas e meus amigos,

O Brasil tem participado dessa empreitada coletiva com absoluto desprendimento político, baseado numa visão não hegemônica, mas cooperativa e solidária da integração regional. Com esse propósito fizemos 32 visitas a países sul-americanos em nosso mandato. E tivemos a honra de receber presidentes de países-irmãos 28 vezes em nossa terra.

Esse desassombro histórico uniu as forças do Mercosul e da Comunidade Andina com a criação da Comunidade Sul-Americana de Nações. O Brasil tem uma robusta agenda de parcerias em uma dezena de projetos com países-irmãos, inclusive a ligação transoceânica entre o Atlântico e o Pacífico, em conjunto com o Peru.

Em dezembro último, demos mais um passo corajoso nessa caminhada.



Trata-se de um acordo entre Brasil, Argentina e Venezuela para construção de um gasoduto de 8 mil quilômetros que consolide definitivamente a integração sul-americana pelo laço poderoso da auto-suficiência energética. Essa obra – superados os desafios de sua viabilidade técnica – será um dos empreendimentos do século, capaz de reforçar as vantagens comparativas da economia regional e ampliar ainda mais as oportunidades para novos investimentos.

A exemplo do que ocorre em toda a América do Sul, a economia brasileira nunca esteve tão solidamente pavimentada para esse novo ciclo de expansão. Vivemos o melhor ambiente macroeconômico dos últimos 30 anos. Sem abdicar da estabilidade, reintegramos o crescimento com a justiça social.

Em fevereiro deste ano, a indústria brasileira produziu 5,4% a mais do que em fevereiro do ano passado. Trata-se da maior taxa de crescimento desde julho de 2005 e o que é mais importante: o setor de bens de capital foi uma das locomotivas dessa expansão com um avanço de 10,6% no período.

Na área de duráveis, o salto foi de quase 15%, refletindo a pujança de um mercado de massas lastreado em aumento do emprego, maior poder aquisitivo e crédito farto.

Não há dúvida de que o Brasil acumulou lastro e consistência para crescer a uma taxa superior a 4% nos próximos anos, sem pressões inflacionárias ou estrangulamentos externos.

Uma parte importante das restrições ao nosso crescimento – seja no terreno das contas externas, da inflação ou de um gigantesco mercado de massas historicamente desperdiçado – mudou de sinal em nosso governo. Hoje essas dinâmicas trabalham a favor da produção e do desenvolvimento.

A inflação brasileira está controlada. A taxa deste ano será inferior à metade da observada em 2002. Os juros desenham uma curva declinante e consistente. Isso, depois, o Presidente do Banco Central pode falar com vocês.

O risco-país é dez vezes inferior ao que herdamos e as nossas reservas



equivalem a quatro vezes o valor disponível daquilo que também herdamos. Em março, o fluxo do comércio exterior do Brasil atingiu o valor nunca antes alcançado de US\$ 200 bilhões e 691 milhões de dólares no acumulado dos últimos 12 meses. As vendas de manufaturados cresceram 13,5% no período e já respondem por mais de 54% do valor embarcado. O saldo comercial passa de US\$ de 45 bilhões de dólares em 12 meses.

Nos últimos três anos, o Brasil praticamente dobrou suas exportações, crescendo muito além da expansão mundial de 60% no período. Investir hoje no Brasil e na integração sul-americana, portanto, representa uma oportunidade imperdível de associação com um patrimônio de estabilidade duramente conquistado e com uma energia de crescimento legitimada e negociada com muita transparência e equilíbrio. Trata-se, ademais, de uma oportunidade estratégica de sintonia com o futuro.

Sabemos que o custo da energia e das matérias-primas continuará a subir nos próximos anos. Há uma crise de oferta no mundo e a China dobrará o seu consumo até 2013. A América do Sul – e o Brasil dentro dela – forma a grande fronteira planetária de oferta de alimentos e perspectiva de auto-suficiência energética em combustíveis renováveis. O Brasil já produz 16 bilhões de litros de álcool a preços extremamente competitivos no mercado internacional. Temos mais 81 novas usinas em construção e 51 delas ficam prontas até 2007.

Nas próximas semanas, dia 21 de abril, iremos comemorar a auto-suficiência do petróleo, depois de 52 anos o Brasil finalmente atingiu a sua auto-suficiência. E a Petrobras, que sempre foi deficitária na nossa Balança Comercial porque importava petróleo mais que exportava, terá, a partir deste ano, saldo comercial positivo de três bilhões de dólares.

O programa do biodiesel, recém implantado, vai extrair óleo de mamona, soja e palma, do caroço de algodão, da semente do girassol, para consolidar definitivamente nosso país como o maior fornecedor de energia renovável do



planeta no século XXI. Esse é o horizonte do futuro que estamos construindo no presente: um novo ciclo histórico de crescimento sustentado; uma nova fronteira regional de desenvolvimento; uma nova matriz energética auto-suficiente; e um continente decidido a fazer da democracia o apanágio do seu crescimento e da justiça social para todos.

Meus amigos e minhas amigas,

Vocês que são investidores e que percorrem o mundo, muitas vezes comparando países, comparando modelos, sabem o sacrifício que nós fizemos nesses três anos no Brasil, o sacrifício que, juntos com outros presidentes, fizemos na América do Sul e na América Latina, para que nós pudéssemos, primeiro, passar para o nosso povo a certeza de que não existe mágica na economia de um país. Em todos os momentos históricos em que, ao invés de um Ministro da Economia ou da Fazenda, colocou-se um mágico, não deu certo. Houve um tempo em que no Brasil se dizia que o real valia mais que o dólar, houve um tempo em que na Argentina se dizia que o peso valia mais que um dólar. E quando a verdade veio à tona, o povo pobre – sempre ele – arca com os prejuízos porque não tem de onde retirar.

Nós tomamos uma decisão. Vocês estão lembrados do que eu disse, no dia da minha posse, que todo e qualquer presidente da República, em qualquer país do mundo, tem o direito de errar, porque é normal errar, e até porque muitos, depois de governarem, nem ficam morando nos seus países, vão morar em outros países durante anos e anos. Eu, ao contrário, quando deixar a presidência, voltarei para São Bernardo do Campo, a 600 metros do Sindicato que me criou na política. Não pretendo ir morar em outro país, não adianta me oferecer emprego que eu não vou ouvir, vou ficar em São Bernardo do Campo.

É por isso que eu disse que nós não tínhamos o direito de errar. E para não errarmos, nós resolvemos não fazer mágica na economia, nós resolvemos aplicar uma política de seriedade. Primeiro, uma definição que a gente aprende dentro de casa, quando a gente vive com a mulher da gente e com os filhos, e



que a gente é sério, a gente sabe que não pode gastar mais do que a gente ganha. Você pode até fazer uma dívida que o teu salário pode pagar, mas você não pode se endividar a ponto de transformar a tua vida num verdadeiro inferno e nunca mais conseguir pagar o que você comprou.

A primeira lição é essa: a estabilidade, ela passa pela seriedade com que nós tratamos a economia interna. E, portanto, não fizemos nem um gesto de fraqueza ao tomarmos a decisão de que nós iríamos manter os compromissos internos e os compromissos internacionais, de que íamos mostrar à sociedade que iríamos ter um superávit capaz de garantir que iremos pagar aos nossos credores e, ao mesmo tempo, consolidar uma política forte de inclusão social. Possivelmente a mais importante já colocada em prática, num país da América Latina, e eu não sei se tem outra similaridade.

Nunca, neste país, se cuidou tanto dos pobres como temos cuidado. Moreno, criei até um prêmio para as prefeituras que tiverem boas políticas para o cumprimento das Metas do Milênio. Eu estou chamando esse prêmio do Oscar das Metas do Milênio. Ou seja, para que a gente canalize, na consciência dos prefeitos, a idéia de que eles precisam fazer o melhor porque, pelo que está colocado até agora, quando chegarmos em 2015, em muitos países a situação estará muito pior do que quando foi aprovada a intenção do cumprimento das Metas do Milênio.

E, ao mesmo tempo, resolvemos tomar algumas decisões importantes. Se vocês andarem pelo Brasil, vocês vão perceber que nunca os portos brasileiros foram tratados como estão sendo tratados. Estamos com reformas em 11 portos brasileiros, porque entendemos que é por ali que sai grande parte da economia brasileira.

Estamos investindo na reforma de quase todos os aeroportos brasileiros porque também sabemos que é por ali que sai grande parte da nossa riqueza, sobretudo aquela de maior valor agregado. Acabo de vir da cidade de Campinas, do Aeroporto de Viracopos, onde fomos anunciar, definitivamente,



com a publicação do edital, a decisão de transformar o Aeroporto de Viracopos num aeroporto industrial, de forte conteúdo tecnológico, para que a gente possa dinamizar as possibilidades de uma região tão rica como já é a região de Campinas.

E o que é importante é que durante 30 anos, mais de 30 mil pessoas viveram ameaçadas porque a extensão do aeroporto significava tirar praticamente 10 mil famílias que moravam lá há mais de 30 anos. Hoje, Furlan, eu fui dizer para eles que se for necessário nós iremos fazer o aeroporto redondo, para não tirar os pobres de onde eles estão porque tem outras terras. E nós fomos anunciar que o aeroporto vai ser feito, a pista vai ser feita e não vai precisar mexer com os pobres que precisam, primeiro, de sossego, segundo, de oportunidade para deixarem de ser tão pobres como foram até hoje.

E, por isso, estamos apostando num desafio que eu penso que vai mexer com um pouco de vocês: o desafio de construir uma forte política alternativa de combustíveis renováveis no mundo de hoje. E uma política que não é para o Brasil. Uma política que é para o Brasil, para a América Latina, para os países africanos. E eu digo, todo santo dia: daqui a pouco a gente não vai mais utilizar a palavra prospectar petróleo, nós vamos utilizar a palavra plantar petróleo. Nós estamos numa forte política de produção de biodiesel. Ela tenderá a crescer cada vez mais. E quero dizer a vocês que quem não quiser fazer parceria para produzir biodiesel, em qualquer país da América Latina, o Brasil tem tecnologia e está disposto a partilhar essa tecnologia com vocês, para que a gente possa não ficar refém do preço do petróleo que, em pouco tempo, saltou de 24 dólares o barril para 60 dólares, o que torna mais difícil, cada dia mais, a vida dos países mais pobres.

Bem, vocês já conhecem a história da produção do etanol no Brasil. E nós queremos partilhar a nossa experiência da produção de etanol com outros países, países da América Central, que têm tarifa zero para exportar o etanol



para os Estados Unidos, e outros produtos que os empresários poderiam fazer parcerias com empresários brasileiros e desenvolvermos o Continente como um todo. O biodiesel é a mesma coisa, não é um projeto que nós queremos para o Brasil. Nós queremos para a Colômbia, Moreno, nós queremos para a Venezuela, nós queremos para a Guatemala, nós queremos para Honduras, nós queremos para a Costa Rica, nós queremos para o México, nos queremos para os países africanos. Porque aí, sim, o mundo desenvolvido estará dando uma contribuição efetiva para desenvolver os países pobres, ajudando que eles possam produzir energia – e os países ricos precisam – para dar cumprimento ao protocolo de Kioto, que foi aprovado com tanta ênfase e executado com tão pouca ênfase. Nós achamos que é exatamente essa busca de oportunidades de nova matriz energética que pode dar aos países da América Latina e aos países da África a oportunidade de, no século XXI, chegarem próximo daquilo que são os nossos irmãos ricos da Europa e dos Estados Unidos.

E digo isso porque para chegar onde nós chegamos, não pensem que é fácil. Em política é muito mais fácil a gente fazer a política do curto prazo, pensando apenas nas próximas eleições, do que você fazer a política de médio e longo prazo, pensando nas próximas gerações. E pensar nas próximas gerações é o desafio que está colocado para todos os presidentes da América Latina, da África e do mundo. E para isso nós temos brigas homéricas para fazer.

O Furlan estava comigo, esta semana, numa reunião com empresários italianos, a maior delegação de empresários italianos que visitaram o Brasil, preocupados com a China, e todos os países que eu converso estão preocupados com a China, todos. Só que são empresas multinacionais desses países que estão produzindo na China. Ou seja, no fundo, no fundo, não estamos com medo da China, estamos com medo dos nossos próprios empresários que estão levando as suas empresas para produzir mais barato para a China.



Quando os chineses visitaram o Brasil, o Furlan sabe qual a estranheza quando eu tomei a decisão de reconhecer a China como economia de mercado. E fiz isso, Gerdau, porque entendia que fazer a China entrar no âmbito da OMC é a grande oportunidade que nós temos de colocar a China na mesa para discutir junto conosco os problemas que nós queremos resolver, muitos deles advindos da grande capacidade produtiva da China. Então, ao invés de ficarmos com medo, nós temos que encarar a pura realidade: China e Índia estão colocando 2 bilhões e 300 milhões de seres humanos, que até uma dezena de anos atrás estavam marginalizados no mercado de consumo.

A América Latina, e a experiência tem demonstrado nesses últimos anos, todos os países têm colocado mais gente no mercado de consumo. Os nossos empresários sabem o que significa o crescimento do crédito à pessoa física neste país. Os nossos empresários sabem o que significa a política de crédito consignado que nós fizemos para os trabalhadores e para os aposentados brasileiros. Foram mais de 14 bilhões de dólares jogados no mercado de consumo em menos de 24 meses, com o financiamento para que as pessoas mais pobres possam virar consumidores dos produtos que as nossas indústrias produzem e dos produtos que a nossa agricultura produz.

Todo mundo sabe que a iniciativa privada pode ser parceira definitiva e muito importante para o Estado. Por isso criamos aqui no Brasil e aprovamos no Congresso Nacional o projeto que define as políticas de PPP, Parceria Público-Privada. Criamos, inclusive, o Fundo Garantidor, para que ninguém saia perdendo no investimento. E esperamos que, para os próximos anos, governo e empresários tomem a iniciativa de consolidar, sobretudo, os investimentos na área de grande infra-estrutura, que possa não apenas desenvolver individualmente os países, mas fazer a integração definitiva do nosso Continente.

Falo isso porque o meu querido país, que agora já tem até um astronauta que está a 350 quilômetros de altura, que vai atingir a auto-



suficiência do petróleo dia 21 de abril, falo isso porque o país fez um sacrifício enorme, um sacrifício premeditado, um sacrifício assumido. Não pensem que foi fácil chegar onde chegamos. Não pensem que foi fácil resistir aos gritos dos meus companheiros sindicalistas na rua, querendo mais aumento de salário. Não pensem que foi fácil chegar onde nós chegamos ouvindo os gritos dos empresários, que antes queriam um câmbio flutuante e agora reclamam que o câmbio flutua.

Não pensem que foi fácil chegar onde nós chegamos mandando, no primeiro ano de governo, uma proposta de política, uma proposta de projeto de lei fazendo a reforma tributária e fazendo a reforma previdenciária. A parte da reforma tributária do governo federal foi aprovada, a parte da reforma tributária pertinente aos estados brasileiros, que reduzia de 20 alíquotas para cinco a cobrança do ICMS, não foi aprovada. Porque, neste país, fala-se muito e faz-se pouco. Neste país acha-se muito e concretiza-se pouco. E sabe o Gerdau o quanto sofremos com essas duas propostas que mandamos para o Congresso Nacional.

Entretanto, hoje eu posso olhar na cara de cada empresário brasileiro, na cara de cada empresário estrangeiro ou empresária que está aqui, e dizer: não há nenhum momento na história econômica do Brasil – nenhum – em que a gente tenha uma combinação de tantos pontos convergentes como nós temos hoje, na economia brasileira.

O Brasil já cresceu mais, o Brasil já cresceu a 10% ao ano. O resultado de tudo isso, meu caro, é que quando a gente ia aferir, o povo estava mais pobre. E nós, hoje, Moreno, até pagamos o FMI. Eu passei 20 anos da minha vida levantando bandeira “Fora o FMI”, vocês devem ter visto fotografia, e não precisei dar um grito. Aliás, transformei-me em amigo dos presidentes do FMI. O Rato virou meu amigo, o ex-presidente virou meu amigo.

Ou seja, nós simplesmente estamos com a economia tão sólida que resolvemos dizer ao nosso amigo Rato: vamos devolver os seus 15 bilhões de



dólares, porque a economia brasileira não precisa mais de socorro, a cada ano, para fechar as suas contas. Fechamos as contas como resultado do nosso trabalho, fechamos como resultado da nossa exportação.

E se vocês olharem o mapa das minhas viagens, vocês vão perceber uma coisa fantástica: o crescimento das exportações brasileiras acompanha cada viagem que nós fazemos. Podem pegar todos os países que eu visitei, vejam o que a gente exportava antes e vejam o que aconteceu depois. Porque aqui, no Brasil, também nós tínhamos o hábito de ficar chorando: “Ah, nós exportamos pouco, nós não exportamos muito, não sei das quantas”. Acontece que para exportar, nós temos que viajar, nós temos que mostrar os nossos produtos, nós temos que mostrar a nossa qualidade. Nós não podemos ficar esperando que o comprador venha ao Brasil comprar, porque nós temos mania de nos acharmos o melhor, nós temos mania de achar que as pessoas têm obrigação de comprar de nós, nós temos mania de achar que os Estados Unidos têm a responsabilidade de comprar tudo o que nós produzimos, e a Europa.

E nós nos esquecemos que a América do Sul estava aqui e que poderia comprar muita coisa nossa. Nós nos esquecemos. A nossa balança comercial com o México, hoje nós temos um superávit de quase 3 bilhões com o México. Por quê? Porque nós acreditamos em nós, acreditamos na relação com a África, com o Oriente Médio, com a China, com a Índia, com a África do Sul, sem esquecer a importância dos Estados Unidos e sem esquecer a importância da União Européia.

É este país que está em andamento. É este país que eu quero que vocês conheçam. É este país que não aceitou a lógica do jogo fácil, que aceitou a lógica de que o legado de um presidente da República, de um governo, não é o que ele fez em quatro anos apenas, é a qualidade das coisas que foram feitas durante o seu mandato e que permite a concretização de algo muito mais sério.



Quero dizer que vocês estão convidados, primeiro a conhecer os nossos programas para a América do Sul. Quero que vocês conheçam os programas que nós temos no Brasil. Uma coisa é importante, o Gerdau sabe disso: no ano que vem, Gerdau, nós estaremos concluindo, a nível de linha de transmissões, neste país, 22% de tudo o que foi feito em 122 anos. Nós estamos fazendo em 5 anos.

Hoje eu posso olhar para a cara de qualquer empresário e dizer: venha investir no Brasil que não haverá mais apagão. Venha investir no Brasil, que não haverá mais falta de energia elétrica. Porque, quando teve o apagão em 2002, nós tínhamos excesso de energia no Rio Grande do Sul, só que nós não tínhamos como transportá-la para o estado de São Paulo.

Então, nós cuidamos de dar ao Brasil, do ponto de vista da infraestrutura, e ainda falta muito, falta muito porque durante muito tempo nós abandonamos a infraestrutura. O Estado nunca mais terá a possibilidade de investir o tanto que já se investiu em infraestrutura mas, ao mesmo tempo, o Estado está mais democrático, o Estado está mais aberto, o Estado está mais parceiro para dizer para os empresários: o Estado brasileiro nunca mais voltará a ser o Estado estatizante que já foi, mas o Estado brasileiro também nunca mais voltará a acreditar que o Estado não tem nenhum significado.

O Estado brasileiro está dizendo a todos vocês: venham partilhar com o Brasil as oportunidades que nós estamos oferecendo. Venham discutir conosco os investimentos de infraestrutura, venham discutir conosco as possibilidades das energias renováveis, venham discutir conosco a possibilidade das parcerias entre empresas e venham discutir conosco o desenvolvimento do nosso país e da América do Sul.

Esse desafio é um desafio que cala muito fundo na minha consciência e, certamente, na consciência dos empresários brasileiros. Nós jogamos muitas oportunidades fora. Creiam, senhores e senhoras, que durante o século XX nós jogamos muita oportunidade fora. Houve vários momentos em que parecia que



este país iria desabrochar definitivamente e, anos depois, a gente caía no sofrimento da negatividade.

E eu quero dizer a vocês que nós não temos o direito, em hipótese alguma, de frustrar a expectativa que este país tem para o seu crescimento. Outro dia eu disse: eu não quero que o Brasil cresça 10% num ano e zero no outro, eu quero que a gente tenha uma estabilidade, que a gente cresça 4% ao ano, ou 5%, durante muitos anos, durante 15 anos, durante 20 anos, para que o Brasil definitivamente se consolide enquanto economia de primeiro mundo. Se o século XIX foi tão aproveitado pela Europa, se o século XX foi tão aproveitado pelos Estados Unidos, Furlan, por que nós não podemos acreditar que o século XXI será o nosso século?

Eu tenho dito para todos os presidentes da América do Sul, da América Latina e da África: nós precisamos parar de ter medo, nós precisamos parar de ficar preocupado com o novo. É só olhar o que aconteceu conosco no século XX para a gente perceber que nós temos que fazer coisas diferentes no século XXI, parcerias diferentes entre empresários, entre governos, entres estados. É este o desafio que nós estamos colocando para vocês: é o desafio de olhar o Brasil sem preconceito, é o desafio de olhar um país que em apenas dois anos tirou mais de três milhões de pessoas da linha abaixo da pobreza. É um país que, depois de conhecer anos e anos, o crescimento da economia informal está, em apenas 36 meses, com a criação de 4 milhões de empregos novos formais e com a perspectiva de gerar muito mais este ano.

Os números da economia este ano estão mais sólidos do que estavam no passado. E nós temos consciência de que vamos fazer isto com a inflação baixa e de que não vamos tornar a nossa moeda mais frágil por decreto. Tem gente que só falta pedir para mim: “oh, Presidente, faça um decreto aumentando o dólar”. Nós não vamos fazer. Nós achamos que a receita está pronta, Meirelles sabe qual é ela, Furlan sabe qual é ela e vocês sabem qual é ela. Nós não temos que fazer mágicas, nós temos que aumentar as nossas



importações, sobretudo importar bens de capital para que a nossa indústria tenha uma renovação tecnológica condizente com os nossos desejos de crescimento. Ao mesmo tempo, nós temos que reduzir a taxa de juros, que tanto o Furlan quanto o Gerdau reivindicam e que nós estamos fortemente fazendo. Mas vamos fazer isto sem permitir que a inflação volte, porque eu vivi neste país com a inflação de 15% ao ano, eu vivi neste país com inflação de 40% ao ano, eu vivi neste país com inflação de 80%. E eu sei que quando tem inflação, quem perdia não era eu, que tinha uma conta bancária e meu dinheiro estava numa conta remunerada e que a inflação para mim nunca era de 40%. Quem perdia era a parte mais pobre da população, que nem conta bancária tinha. E nós não vamos permitir que volte a inflação e não vamos abrir mão da estabilidade. A estabilidade que eu quero para o país é a estabilidade que eu quero para a minha família. E se eu fui capaz de constituir uma família estável, que já dura 32 anos, muito mais fácil será manter a estabilidade do país num mandato de apenas quatro anos.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de anúncio de reajuste de 5% para aposentados e pensionistas e medidas que beneficiam idosos**

**Palácio do Planalto, 07 de abril de 2006**

Bem, primeiro eu queria cumprimentar os ministros que se dedicaram a participar das reuniões com os representantes dos aposentados e pensionistas do nosso país. Queria agradecer o esforço do deputado Medeiros. E queria falar de um ministro especial nessas negociações, que foi o companheiro Marinho. Certamente, o berço onde nasceu o Marinho permite que ele tenha um pouco mais de experiência que os outros nessa área de negociação, porque ele passou parte da vida dele negociando.

Eu só queria lembrar aos companheiros representantes do Sindicato dos Aposentados e aos ministros aqui presentes que uma solução definitiva para o problema da Previdência Social, no Brasil, ainda vai levar um tempo. E vai levar um tempo até que a gente coloque a Previdência no seu devido lugar, sobretudo em termos de caixa. E isso vai acontecer com o crescimento econômico com a geração de empregos, e vai crescer com a gente evitando que quadrilhas que fraudam a Previdência Social continuem a oferecer às pessoas benefícios a que as pessoas não têm direito.

E todos vocês sabem que, tanto quanto o Presidente da República, cada trabalhador precisa zelar pela Previdência Social como se fosse uma célula sua, porque da fortaleza da Previdência Social depende o futuro da gente. Afinal de contas, todos nós sonhamos em comprar um presente para os nossos netos e se a gente não ganhar o suficiente, não vai conseguir.

Mas é importante lembrar também que nós, na reforma da Previdência, há algum tempo, nós fizemos uma mudança na Constituição e precisamos agora, quem sabe pode essa Comissão Tripartite criada, Nelson, junto com



você, com outros ministros, com o Marinho, com a Dilma, com todos os ministros, começar a preparar o projeto de lei para a regulamentação. Porque o que os trabalhadores também precisam compreender, e eu daria um exemplo, aqui, muito vivo, para todo mundo compreender, é que se nós não colocarmos a cobrança da contribuição empresarial sobre o valor agregado ou sobre o faturamento, nós nunca mais recuperaremos o poder de caixa da Previdência Social. Por quê? Porque eu digo sempre que quando eu era presidente do Sindicato, a Volkswagen tinha 40 mil trabalhadores e produzia uma quantidade de carros menor do que ela produz hoje, com 17 mil trabalhadores. Significa que o faturamento da empresa é muito maior e o número de contribuintes é muito menor.

Então, nós temos um problema que acontece na nossa vida cotidiana. No Sindicato dos Aposentados, qualquer um de vocês, se tiver 10 contribuintes pagando mensalidade e tiver 20 usufruindo dos benefícios que o Sindicato oferece, o Sindicato vai quebrar. Então é preciso que a gente sempre tenha uma quantidade de contribuintes capaz de garantir o atendimento da quantidade de aposentados.

Tem uma combinação de fatores que nós estamos vivendo... Eu dizia para a Dilma: é engraçado, na década de 60 a gente fazia uma reunião com aposentados e as pessoas eram todas acima de 70 anos, acima de 75 anos. A gente faz reunião com aposentados hoje e são pessoas com 60 anos, com 58 anos, porque começaram a trabalhar muito cedo e vão viver muito tempo. É uma vantagem para a gente, enquanto pessoa, viver muito mais e uma desvantagem para a Previdência, que tem que pagar para nós muito mais.

Hoje a coisa mais normal é uma pessoa se aposentar e viver mais recebendo aposentadoria que o tempo que ele contribuiu. Graças a Deus é assim, porque significa que nós estamos aumentando a média da nossa passagem pela terra.



Ao mesmo tempo, nós precisamos ter clareza que a Previdência – eu estava aqui anotando –, quer dizer, a Lei Eloy Chaves, de 24 de janeiro de 1923, que criou os primeiros institutos de pensão. Eu me lembro do tempo do IABB, Iaptec, Iapi e tantos outros fundos, a gente tinha dinheiro demais. Por quê? Porque não tinha ninguém ainda atingindo a idade de se aposentar e tinha um monte de gente começando a trabalhar e contribuindo para a Previdência. Então, dizem, a gente cansa de ouvir as pessoas dizerem, de ler notícias nos jornais, que a Transamazônica, em uma parte foi utilizado dinheiro da Previdência Social; a gente ouve dizer que a ponte Rio-Niterói, uma parte dela foi com dinheiro da Previdência Social; a gente ouve dizer que a construção de Brasília, uma parte dela foi com o dinheiro da Previdência Social, porque tinha dinheiro demais e pouca gente se aposentando.

Ora, se foram criados em 1924 os primeiros institutos e as pessoas precisavam contribuir 30 anos para se aposentar, em 1954 nós começamos uma partilha maior. Ou seja, até então nós só tínhamos contribuído, só tínhamos colocado dinheiro no cofre. A partir dos 30 anos, nós começamos a retirar um pouco de dinheiro, foi melhorando a nossa qualidade de vida, nós vamos vivendo mais, ou seja, nós estamos hoje com um déficit na Previdência de quarenta e poucos bilhões de reais. É um problema estrutural da Previdência Social e que deve incomodar vocês, deve incomodar muito, porque quanto mais deficitária for a Previdência Social, mais riscos a gente está correndo e mais dinheiro do Tesouro tem que colocar na Previdência Social e menos outras coisas a gente pode fazer.

Então, eu acho que essa comissão quatripartite que foi criada, eu acho que é importante debruçar um pouco sobre a origem dos problemas da Previdência Social para ver se a gente consegue apresentar, definitivamente, – e eu não acredito que seja em seis meses ou um ano, é um tempo de maturação na sociedade brasileira – para que a gente possa ter mecanismos



sólidos que possam garantir aos que virão depois de nós um sistema que dê mais tranquilidade que os aposentados de hoje têm no nosso país.

Agora, é verdade que 1,5% de aumento real é pouco. Mas é verdade, também, que nós já fizemos tantas greves e não conseguimos nem 1,5 e voltamos a trabalhar, de mãos abanando, e ainda perdendo os dias, perdendo férias, perdendo 13º e vendo milhares de companheiros perder o emprego.

Eu lembro que no Brasil, quando saí do sindicato em 1980, eu dizia nos debates que eu fazia que o movimento sindical teria dificuldade de aprender a conviver com a inflação baixa, porque a gente estava acostumado a fazer reivindicações de 90%, 120%, 180%, a última que eu fiz, grande, era 83% ou nada. Fiquei sem nada. Foi a última que eu fiz: 83% ou nada. E quando a gente reivindicava 83% e a gente recebia 50, na verdade a gente estava recebendo a metade do que tinha sido a inflação, mas como o número era volumoso, a gente achava que tinha o sabor de uma conquista. Em 2003, o primeiro reajuste dos aposentados foi de 20%, então parece muito. Não parece muito nada, foi merrequinha de nada, não teve nada acima da inflação. Agora, não, agora tem 1,5% acima da inflação. Quisera Deus que todos os trabalhadores do mundo, todo ano tivessem 1% acima da inflação, significa que em 10, 15 ou 20 anos, eles praticamente poderiam dizer que dobrariam o seu poder aquisitivo.

E por que isso foi possível, companheiros e companheiras? Porque nesse processo de moralização da Previdência Social, nesse processo de tentar fazer uma operação “pente fino” para saber se tinha ou não tinha quadrilhas que aposentavam pessoas que não tinham direito, nós conseguimos, com um censo muito responsável. Foram meses e meses, onde nenhum aposentado poderia reclamar, porque quando ele chegava no banco, os 2 milhões e meio que foram o primeiro lote, ele chegava no banco e tinha na telinha da máquina um boletim e ele sabia que tinha que se recadastrar.

Depois de seis meses, se ele não se recadastrou, é porque ele não



existia, tinha alguém recebendo por ele. E agora, que nós cortamos o pagamento de uma parcela e ele não reclamou, está confirmado que ele não existia mesmo. Não se recadastrar em seis meses e não reclamar porque cortou o pagamento é porque a pessoa que estava recebendo sabe que estava cometendo um crime contra a Previdência Social neste país e, portanto, ficou com medo de se apresentar.

Mas, certamente, nós vamos descobrir quem são essas pessoas, porque nós não queremos punir o coitado que recebia, às vezes vítima de uma quadrilha que dava a ele direitos que ele não tinha. E como ninguém recusa injeção na testa, ninguém também vai recusar um salário a que não tem direito, se o salário lhe for oferecido.

Nós partimos do pressuposto de que as pessoas são honestas até prova em contrário. E no caso da Previdência, possivelmente, as necessidades de muita gente fazem com que apareçam aí, sei lá se escritório, sei lá se consultório, sei lá quem dizendo: “Olha, entra com esse pedido que você tem direito”. E a pessoa entrava e conquistava um direito a que não tinha direito.

É importante lembrar, Medeiros, que no nosso país, um dia, resolveu-se acabar com a perícia médica. Então, um cidadão que entra, hoje, para receber um auxílio-doença, em que os 15 primeiros dias ele recebe da empresa e, depois, ele passa a receber do INSS, se não tiver perícia que faça um exame logo, ele vai ficar nove meses recebendo um dinheiro que ele não poderia estar recebendo se não estivesse doente. Na hora em que você acaba com a perícia, esse cidadão, sem querer, está recebendo um dinheiro que a empresa tinha que pagar, da Previdência Social, e vai quebrando a Previdência Social.

Então, com o trabalho que o nosso Ministro da Previdência e a sua turma estão fazendo, de tentar criar novas condições de chefia, hoje a gente não poderia nem mandar um diretor de um estado para outro porque não tem sequer auxílio para essa pessoa poder viver em outro lugar. É preciso incentivo para as pessoas mudarem de lugar.



Nós conseguimos, numa estimativa, eu diria, muito justa, nem pessimista e nem otimista, mas normal, nós acreditamos que é possível a gente economizar por volta de 1 bilhão e 200.

Mas, então, qual foi a decisão e porque vocês estão recebendo esse 1,5% a mais, porque vocês sabem que cada 1% significa 700 milhões a mais na Previdência. Por que foi possível, Medeiros, fazer esse acordo? Porque a primeira economia que ele fez, deixando de pagar benefícios que não existiam, eu disse na reunião: “Gente, vamos, então, devolver essa parte do benefício para os aposentados que têm direito”. Se a gente, amanhã, encontrar mais e economizar mais, é justo que a gente vá repondo aquilo que os trabalhadores foram perdendo.

E antes não era impossível, porque a gente está tentando diminuir o déficit e não consegue diminuir o déficit. Só para você ter idéia, em menos de quatro anos nós saímos de 3 milhões de auxílio-doença para 9 milhões... bilhões, de 3 bilhões para 9 bilhões de auxílio-doença. Alguma coisa está acontecendo.

E como nós não somos de acusar ninguém sem prova, nós precisamos primeiro investigar para saber se tem alguma coisa errada para a gente poder, então, punir quem errou. Não precisa fazer escândalo. Vocês não viram o Ministro da Previdência fazer nenhum escândalo, até porque nós não queremos acusar ninguém sem prova, nós queremos primeiro pegar se é verdade o fato. Se for verdade, aí sim, nós vamos tomar as providências.

E esse acordo, é verdade, muito mais do que o simbolismo do dinheiro, é o simbolismo do gesto, ou seja, é tentar mostrar que pelo fato de um cidadão se aposentar, neste país, ele não pode ser tratado como uma pessoa de segunda categoria, de segunda classe. É como se fosse aquela coisa usada que você não precisa mais: está aposentado, para que conversar, para que ouvir? Aposentado não pode nem fazer greve, porque aposentado que faz greve não pára a produção.



Então, esses conceitos foram criando formas de desrespeito aos aposentados brasileiros. Este gesto aqui é apenas para dizer o seguinte: nós estamos tentando criar as condições para recuperar, com vocês, o mesmo respeito que alguém tem quando está produzindo dentro de uma fábrica. É esse o gesto, é esse o grande gesto. E que também, nós sabemos, tem dificuldades, tem gente que não concorda, tudo isso é um processo de maturação, nada acontece antes do tempo. O que é importante é que essa história vocês vão ver na vida de vocês, ela será uma coisa marcante. Eu acho que daqui para frente não tem mais volta, daqui para frente a tentativa é apenas andar um pouco mais.

Vocês criaram uma comissão quatripartite, essa comissão deve discutir todos os temas à fundo e nós vamos criando as condições para que a Previdência Social seja, definitivamente, a garantia de que o aposentado brasileiro, ao se aposentar, não está fazendo uma opção para piorar a sua qualidade de vida.

Eu queria lembrar uma coisa aqui, que está no protocolo, que é a questão das Farmácias Populares. Eu vou dar dois exemplos, Medeiros, muito vivos: se um aposentado não for ao SUS – se ele for ao SUS, ele vai ganhar de graça – mas, se por acaso, não tiver posto médico próximo à casa dele e ele não for ao SUS, e for numa farmácia comprar remédio para diabetes, comprar todas as necessidades mensais dele para insulina, que tem que aplicar todos os dias, ele vai gastar como o pai da Dilma ou a mãe da Dilma – é isso Dilma – 112 reais por mês. Com a Farmácia Popular, ao invés de 112, ele vai gastar 11 reais por mês. Se ele ganha um salário mínimo, 350 reais, e ele tiver que comprar, ele estará gastando um terço do seu salário comprando insulina. E, agora, vai gastar apenas 11 reais.

Mas vamos pegar um remédio que é mais comum no meio dos aposentados metalúrgicos de São Bernardo do Campo ou de São Paulo, vamos pegar uma coisa, remédio para hipertensão. Não anda, fica sentado na



frente da televisão, não vai para a sede do sindicato e fica jogando lá um dominozinho, não joga nenhuma botia, porque senão vai fazer esforço físico, e aí, vai ficando – verdade, eu conheço – vai ficando hipertenso. Nem sempre a gente percebe que tem problema de pressão, às vezes aparece repentinamente. Vocês precisavam, ao invés de uma quadra de botia ou de baralho, precisavam fazer uma quadra de ginástica na sede dos aposentados, fazer o pessoal se mexer. Então, fica vendo novela, fica vendo um monte de coisa que vai fazer vocês gastarem dinheiro no final do mês.

Uma coisa que é importante é o seguinte, está aqui o nosso ministro da Saúde, um remédio, que vocês gastariam 37 reais por mês – não vou dizer o nome para não fazer merchandising de remédio –, mas um remédio, que vocês tomariam 60 comprimidos e gastariam 60 reais, 37 reais por mês, agora, se vocês forem ao SUS, vão ganhar de graça. Mas, se não forem no pronto-socorro e quiserem comprar numa farmácia, vocês vão comprar esses 37 reais por apenas três reais e 70 centavos. Às vezes, não precisa nem ir ao SUS, porque dependendo de onde vocês moram o transporte vai custar mais que o preço do remédio comprado na Farmácia Popular. Então, isso significa, no fundo, no fundo, um ganho de aumento real para o companheiro que tem necessidade de tratamento de saúde, significa um ganho.

Eu acho que no protocolo está previsto que vocês poderiam colocar no sindicato de vocês as Farmácias Populares. As Farmácias Populares são mais remédios, são 92 tipos de remédios, não apenas para aposentados, para crianças também, na Farmácia Popular criada pelo governo. No convênio não, no convênio é só para diabetes e para hipertensão.

Então, eu queria agradecer o gesto de vocês, o gesto não foi do governo, o gesto não foi nosso. O gesto de vocês, que criaram as condições para que a gente sentasse à mesa, que reivindicaram. Porque tem um tipo de gente que reivindica, e quando você fala em atender, ele recusa, porque ele tem medo, porque o que ele pediu é pouco. É, você sabe que era assim no



sindicato, quem foi sindicalista aqui sabe. Às vezes, você pedia o aumento, o patrão queria atender, você ficava: “Será que eu vou levar? Acho que eu pedi pouco”. E aí inventava de pedir mais.

Eu acho que vocês tiveram um gesto de grandeza, um gesto de humildade e, ao mesmo tempo, um gesto de pessoas que acreditam que a solução do problema não está na mágica ou na caneta de um presidente da República ou de um ministro, que a solução do problema está na nossa competência de sentarmos para conversar, de não termos medo de divergir, mas termos a coragem e o bom-senso de dizer: “Chegamos a um ponto comum, que permite à gente dar um passo a mais”.

Por isso, meus parabéns. Muito obrigado aos ministros que trabalharam e a vocês que trabalharam, certamente, mais que os ministros, para chegar onde nós chegamos.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Plano Nacional de Prevenção da Influenza Aviária**

**Embrapa-Brasília/DF, 07 de abril de 2006**

Eu confesso a vocês que eu pensei que quando chegasse aqui, já teria o cheiro do frango assado. Eu não imaginei que tinha isso aqui. Mas, de qualquer forma, Roberto, seria importante que o Ministério da Agricultura, o Ministério da Saúde e outros órgãos que estão com a responsabilidade de cuidar da gripe aviária mandassem uma comunicação nossa aos editores dos jornais, aos editores das televisões e das rádios, para que as pessoas, ao entrevistarem alguém que possa, na entrevista, soar algum alarde com relação a isso, que tivessem o cuidado de chamar outras pessoas para ouvir, porque sempre que a gente está na frente de uma televisão, que a gente vê a notícia, o primeiro impacto é do medo: se tem gripe aviária, por que eu vou comer frango? Eu vou comer carne de porco. Se tiver gripe suína, nós vamos parar de comer e vamos comer outra coisa qualquer.

Então, eu acho que seria importante, porque muitas vezes as pessoas dão notícias... No Brasil nós temos muita gente que tem o hábito de dar palpite sobre tudo, mesmo que não conheça. O Brasil, eu acho que é um país extraordinário porque todos nós entendemos de tudo e, sobretudo, quando alguém coloca um microfone na frente ou um rádio. Eu digo sempre que no Brasil tem gente que abre a geladeira de manhã, vê a luz e já começa a dar declaração, achando que é televisão.

Como eu acho que é uma coisa muito responsável, sobretudo porque tem perspectiva de envolvimento da saúde humana, e nós sabemos o que significa isso para o mundo, se acontecer, e, sobretudo, porque nós somos um grande exportador de frango, o maior, nós temos que pensar na saúde do



nosso povo e temos que pensar na saúde financeira do setor industrial e do país. Então, é muito sério o tratamento que nós temos que dar.

Nós estamos lembrados que, recentemente, por umas bobagens faladas em alguns lugares deste país, nós tivemos o bloqueio da importação da nossa carne para a Rússia. E não foram os russos os culpados, foi gente nossa que falou o que não deveria falar, na hora errada. E depois não aparece o culpado, porque ele deveria falar: “bom, eu falei bobagem, então não vou exportar mais para a Rússia, vou exportar para outro lugar.” Mas fica o governo com a responsabilidade de resolver um gesto impensado de alguém.

Como nós estamos discutindo saúde, economia e a cara do Brasil lá fora, porque quem exporta o tanto que nós exportamos, o frango faz parte da imagem do Brasil lá fora, seria importante apenas pedir para as pessoas que... às vezes, um jornalista conversa com uma pessoa e a pessoa pode dizer uma coisa alarmista, ou seja, seria importante que se ouvisse o outro lado, para que a gente não passasse... nem escondesse a notícia e nem passasse uma inverdade. A gente tem que cuidar disso, porque isso é muito delicado.

Eu vou te dar um exemplo: um mês e pouco atrás surgiu um boato no meu gabinete de que era preciso começar a matar as chamadas “galinhas caipiras”. Ora, eu falei: vai arrebentar do lado do coitadinho mesmo. Na Granja do Torto eu tenho galinha, a Marisa é quem cuida, mas nós temos, galinha d’angola, nós temos galinha, temos pato. No Alvorada tem galinha d’angola, galinha, pato. Onde eu vou, se me derem um ovo, eu trago para chocar e dá resultado.

Uma vez eu peguei 12 ovos lá no Paraná, disseram que não dava porque ia andar 12 horas de carro. Colocamos os ovos para chocar e dos 12, nove nasceram.

Então, daqui a pouco a gente começa a passar medo para as pessoas que têm 20, 30, 15 galinhas num fundo do quintal. Eu acho que todo brasileiro que mora no lugar que tem um terreno, tem uma galinhazinha.



Então, é preciso que a gente, sistematicamente, fale para a pessoa não se assustar. Se tiver problema, procurar a Secretaria de Saúde, procurar a Secretaria de Agricultura, porque eu não acredito que venha para o Brasil. Eu não acredito porque as condições do Brasil... nós estamos muito distantes do centro das aves migratórias, mas pode vir. Sempre tem uma ave mais peralta do que a outra e ela pode resolver desandar aqui, para o lado do Brasil.

É importante lembrar que nós estamos nos preparando para isso desde 2003, é como se nós estivéssemos nos preparando para uma guerra. Nós montamos a nossa tática, montamos a nossa estratégia, sabemos que o inimigo vem por ali, vai vir acolá. Temos tudo preparado. Ele pode vir por outro lugar, mas se ele vier por onde a gente está preparado, nós vamos combatê-lo e vamos vencê-lo.

E não é um problema seu, é importante passar para a sociedade que não é um problema do Ministério da Agricultura ou do Ministério da Saúde, é um problema de cada cidadão, de cada homem e de cada mulher. Se o cidadão tem uma criação na casa dele, ele tem que estar vigilante porque pode vir. Enquanto estiver matando uma galinha não tem problema, agora, se pegar no ser humano, aí sim nós vamos saber o quanto vai mexer com a Humanidade.

Eu queria só dizer isso, Roberto, a você e ao Ministério da Saúde, para que vocês cuidassem de fazer um comunicado pedindo maior atenção porque é grave, e convidar vocês para comer um frango. Hoje a Marisa faz aniversário e eu falei: Marisa, vou te convidar para almoçar fora. Certamente, eu não contei que tinha um ato, porque se eu contasse ela ia dizer que não vale como presente. Mas de qualquer forma, olha quanta gente boa, quanta gente bonita, é um aniversário coletivo.

Muito obrigado gente, e parabéns Roberto.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de encerramento do Campeonato Paulista 2006**

**São Paulo-SP, 10 de abril de 2006**

Primeiro, quero cumprimentar o nosso amigo Marco Polo Del Nero, presidente da Federação Paulista de Futebol,

Todos os dirigentes dos clubes que representam o estado de São Paulo,  
Cumprimentar o Reinaldo Carneiro Bastos, vice-presidente da Federação Paulista de Futebol,

Eu vi muitos prefeitos aqui, eu cheguei a ter a impressão de que tinha mais prefeito do que jogador de futebol, porque os jogadores ficaram mais para o canto. Apareceram muitos santistas hoje, o Aloizio Mercadante, o Suplicy, o Cascione, eu nem sabia para que time eles torciam. Agora viraram todos santistas.

Quero dizer que eu vim com uma gravata para homenagear o Palmeiras, já que o Palmeiras não foi campeão, mas está entre os primeiros colocados. E dizer para vocês uma coisa simples. Se eu pudesse homenagear alguém aqui, além dos campeões, eu queria homenagear uma pessoa por quem eu tenho um profundo respeito, mesmo quando ele arma um time para derrotar o Corinthians, o Wanderley Luxemburgo. Eu torci, Wanderley, para que você tivesse um sucesso extraordinário – mais um a ter sucesso lá fora – no Real Madri, lamentavelmente não foi possível, e quis Deus que você voltasse, fosse para o Santos e fizesse o Santos ser campeão, já que o Dualib não preparou o Corinthians para ser campeão este ano.

Quero dizer para vocês que eu, ao longo da vida, nunca tive qualquer preocupação de dizer para que time eu torcia, em qualquer lugar que eu estivesse. No Brasil há sempre uma postura das pessoas de não dizer para



que time torcem ou tentar agradar a todo mundo. Vejam, da mesma forma que eu respeito um são-paulino, que respeito um palmeirense, um santista, um torcedor da Portuguesa, do Taquaritinga, do Bauru, do Juventus, da mesma forma que a gente respeita os torcedores do América, do São José do Rio Preto, do São Bento, do São Caetano, do Santo André, eu sou respeitado como Corinthians. E faço questão de dizer publicamente, em campanha, na televisão, que sou corintiano, e por acaso, quando vim de Pernambuco fui morar em Santos, fui morar em Itapema, hoje Vicente de Carvalho. Eu poderia ter virado santista. Talvez não tenha virado porque eu gostava de sofrer. Então, o Pelé nos massacrou de 55 até quase 70, e eu não deixei de dizer para que time eu torço.

Mas eu estou aqui... eu poderia não apenas prestar uma homenagem aos jogadores, mas eu queria fazer, de público, um reconhecimento a um companheiro que foi ministro meu até sexta-feira, o Agnelo Queiroz, que está aqui. Pela primeira vez também nós escolhemos um ministro que não tem pinta de atleta. Apesar de gostar de fazer, praticar o seu esporte, é um médico. Mas eu duvido que em algum momento, Marco, teve no Brasil alguém ligado à área do esporte com mais interesse em promover o esporte do que este moço.

Só no Segundo Tempo – que é um compromisso de fazer as crianças pobres que estudam de manhã, praticarem esporte à tarde, e quem estuda à tarde praticar de manhã – quase um milhão de crianças estão envolvidas hoje na prática de esporte. E, se Deus quiser, nós vamos chegar a mais.

Mas, o mais importante são os projetos de lei que nós mandamos para o Congresso Nacional, na perspectiva de dar ao esporte a razão de ser do próprio esporte brasileiro. Eu estou convencido de que nós não poderíamos tratar o esporte separado da questão cultural do país, ou seja, imaginar que um time que chega ao nível que chegou o Santos, que chegou o São Paulo, que chegou o Palmeiras, Corinthians, Botafogo, Vasco, esses times que marcaram tradição, Ponte Preta, há cem anos, isso não faz parte mais apenas da praça



esportiva de uma cidade, isso faz parte da vida cultural da cidade, até porque muita gente não saberia mais viver sem a existência desse time de futebol.

E quando a gente percebe que um time como o São Paulo já caiu para a segunda divisão, que um time como o Grêmio já caiu para a segunda divisão, agora cai o Guarani para a segunda divisão, a gente está dando uma demonstração àqueles boquirrotos que falam demais, de que o futebol não é tão banal como alguns tentam dizer, de que no futebol, na hora em que entra em campo para disputar, se o time ganhou, ganhou, se não ganhou está fora, vai para a segunda divisão, volta, ganha e faz como o Grêmio fez, sai da segunda divisão do Brasileiro, volta, é campeonato do Rio Grande do Sul.

Nós acreditamos que todas as leis que estamos mandando para o Congresso Nacional, e aqui tem muito deputado, eu queria dizer para vocês que está na hora de votar, para a Timemania falta apenas um destaque. O Agnelo voltou agora para o Congresso Nacional, pode tratar de organizar com o Cascione, com o Arnaldo Faria de Sá, com o Aloizio Mercadante, com o Suplicy e tentar fazer votar, porque se tivesse votado a gente já poderia colocar em prática muita coisa este ano. O objetivo da lei é tentar recuperar o poder financeiro dos times de futebol, é tentar dar aos times de futebol uma condição de sobrevivência, sem a mendicância em que vivem os times no Brasil hoje e dar aos times, inclusive, condições de ganhar alguns recursos a mais pelos jovens que eles formam, porque nós estamos percebendo que muitas vezes um time aplica numa criança, no futebol, faz ela virar uma figura fantástica e para não pegar ninguém de São Paulo eu vou pegar o Ronaldinho Gaúcho, que depois de formado vai embora e começa a se valorizar exatamente lá fora, e o Grêmio parou de receber qualquer coisa se o Barcelona ganhar dinheiro às custas dele ou o Paris Saint German ganhar dinheiro às custas dele.

Quanto o São Paulo recebeu pelo Cacá? Possivelmente, 10% do que o Cacá vale hoje. Então, seria importante que o time gerador do jogador, ao longo da caminhada desse jogador, a cada vez que ele fosse transferido, o



time tivesse uma participação, para que pudesse criar outros jogadores, formar outros atletas. Eu ouvi o Wanderlei Luxemburgo dizer um dia desses o seguinte: “o Brasil não é mais o grande celeiro do futebol. O grande celeiro, onde os grandes espetáculos acontecem, é nos países que têm muito dinheiro para pagar jogadores que estão cada vez mais merecedores de ganhar bem, porque são os artistas da tarde de domingo, são os artistas da noite de quarta-feira, e ganham bem pelo que merecem, pelo que fazem dentro de campo.”

Mas os times brasileiros não têm mais condições de sustentar um jogador aqui: marcou 15 gols no campeonato, ele é comprado por um time italiano, por um time espanhol, por um time alemão. É óbvio que o jovem quer ir, ele tem direito de querer ir e ele tem mais é que ir. Agora, é preciso que haja compensação para aquele que investiu num garoto, às vezes com oito anos de idade, sete anos de idade.

Então, essa lei, meu caro Marco, vai permitir que a gente dê uma nova dimensão ao futebol brasileiro, e o mais importante é que nós estamos apostando, no ano que vem, no Pan-Americano. O Brasil vai patrocinar o Pan-Americano no Rio de Janeiro e nós queremos fazer o melhor Pan-Americano que já aconteceu nas Américas, para a gente provar que o Brasil tem competência e condições de reivindicar os Jogos Olímpicos para o Brasil. Da mesma forma, meu caro Marco, eu já disse ao Ricardo Teixeira e vou dizer a você e aos times de futebol aqui: não dá mais para o Brasil ganhar Copa do Mundo na casa dos outros. Nós precisamos fazer uma Copa do Mundo no Brasil, precisamos começar a nos organizar para a Copa do Mundo de 2014, não há argumento de dizer que não tem campo de futebol, que não tem condições, porque nenhum país do mundo tem condições de oferecer para uma Copa do Mundo o que o Brasil tem.

Nós fizemos uma única aqui, todo mundo, pelo menos os da minha idade, tem na lembrança, ainda, o sofrimento que foi aquele fatídico jogo com o Uruguai, mas a gente também não pode ficar remoendo e chorando porque



não ganhamos do Uruguai. Ganhamos cinco fora, queremos ganhar a sexta agora e, quem sabe, ganhar a sétima daqui a pouco; quem sabe, na oitava a gente vai ganhar aqui dentro de casa e, quem sabe, fazendo a final em São Paulo porque o Dualib fala há 20 anos que vai construir um estádio de futebol e não constrói. Eu estou ouvindo o Santos falar que vai construir lá para as beiras da grande São Paulo, o dado concreto... Diadema? Eu quero saber onde é que o prefeito vai arrumar terreno para o Santos fazer o clube lá. Depois vai sobrar para mim porque ele vai dizer: “Presidente, preciso de um dinheirinho para ajudar o Santos a fazer”...

O que eu acho é o seguinte: está cheio de gente que tem mais dinheiro que o Brasil, mas não tem ninguém que tenha mais experiência e mais talento no futebol que o Brasil. Portanto, eu acho que a FIFA vai ter que se curvar diante da dimensão do futebol brasileiro e um dia vai nos avisar que em 2014 a Copa do Mundo será realizada no nosso querido Brasil.

Por último uma homenagem, além do Campeão e Vice-Campeão, o Ministério do Esporte tinha aprovado, quando São Paulo foi tricampeão mundial, o Ministro do Esporte pediu para que eu assinasse um decreto condecorando o time do São Paulo. Então, uma das razões pelas quais eu estou aqui, além de ficar ali chorando com o Dualib o fato de não termos ganhado nenhuma medalha, é condecorar o São Paulo pelo feito extraordinário de ter sido tricampeão do mundo, coisa que o Corinthians ainda nem passou pela Libertadores.

Muito obrigado a vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de atos por ocasião da visita de Estado da presidenta do Chile, Michelle Bachelet**

**Palácio do Planalto, 11 de abril de 2006**

Excelentíssima senhora Michelle Bachelet, presidenta da República do Chile,

Senhoras e senhores integrantes das comitivas do Chile e do Brasil,

Jornalistas presentes,

Meus amigos e minhas amigas,

Quero dar as boas-vindas à presidenta Michelle Bachelet e à sua delegação. É uma alegria recebê-los no Brasil no momento em que Vossa Excelência assume a direção dos destinos do Chile.

Segundo um conhecido chavão - que tem um grande fundo de verdade - Chile e Brasil não partilham fronteiras, mas têm uma amizade sem limites.

Hoje, essa frase resume o excepcional momento de nossas relações. Nunca nossos países conviveram de forma tão harmoniosa e inovadora. Nossas relações transpõem a Cordilheira dos Andes para unir o Atlântico ao Pacífico e confirmar a vocação de nossos países e de nosso Continente para a integração.

Antes mesmo de tomar posse, ainda em 2002, visitei o Chile para sinalizar o lugar que seu país iria ocupar na política externa de meu governo. Houve quem achasse que nossas relações não tinham futuro, por conta das diferenças de nossas políticas comerciais.



Nestes três anos e três meses de minha presidência, pude constatar o imenso potencial de nossa parceria. Reforcei essa percepção na reunião que acabamos de manter.

A visita de Estado da presidenta Bachelet sinaliza nossa determinação de explorar novas possibilidades de cooperação. Em 2005, nosso comércio bilateral ultrapassou os 5,2 bilhões de dólares anuais e, o que é importante, segue crescendo. Os homens de negócio chilenos confiam no Brasil e investiram mais de 4 bilhões de dólares aqui. Empresas brasileiras também têm explorado as oportunidades do parque exportador altamente competitivo do Chile.

A pujança de nosso comércio se funda em economias em franca expansão, graças a políticas que abriram caminho para um crescimento saudável e duradouro. O aumento das frequências aéreas e dos fluxos turísticos entre Brasil e Chile é outro indício de que nossos países estão se descobrindo cada vez mais.

Por meio da Aliança Renovada que estamos lançando hoje, reafirmamos compromissos e adotamos novos instrumentos que sintetizam e consolidam esse elevado grau de cooperação e de integração.

Também na esfera regional estamos aprofundando nossa parceria. A negociação Mercosul-Chile sobre o tema de serviços abre caminho para agregarmos valor e competitividade a nossas exportações. O acordo para facilitar a residência de cidadãos dos países do Mercosul reforça os laços do Chile com nosso bloco.

As viagens que Vossa Excelência está fazendo aos quatro membros fundadores sublinham esse seu compromisso.

O Chile e o Brasil acreditam numa América do Sul que tem forte vocação para a convivência democrática e harmoniosa entre povos unidos pela cultura e pela história.

Queremos construir um espaço de estabilidade e prosperidade, capaz



de moldar o destino de nossos países, de nossa região e de nossa presença no mundo. Estamos empenhados em avançar projetos de infra-estrutura que promovam a integração e sustentem o crescimento da região.

Queremos aproveitar o potencial produtivo e de complementaridade de uma região rica em recursos naturais e em fontes de energia. Estamos assinando um acordo para estabelecer uma Comissão Mista Permanente em Matéria Energética, Geológica e de Mineração. Essa iniciativa faz parte de um projeto mais amplo para garantir o suprimento regional de energia necessário para continuarmos crescendo, em forma acelerada, para renovar nossos parques produtivos e enfrentar a grande dívida social que ainda possuímos.

Adotamos, também, instrumento de Cooperação Técnica na Área do Meio Ambiente, no entendimento de que a preservação do patrimônio ecológico é uma responsabilidade que temos em relação ao futuro.

Por todas essas razões, estamos empenhados na consolidação da Comunidade Sul-Americana de Nações. E o Chile deverá sediar a sua próxima reunião ministerial ainda este ano. O Chile vem dando uma contribuição inestimável para tornar realidade a nossa Comunidade Sul-Americana de Nações.

O diálogo que está desenvolvendo com a Bolívia para normalizar as relações bilaterais é simbólico de uma vontade coletiva regional de superar as divisões do passado e avançar na construção de um futuro solidário.

Esse futuro começa com a consolidação de nossas conquistas democráticas por meio de políticas de justiça social e equidade econômica.

Temos certeza de que as eleições deste ano no Continente reafirmarão o empenho maior na redução da desigualdade e no crescimento com distribuição de renda e geração de empregos. Esse é um desafio a mais que aproxima Chile e Brasil, países onde ainda persistem fortes desigualdades sociais.



Queremos transformar essas afinidades em atuação concreta no plano internacional, patrocinando iniciativas no âmbito da Ação contra a Fome e a Pobreza, em cuja origem o governo chileno esteve presente.

Já temos um resultado concreto: a proposta de contribuição solidária sobre passagens aéreas. Também estamos empenhados em favor de um sistema internacional mais solidário, fundado na legitimidade, na justiça entre povos e no diálogo entre nações.

Aceitamos o grande desafio da missão das Nações Unidas no Haiti, que é coordenada por um diplomata chileno e comandada, na parte militar, por um general brasileiro. Com o apoio do povo haitiano, estamos criando um novo paradigma de cooperação internacional para a solução de conflitos. A realização de eleições livres e transparentes, com participação maciça dos haitianos, é a prova de que estamos no caminho certo.

O país avança na constituição de um governo democrático, em ambiente de respeito aos direitos fundamentais. Não trabalhamos com prazos mas, sim, com objetivos: a responsabilidade da comunidade internacional não termina com a retirada das tropas. A reunião de países doadores para o Haiti, em 23 de maio próximo, em Brasília, reforçará nosso engajamento em projetos de cooperação técnica e de apoio institucional voltados para a reconciliação e reconstrução da nação haitiana.

Num mundo marcado por uma globalização desigual e por novas ameaças, Chile e Brasil apostam no fortalecimento do multilateralismo.

Seu país falou por todos os latino-americanos e encheu-nos de orgulho quando no início da crise iraquiana defendeu, nas Nações Unidas, soluções de paz e de respeito ao Direito internacional. Queremos uma ONU mais representativa e, portanto, mais legítima e eficaz.

Agradeço, assim, o voto de confiança que significa o apoio, reiterado pela presidenta Bachelet, a que o Brasil torne-se membro permanente do Conselho de Segurança.



Juntamos esforços também em prol de maior equidade e democracia nas negociações comerciais internacionais. Por meio do G-20, estamos lutando para garantir aos países em desenvolvimento o direito de fazer do comércio uma ferramenta para o crescimento sustentado.

Podemos hoje olhar com confiança para nosso futuro comum, graças à dedicação daqueles que sempre acreditaram nesse projeto, como o meu amigo, presidente Ricardo Lagos. Ele soube combinar a abertura do Chile para uma economia crescentemente globalizada e competitiva com um sólido compromisso sul-americano. Estou certo de que sua visão e liderança serão fonte de inspiração para a presidenta Bachelet e para todos nós.

Quero terminar reiterando minhas congratulações à presidenta Bachelet por sua eleição. Trata-se de um marco na história do Chile e da América do Sul. Reflete o amadurecimento da sociedade chilena, que passou nestes últimos anos por significativas mudanças culturais e sociais.

Sua vitória é um símbolo e uma homenagem para todos aqueles que resistiram à tirania, como os muitos brasileiros que encontraram, em seu país, asilo contra a opressão. Minha amiga Bachelet superou grandes dificuldades pessoais e soube transformá-las em exemplo e lição de vida.

É certo que ela foi eleita por suas muitas qualidades: seu espírito de solidariedade, tolerância e diálogo, sua capacidade de liderança e empreendimento.

Mas o fato de ser mulher dá à sua eleição uma dimensão humana e política ainda maior e sinaliza os novos tempos em que ingressa a nossa América do Sul. Estou realmente muito feliz com esta sua visita ao Brasil, presidenta Michelle Bachelet.

Temos um longo caminho pela frente, mas nos anima a certeza de que estamos trabalhando na mesma direção. Sei que o Brasil tem no Chile um parceiro permanente. Um aliado na busca de uma América do Sul integrada e unida pelos valores da democracia e da equidade. Uma região fortalecida na



sua capacidade de se fazer ouvir e respeitar na comunidade de nações.

Muito obrigado. Boas-vindas ao Brasil.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de Termos de Compromisso para transferência de convênios entre instituições de segmento comunitário e o CEFET**

**Salto-SP, 13 de abril de 2006**

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,  
Meu querido companheiro Aloizio Mercadante, senador da República e líder do governo,

Meu querido companheiro Arlindo Chinaglia, líder do governo,

Minha querida companheira Iara Bernardi, deputada federal,

Meu caro deputado Sílvio Torres,

Meu caro prefeito de Salto, José Geraldo Garcia,

Companheiros,

Senhores prefeitos Efanu Nolasco Godinho, de São Roque; João Paulo Ismael, de Campos do Jordão; José Pereira de Aguiar, de Caraguatatuba; Cláudio Maffei, de Porto Feliz; Herculano Júnior, de Itu e Carlos Aymar, de Araçariguama,

Meu caro Nelson Nicolau, prefeito de São João da Boa Vista,

Senhor Garabed Kenchian, diretor-geral do Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo,

Meu caro Luiz Carlos Batista, presidente da Câmara Municipal de Salto,

Meu caro Benito César Begossi, presidente da Fundação Saltense de Educação e Cultura,

Senhora Eloíza Antunes de Oliveira, presidente da Fundação Cultural de Caraguatatuba,

Aqui tem mais um monte de secretárias e secretários, se eu ler toda a nominata, vai ter muito candidato a vereador e deputado na próxima eleição.

Eu quero agradecer aos prefeitos, aos secretários de educação, aos



secretários de cultura, mas, sobretudo, quero agradecer ao povo de Salto. E dizer para vocês que, quando fazemos uma visita para dar segmento a uma escola técnica que começou a ser construída em 2001, que estava paralisada por “n” problemas, é porque nós nos convencemos de que se o Brasil quiser dar um salto de qualidade na sua participação internacional, na melhoria da qualidade dos produtos que fabricamos, na colocação de valor agregado naquilo que nós vendemos, não tem outro caminho se nós não fizermos um forte investimento na educação brasileira. E fazer investimento na educação brasileira significa a gente cuidar da creche à universidade, cuidar do ensino fundamental, do ensino técnico e também da universidade.

Eu sei que o que eu vou falar aqui pode mexer com algumas pessoas que não estão aqui, com algumas pessoas que vão disputar a importância política logo, logo, cargos e assim por diante. Mas, vamos pegar os dados históricos para a gente ver.

Cada um de vocês, quando chegar em casa, poderia tentar entrar na Internet e perguntar, desde a primeira universidade feita no Brasil, em 1920, quantas universidades cada presidente da República fez. Isso, para vocês perceberem que, se cada presidente da República tivesse assumido um compromisso de criar uma determinada quantidade de universidades durante o seu mandato, certamente o Brasil teria hoje o dobro de estudantes universitários que tem e, portanto, teria muito mais respeitabilidade na sua formação tecnológica, científica e profissional do que tem hoje.

Se vocês pegarem o que aconteceu de 1995 a 2002, vocês vão perceber que, no Brasil, foi feita apenas uma universidade, a Universidade de Palmas, na cidade de Tocantins, que ainda sim fomos nós que tivemos que colocá-la para funcionar.

Pois bem, nós, como disse o ministro da Educação, nós estamos fazendo quatro universidades federais novas, estamos transformando seis faculdades em universidades e estamos criando – cada dia aumenta uma,



porque cada dia uma cidade pede –, mas nós já estamos com 42 ou 43 extensões universitárias. O que é uma extensão universitária? É você pegar um conjunto de cursos de uma universidade federal, tipo São Carlos, e levar para outras cidades. Nós estamos levando para Diadema, estamos levando para Guarulhos, já levamos para Santos, estamos levando agora para Sorocaba, Osasco já está reivindicando a sua e, portanto, nós vamos ver. Obviamente que os prefeitos deram o prédio, o que ajuda barbaridade, porque vai ficar mais barato a gente fazer isso.

E o que vai acontecer com as extensões universitárias? Os jovens das cidades do interior não têm mais que sair da sua cidade ou da sua região para tentar fazer um curso na Universidade Federal da Paraíba, de Goiás, de Pernambuco ou de São Paulo. Não, ele pode fazer a sua universidade na sua região, porque não é o jovem que tem que viajar o Brasil inteiro à procura de uma vaga na universidade, é a universidade que tem que estar mais próxima da juventude.

Depois, as escolas técnicas. A escolas técnicas, o Fernando Haddad disse muito bem aqui, em 1998 alguém resolveu que o governo federal não deveria mais ser responsável pelo ensino técnico, que o governo federal deveria fazer convênio com as ONGs, com entidades e com prefeituras ou estados, e se eles assumissem a administração, então poderia-se fazer escola técnica. Acontece que tudo isso tem custo, e nem a prefeitura, nem as ONGs e nem o estado têm dinheiro disponibilizado para fazer aquilo que o governo federal tinha a obrigação de fazer. E mais importante é que gerenciar uma escola dessa exige mais responsabilidade e muito mais peso que uma entidade, por mais séria que seja, se ela for pequena e não tiver recursos.

O que nós estamos fazendo aqui, hoje? Nós estamos pegando uma escola técnica que estava para ser dirigida por uma ONG e estamos assumindo a responsabilidade de trazê-la para os braços do governo federal e assumir a responsabilidade de que o ensino técnico volta a ser prioridade neste



país. E volta a ser prioridade por outra razão: é porque o Brasil precisa ter o cidadão, a gente diria, o faxineiro e o engenheiro, mas tem que ter o técnico no meio. E isso vai permitir que a gente possa qualificar a juventude brasileira. E nós sabemos que a melhoria do ensino passa pela melhoria das condições de trabalho dos professores brasileiros, dos educadores brasileiros, que ganham... Houve um tempo em que ser professora neste país era até motivação para os nossos maiores compositores fazerem músicas. Todo mundo lembra de “A Normalista”, lembra de “A Professorinha”. Hoje, ser professor é quase um martírio, porque ganha mal, é mal tratado, não tem a sua função reconhecida e não tem um processo de requalificação dos nossos professores.

Nós agora – o companheiro Fernando Haddad falou na outra cidade, mas não falou aqui – nós vamos começar o maior programa de aprimoramento dos nossos educadores a distância, nós vamos formar e preparar melhor os nossos professores. Logo, logo, vai ter uma propaganda na televisão dizendo o que é isso, porque a gente precisa melhorar a qualidade de ensino e para isso precisamos melhorar a qualidade dos nossos professores.

E aí entra uma outra coisa importante, falta, me parece, que uma coisa só no Senado, para ser votada, que é o Fundeb. O Fundeb é o Fundo Nacional da Educação Básica. Nós iremos colocar, até 2008, mais 4 bilhões e 300 milhões no ensino básico neste país. E para isso nós aumentamos os anos de escolaridade do ensino fundamental, de 8 para 9 anos. O que acontecia no Brasil? Uma família que tinha um salário razoável poderia colocar a sua criança na pré-escola. Essa criança entrava na pré-escola com seis anos e com sete anos ia para o ensino básico. Só que tem outra família que não tem possibilidade de colocar a criança numa pré-escola. Então, na mesma sala de aula, entrava uma criança que já tinha um ano de escola, que já tinha brincado com lápis, já tinha brincado com papel, já tinha aprendido a escrever o nome, já tinha desenhado, já tinha aprendido que um mais um é dois, já tinha aprendido



uma série de coisas, entrava na mesma sala e sentava do lado de uma criança que não tinha tido nenhum contato com a escola.

Aí aparecem alguns engraçadinhos e falam: “ah, porque tal criança é burra e tal é inteligente”. Não. É que uma criança foi tratada decentemente e a outra não foi tratada decentemente; uma criança teve oportunidade e a outra não teve oportunidade. Então, nós fizemos a mudança para as crianças entrarem com seis anos na escola para que todos possam entrar no mesmo grau de preparação. E aí, sim, o ensino vai se tornar, cada vez mais, de qualidade.

Vocês sabem o que nós descobrimos? Nós descobrimos que quando foi criada a universalização do ensino fundamental no Brasil, nós tínhamos um problema: é que a gente fazia a propaganda em que tinha todas as crianças na escola, mas a gente não preparou as crianças, depois do ensino fundamental, para o segundo grau. Então, em dez estados do Brasil, e normalmente nos estados mais pobres da federação, as crianças terminavam a oitava série e não tinham como continuar na escola porque não tinham dinheiro. Nós criamos o Fundebinho, colocamos 400 milhões de reais a mais, salvamos as crianças do Nordeste brasileiro para terem escola e a agora, com o Fundeb, não vamos ter mais problemas, se Deus quiser. E, também, nós proibimos qualquer ministro falar... quando o Fernando Haddad vai pedir dinheiro para a educação, a gente vai discutir no Orçamento e dizer: “não, nós não podemos gastar com a educação”. Nós precisamos mudar a conceituação dos nossos dirigentes de que o dinheiro para educação não é gasto, dinheiro para educação é investimento, é investimento que tem retorno muito rápido.

Eu vou contar uma história para vocês. Esses dias, este moço aqui, me procurou para dizer que se ele tivesse 18 milhões de reais ele conseguia transformar esses CEFETs em CEFETs federais. O Congresso Nacional ainda não votou o Orçamento, mas a gente, por medida provisória, vai liberando verba de custeio. Eu disse ao Fernando: pode fazer que nós te daremos a



verba da Presidência da República e colocamos para a gente federalizar, porque o dinheiro que a gente não põe na educação agora a gente vai gastar – aí, sim, é gasto – criando cadeias, criando Febem, criando um monte de coisas e contratando policial. O que a gente não investir em educação agora, a gente vai ter que investir em segurança depois. Então, fica muito mais barato a gente colocar mais dinheiro na educação para formar as nossas crianças, formar os nossos adolescentes, formar os nossos universitários.

Eu estava dizendo agora, em Sorocaba: em todos esses anos, desde que o Brasil é Brasil, e desde que começou a universidade aqui, no Brasil... eu vou dar um exemplo, todo o sistema público de São Paulo, todo o sistema público, entre o estadual e o federal, representa 91 mil alunos na universidade, USP, Unicamp e as outras que vocês conhecem.

Pois bem, só o ProUni, que nós criamos no ano passado, colocou, em São Paulo, 64 mil novos jovens na universidade brasileira. Jovens da periferia, jovens pobres, que fizeram escolas públicas, que jamais poderiam pagar uma universidade. Porque o jovem estuda na escola pública, presta vestibular, passa, e quando, em fevereiro, vai se matricular, pedem logo mil reais, 800 reais, 900 reais de matrícula, e essa menina e esse menino voltam para casa sem nada e perdem a esperança.

Pois bem, agora, só aqui em São Paulo, nós, praticamente, estamos criando, em um ano e meio, mais alunos do que tem a USP e a Unicamp juntos. E, se Deus quiser, até junho vai ter mais 46 mil novos alunos no Brasil inteiro. Então, nós vamos chegar a praticamente 250 mil novos jovens estudantes na universidade, e 30% deles, ou um pouco mais, afrodescendentes, dando oportunidade a jovens, mulheres e homens negros que normalmente não tinham oportunidade na universidade.

É só a gente ir na USP, na PUC, na Unicamp, a gente ir em banco, a gente ir na escola de medicina para ver se tem negros. Você encontra um em cada um milhão. Por quê? Porque no Brasil, lamentavelmente, embora a



Constituição diga que todos nós somos iguais perante a Lei, uns são mais iguais do que outros e, ainda, negros e índios eram segregados neste país, não na lei, mas na prática e no comportamento.

Pois bem, é isso que eu vim fazer aqui. Dizer para vocês que é com muito orgulho que eu saio daqui vendo a alegria do prefeito e da sua gente, a alegria de uma cidade que sabe que depois que ela receber uma escola, que vai ter não sei se 1.800 ou 3 mil alunos. A gente, enquanto pais, a gente tem a tranqüilidade de saber que o filho da gente se levantou às sete horas da manhã e foi para uma sala de aula, que às sete horas da noite foi para uma sala de aula. Duro é quando a gente é pai – e eu tenho cinco filhos – e eles se levantam de manhã e a gente não sabe para onde eles foram, não têm emprego e não têm escola.

E nós precisamos de escola para facilitar o emprego, porque todo mundo aqui sabe que um trabalhador que tem profissão, quando ele sai com a carteira para procurar emprego ele, pelo menos, faz uma ficha na empresa. O que não tem profissão, nem o guarda da empresa o atende, porque pergunta: o que sabe fazer? Nada. Se não sabe fazer nada, então não tem emprego.

Então, acreditar na formação profissional é acreditar que no século XXI o Brasil vai se transformar na grande Nação que poderia ter sido transformada no século XIX ou no século XX. E nós, agora, não vamos mais perder essa oportunidade.

No mais, eu quero agradecer a vocês. Quero agradecer a cada homem, a cada mulher e a cada criança, e dizer para vocês: podem ter certeza de uma coisa, a única coisa que eu quero da vida é, ao terminar o meu mandato, poder comparar o que nós fizemos em quatro anos, para o povo deste país, com tudo o que foi feito nos últimos 30 ou 40 anos, na educação, na saúde, no mundo do trabalho, para que a gente possa saber quem é quem no Brasil.

Acho que todos vocês precisam ter consciência do que o Brasil está vivendo, apesar dos debates políticos acalorados, sempre foi assim, porque



política é assim, política é que nem futebol. Eu duvido que a gente convença um corintiano a torcer para um palmeirense, duvido. E duvido que a gente convença um palmeirense a torcer para o Corinthians, duvido. Torcer para o Santos, do Aloizio Mercadante, ou para o São Paulo já é difícil, imagina o Palmeiras torcer para o Corinthians e o Corinthians torcer para o Palmeiras!

Na política é assim. Em 2002 nós derrotamos aqueles que governavam o Brasil desde que Cabral descobriu o Brasil, é a mesma gente. Se você pegar a árvore genealógica, você vai perceber que é a mesma coisa, sim, é quase tudo a mesma coisa.

Ou seja, nós somos a diferença, e isso os deixa inconformados. Então, eles ficam torcendo, ficam torcendo, trabalhando, eu acho que até rezando para não dar certo. Mas eles não sabem que antes de eu chegar lá, eu apanhei muito, neste país. Antes de eu chegar lá, eu apanhei muito e aprendi, como dirigente sindical, como é que se faz as coisas. E, portanto, nós vamos enfrentar, com a mesma sobriedade que enfrentamos momentos muito mais difíceis. E, se Deus quiser, vocês vão ver o que vai acontecer no final do ano.

Muito obrigado a todos vocês, um grande abraço e até outro dia, se Deus quiser.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao local das futuras obras da Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR**

**Sorocaba - SP, 13 de abril de 2006**

Deixa eu pedir somente uma coisa para vocês: é extremamente desagradável para um presidente da República, quando ele visita o local de uma obra que deveria ser motivo de festa para aquela cidade ou para aquela comunidade, e a gente permite que as disputas políticas locais, regionais ou nacionais tomem conta do evento, quando a gente deveria estar aplaudindo o significado desse campus, aqui, na cidade de Sorocaba.

Eu tenho que agradecer o que está acontecendo aqui, porque se não houvesse a parceria da Prefeitura com o governo federal, a gente não teria o terreno para fazer o campus. Se não fosse o trabalho de uma lara, a gente possivelmente também não tivesse esse campus, se não fosse a disposição nossa... vejam, uma coisa é a briga que tem no Congresso Nacional, outra coisa vai ser a disputa aqui na cidade, daqui a três anos, outra coisa vai ser a disputa para presidente da República quando chegar o mês de outubro. Tudo isso nós sabemos.

Agora, se eu fosse pensar assim, eu não estaria trazendo o campus para cá, porque o Prefeito não é de um partido aliado ao meu, é de oposição. E um presidente da República não pode pensar de forma pequena, porque eu não posso pensar no prefeito, eu não posso pensar no vice-prefeito, eu não posso pensar no vereador, eu tenho que pensar no povo da cidade de Sorocaba e da região, porque senão o que vai acontecer é que eu vou parar de visitar as cidades, porque, para mim, é muito deselegante... eu sei da divergência política, eu conheço os partidos aqui nesta cidade há 30 anos, eu aqui já fiz greve, piquete, desde 1980.



Então, tem hora da gente disputar eleição, tem hora da gente fazer enfrentamento eleitoral, mas tem hora da gente comemorar, porque vejam, eu sou corintiano, mas jamais um corintiano se recusaria a colocar na cabeça um chapéu do São Bento de Sorocaba, porque eu sei o significado que esse time tem para a cidade. Mas da mesma forma que eu estou dizendo isso, eu queria dizer para vocês que nós temos que analisar o que significa o que está acontecendo na educação neste país.

Eu dizia, há muito tempo atrás, viu Bolinha, eu dizia que era preciso chegar à Presidência da República um presidente que não tivesse curso universitário, e quero dizer para vocês que não tenho orgulho disso não, eu gostaria de ter tido a oportunidade de ter um curso universitário, mas para compreender o mundo daqueles que não têm acesso à universidade, porque muitas vezes pessoas que já têm o curso e que chegam à Presidência da República ou a ministro, têm facilidade de esquecer que milhões e milhões não tiveram a mesma oportunidade que eles e, portanto, a universidade não tem o mesmo interesse que tem para uma pessoa que sabe o significado de não ter um curso universitário.

O que nós estamos fazendo no Brasil é preparar este país para se transformar numa grande potência no século XXI. O Brasil já foi e ainda continua sendo um grande exportador de café, o Brasil já foi e é um grande exportador de minério de ferro, o maior exportador de carne de frango, o maior exportador de suco de laranja, mas o Brasil será potência mundial no dia em que a gente estiver exportando conhecimento, inteligência, quando estivermos exportando essas coisas que significam valor agregado para um país. Não tem nada mais sagrado do que a elevação do conhecimento de um povo para que ele possa se preparar para ser competitivo, para disputar mercado, para disputar produtos, para disputar pesquisa, para disputar, enfim, o direito do Brasil, no século XXI, ocupar o lugar que não ocupou nem no século XIX e nem no século XX.



É por isso que eu vou dizer para vocês uma coisa: este menino chamado Fernando Haddad, que falou aqui para vocês, que tem um ano e pouco no Ministério da Educação... com a aprovação do ProUni, vocês sabem, o sistema federal e estadual, no estado de São Paulo, em todos esses anos, a USP, a Unicamp, a São Carlos e a Federal de São Paulo, todas juntas têm 91 mil alunos. Só o ProUni, em 14 meses, deu oportunidade no estado de São Paulo de colocarmos 63 mil novos jovens na universidade.

Jovens da periferia que estudaram em escola pública e que, portanto, não tinham condições de fazer um vestibular e passar numa Federal ou numa USP ou numa Unicamp. Esses jovens estavam marginalizados porque faziam vestibular, passavam, e quando chegava no mês de fevereiro que iam se matricular tinham que pagar uma primeira mensalidade antes de começar a estudar. Esses jovens voltavam para casa desesperançados, sabendo que nunca mais teriam a chance de entrar numa universidade. Nós já colocamos, no Brasil, 204 mil novos jovens na universidade; em São Paulo, 64 mil, e até junho vamos colocar mais 46 mil em todo o território nacional. O que é importante é que desses jovens, todos de escola pública, 40% são afrodescendentes, são negros e negras que estavam marginalizados neste país e que estão tendo a oportunidade de entrar numa universidade. São mais de 1.200 indígenas que estão cursando uma universidade hoje. Nós estamos fazendo isso porque acreditamos que não existe possibilidade de o Brasil ocupar o seu espaço, enquanto nação desenvolvida, se a gente não acreditar na formação dos nossos jovens.

Eu sei o que vale para um pai e para uma mãe o seu filho estudar. Eu tenho certeza de que os meninos que estão aqui, eu tenho certeza de que as mulheres que estão aqui, os pais que estão aqui nunca pensaram em deixar riqueza material para os seus filhos, mas todos sonham em deixar como herança para o seu filho uma boa formação escolar.



Quando a gente coloca um filho numa escola, a gente fala: “eles estão encaminhados, graças a Deus.” Quando eles se formam, eles jamais voltarão a ser os mesmos porque terão um mercado de trabalho mais ampliado, terão possibilidade de melhores salários e, portanto, essas pessoas ganharão uma coisa que tem muito significado, que é a sua cidadania enquanto ser humano, e a sua independência profissional, sobretudo para as mulheres. Uma mulher com uma formação profissional, uma mulher que tem uma profissão, um curso universitário, essa mulher não fica aceitando desaforo do seu marido, essa mulher tem independência. E o marido, ao saber que a mulher não está dependendo financeiramente dele, também não vai ser ignorante de ficar brigando com a mulher por qualquer coisa. Ele vai ver que o casamento não é a subordinação de um ou outro, a harmonia do casamento é a perfeição do relacionamento humano que dois seres humanos possam fazer. E quanto mais independência um tiver do outro, mais eles vão viver em condições de dignidade, em condições de decência.

A gente sabe que, no Brasil, muitas mulheres apanham do marido e a maioria que apanha... é só ir nas delegacias para ver a violência contra a mulher. São mulheres que, muitas vezes, não têm independência, não trabalham fora de casa e ficam esperando o salário do marido. E o marido então, ao invés de ser parceiro, pensa que é dono da mulher e começa a querer mandar na mulher.

Portanto, a formação profissional é a independência para o homem e a independência da mulher. E vai acontecer mais. Vocês ouviram, aqui, dizer o nosso ministro: é a Universidade Federal do ABC, que quando estiver pronta vai atender 25 mil novos alunos; é o curso de Medicina, em Diadema; é o curso de Medicina, em Santos; são oito cursos na cidade de Guarulhos, é esse campus aqui e outros que nós vamos criar, porque eu quero provar que este país poderia estar mais evoluído se os governantes que vieram antes de mim tivessem pensado na formação profissional do povo brasileiro.



É importante lembrar que, em 1998, foi aprovada uma lei tirando das costas do governo federal a responsabilidade pelo ensino técnico. A lei era a garantia de que o ensino técnico só poderia ser possível em convênios com ONGs, ou se uma prefeitura pudesse custear ou se o estado pudesse custear. O que aconteceu, de fato, é que as ONGs não podiam, a maioria das prefeituras não podiam e o estado não pode.

Hoje, nós estamos saindo daqui e indo à cidade de Salto, estamos assumindo a responsabilidade de trazer para o governo federal, outra vez, a formação profissional dos nossos jovens, com as escolas técnicas subordinadas ao governo federal. Até junho devemos inaugurar 25 e, aqui, em São Paulo, 18 Cefets que as ONGs não podem administrar. Nós, hoje, vamos fazer parceria com os prefeitos, federalizá-las, porque o governo federal só tem obrigação pelo ensino médio e pela universidade, diretamente. E nós não vamos abrir mão de ser responsáveis pela formação profissional, porque eu sei a diferença entre um ser humano sair para procurar emprego sem profissão, e um ser humano com profissão. O coitado que não tem profissão não é nem recebido pelo chefe do departamento pessoal de uma empresa, ele não é nem recebido pelo guarda da empresa. Mas aquele que tem profissão, pelo menos, deixa uma ficha e a empresa fica sabendo que no dia em que precisar de alguém qualificado, ela tem o número da casa, endereço e nome para ir buscar. É por isso que nós não abrimos mão da formação profissional da nossa juventude.

E por fim, companheiros, eu quero dizer para vocês que eu estava vendo aqui os catadores de papel. Cada um de nós vai perceber o que nós fazemos. Nunca os catadores de papel tinham tido a chance de entrar no Palácio do Planalto. Desde que tomei posse, todo dia 23 de dezembro eu vou a um encontro com os catadores de papel, embaixo de um viaduto lá em São Paulo, e eu vou por uma simples razão: primeiro porque ser catador de papel não é ser menor do que engenheiro ou do que reitor. Ser catador de papel é



uma profissão tão grande e demonstra que os humildes estão catando, muitas vezes, a sujeira que outros jogam pelas cidades espalhadas por este país.

Esses companheiros se organizaram em cooperativas, têm várias parcerias com o governo federal e, hoje, mulheres e homens têm orgulho, não têm mais vergonha, têm orgulho de dizer a profissão: “eu sou de uma cooperativa, catador de papel e sustento minha família com o dinheiro que eu ganho honestamente aqui”.

No Brasil, meu caro Bolinha, pescador nunca tinha sido respeitado. Nós, em três anos, cadastramos todos os pescadores brasileiros, aprovamos a Lei do Defeso e quando os pescadores não puderem pescar, porque está na época de desova, nós pagamos o salário-desemprego para acabar com essa mania... Quando a gente está de férias na praia a gente quer comer peixe fresco, vai lá naquele rapaz que vem com a canoinha e pega um peixe. A gente só pergunta o preço. Duas perguntas que a gente faz: que peixe é? É fresco? Quanto custa? A gente nunca pergunta: como você vive? O que você ganha? A gente nunca pergunta porque para nós a estada na praia é passageira, mas a dele é permanente, então nós queremos que essas pessoas se transformem em cidadãos.

Neste país era praticamente proibido criar cooperativa. Nós escancaramos a criação de cooperativa neste país. Cooperativa de crédito, cooperativa de produção e eu lamento não poder visitar as cooperativas porque o meu horário está apertado, mas é uma coisa que eu pretendo ajudar a crescer neste país porque quanto mais cooperativa a gente tiver, menos a gente vai depender do sistema financeiro e mais barato vão ser os juros que a gente vai tomar emprestado.

Meu querido Reitor, eu muitas vezes... eu quero agradecer aqui ao prefeito Newton, nosso prefeito de São Carlos, ex-reitor da Universidade Federal de São Carlos. Eu quero agradecer porque foi esse companheiro que me convenceu a colocar no Programa de Governo o Fundeb, que vai ser uma



revolução na educação fundamental neste país, no ensino básico, e vai ser muito mais forte para o ensino dos estados mais pobres. Mas quero agradecer, sobretudo, a disposição do meu Ministro da Educação e da sua equipe, aos deputados e ao senador Aloízio Mercadante, porque tudo que vai para educação, lá para o Congresso Nacional, eles aprovam. Às vezes demoram demais, às vezes eu fico pensando que poderia ter votado ontem e vão votar depois de amanhã, mas votam. E é isso que o Brasil precisa, de pessoas que deixem de ser mesquinhas, que deixem de ser pequenas, que deixem de trabalhar para que não aconteçam as coisas, que pensem no Brasil.

Vocês sabem de uma coisa extraordinária que acontece na vida de um dirigente de um país, vocês sabem que para nós o importante é ver as coisas acontecerem no país, e eu estou convencido de que o que deixa a minha oposição muito nervosa é o crescimento da economia. Bolinha, o mês de fevereiro é o mês mais fraco na geração de empregos neste país. Pois bem, em fevereiro deste ano foram criadas 176 mil novas vagas com carteira assinada. Em março será muito mais.

Então, eu acho que, se fica muita gente incomodada porque a economia está crescendo, os empregos estão aparecendo, as vagas nas universidades estão aparecendo, as crianças estão comendo melhor, as mulheres indo no supermercado e comprando arroz por menos da metade do que compravam no começo, o trabalhador comprando o saco de cimento pela metade do que comprava em 2003, então, as pessoas estão percebendo que as coisas estão melhorando. Ainda falta muito, porque eu nunca tive a ilusão de que a gente pudesse consertar os erros de 500 anos em apenas quatro anos. Eu nunca acreditei nisso. Mas acredito que em quatro anos nós vamos fazer mais do que eles fizeram em 50.

Muito obrigado, boa sorte ao povo de Sorocaba e da região.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da nova emergência do Hospital Nossa Senhora da Conceição**

**Porto Alegre-RS, 19 de abril de 2006**

Eu quero ver quem vai voltar para casa sem as suas camisas, sem as suas bandeiras, porque ninguém sabe de quem é. Segundo, eu queria dizer para vocês... Você está sem camisa? Cadê a camiseta dele? Eu vou assinar, porque ele está sem camisa, daqui a pouco... Acha a camisa do menino ali, porque ele está sem camisa. Daqui a pouco vão dizer que tinha um menino fazendo *strip* aqui, então, eu vou devolver logo para ele assinar. Mas já jogaram outra aqui, assim não é possível. Olhe, depois eu assino aqui.

Primeiro, eu queria cumprimentar o meu companheiro ministro da Saúde, Agenor Álvares da Silva,

Queria cumprimentar o ministro das Minas e Energia, que eu queria que levantasse para as pessoas conhecerem, Silas Rondeau,

Queria cumprimentar o meu ministro da Ciência e Tecnologia, Sérgio Machado, que pode levantar para as pessoas verem,

Queria cumprimentar a deputada federal Maria do Rosário,

Queria cumprimentar os deputados federais Adão Pretto, Henrique Fontana, Marco Maia, Orlando Desconsi, o deputado federal Paulo Pimenta, o deputado federal Tarcísio Zimmermann,

Queria cumprimentar os prefeitos aqui presentes,

Queria cumprimentar o nosso companheiro João Motta, Superintendente do Grupo Hospitalar da Conceição,

Queria cumprimentar o Francisco Arruda, coordenador do Qualisus,



Queria cumprimentar o Marco Antônio Santos, representante dos trabalhadores do Conselho do Grupo Hospitalar Conceição,

Queria cumprimentar o João Roberto Menezes, presidente do Sindicato da Saúde do Rio Grande do Sul,

Queria cumprimentar o Claudir Antônio Nespolo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do estado do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre,

Queria cumprimentar todos os funcionários do hospital, funcionárias,

Queria cumprimentar todos os trabalhadores e queria dizer a vocês da alegria de poder estar... trabalhadores e trabalhadoras, as companheiras e os companheiros. Na verdade, eu não gosto da terminologia todos e todas, eu prefiro falar companheiras e companheiros aqui presentes, meu querido companheiro Olívio Dutra.

Bem, cumprimentar o nosso querido companheiro ex-ministro da Reforma Agrária, Miguel Rossetto, que eu vi por aí.

Cumprimentar os deputados estaduais,

Cumprimentar os vereadores,

Meu querido companheiro Leonardo, uma alegria, sobretudo porque essa música é uma das músicas, você sabe que eu venero. Eu acho que o Leonardo, quando eu venho ao Rio Grande do Sul, ele deve pensar assim: "lá vem aquele chato daquele Presidente pedir para eu cantar Céu, Sol, Sul". Mas, gosto é gosto, eu poderia gostar de outra, mas gosto dessa. Os outros cantantes gaúchos que me perdoem, mas eu gosto dessa, e essa é sua. Então, se eu gosto dela, eu gosto de você, está tudo resolvido.

Eu sei que houve aqui, hoje, um exercício de democracia muito forte. Nós estamos num ano importante para o Brasil, porque é um ano de eleição. E cada vez que eu falo em eleição, os meus adversários entram com um processo na justiça para evitar que eu diga que sou candidato, eu nem disse ainda. Mas, eu sei que houve esse exercício da democracia e nós precisamos nos habituar que são normais os protestos, as pessoas que gostam, que não



gostam, é importante, isso faz parte da nossa vida, eu acho que eles ficam nervosos porque eu não fico nervoso, eu penso que eu conheço isso de muito tempo. Muitos desses meninos e meninas que estão protestando são oriundos do PT. Vocês sabem que ex-marido, ex-mulher, ex-fumante, ex-comunista, ex-petista, vão ficando cada vez mais sectários, cada vez mais radicalis e nós aprendemos a conviver com isso. Então, eu quero que vocês saibam que essa democracia, nós brigamos por ela. É muito melhor isso do que no tempo em que a gente não podia nem reunir 10 companheiros que já estávamos sendo perseguidos. Então, que viva a democracia, que viva o direito de protestar, mas que viva também o direito de respeitar.

Certamente, algumas pessoas que estão protestando são daquelas que nunca vão precisar usar um hospital público, certamente a maioria delas não sabe o que é um fila de hospital, uma sala de espera, quando uma mãe chega com o filho às três horas da manhã precisando, às vezes, apenas fazer uma inalação e às vezes encontra uma funcionária mal-remunerada, portanto ela também não está de bom humor já às três da manhã; o médico, muitas vezes, está descansando na sala dos fundos e a paciente fica ali horas esperando uma coisa que poderia ser resolvida em minutos. Eu digo isso porque já fiz isso muitas vezes, no tempo em que eu não tinha carro, no tempo que eu tinha que pegar ônibus, e eu sei que hoje acontece com muita gente.

Então, quando eu venho visitar um investimento do governo federal que moderniza um centro de emergência de um hospital como este, e a gente percebe que agora os doentes vão ser tratados da hora em que chegam até a hora que saem, que vão ter uma cama mais decente para repousar, que vão ser tratados com carinho na hora em que pisarem no hospital. Eu fico feliz, porque eu tinha 17 anos quando cortei este dedo às duas horas da manhã, e eu fui num pronto-socorro, meu caro Ministro da Saúde, e cheguei lá com um macacão fedendo a óleo, porque eu estava trabalhando à noite. E, certamente, se eu fosse num hospital que fosse daqueles hospitais caros, que eu pudesse



pagar, certamente o médico teria recuperado uma pontinha do meu dedo, pelo menos para coçar o ouvido. Mas como era um peão, 3 e meia da manhã, para que ficar cuidando muito? É melhor arrancar tudo. E arrancou, e me deixou sem um cotozinho, aqui, do meu dedinho.

Eu não tenho problema, mas eu sei que acontece isso ainda hoje, com muita gente pobre neste país. Quando a gente está doente, é o momento que a gente está mais fragilizado. A gente não tem vontade de rir, a gente não tem vontade de comer, a gente não tem vontade de conversar, a gente só quer ser tratado com respeito, a gente só quer ser tratado com decência. E é isso que agora vocês vão ter, nesse centro de atendimento que eu acabei de visitar agora. Parece que tem gente que não gosta, ou seja, tem gente que odeia que a gente faça coisa para pobre.

Então, vejam, meus queridos companheiros, vocês sabem que há 36 meses que todo santo mês cresce o número de empregos com carteira profissional assinada no país. Somente nos últimos dois anos, os trabalhadores brasileiros, das mais diferentes categorias profissionais, que passaram mais de 10 anos fazendo acordo abaixo da inflação, somente nos últimos dois anos, 80% dos sindicatos brasileiros estão fazendo acordo acima da inflação. E o acordo acima da inflação significa aumento real de salário.

Há 36 meses nós batemos, todo mês, recorde de exportação. Se aumenta a exportação, aumentou a produção, aumentou emprego, aumentou a renda e, portanto, a economia brasileira começa a demonstrar que ela tem um novo ciclo de crescimento.

Os meus adversários, por esse país afora, deveriam ser desafiados por vocês a dizerem em que momento da história econômica brasileira nós vivemos o momento que vivemos hoje. Há quanto tempo uma dona de casa não podia entrar no supermercado e comprar tanta coisa barata. Há quanto tempo o trabalhador brasileiro não podia comprar material de construção civil ao preço que está comprando hoje. Há quanto tempo a gente não via o



trabalhador fazer um “puxadinho” na sua casa, uma garagenzinha, um banheiro a mais.

E as coisas estão acontecendo e isso vai incomodando as pessoas. Isso vai incomodando, porque na sociologia política brasileira não estava previsto um metalúrgico chegar à Presidência da República, como não estava previsto a chegada de um índio, na Bolívia. Não estava previsto.

Então, essa é uma novidade que tem causado um certo receio em pessoas que não querem mais fazer o jogo democrático. Aliás, não querem nem que o presidente Lula diga que é candidato. Imagina o absurdo a que nós chegamos: a cada pesquisa que eu apareço na frente, é um terror. Aí aumenta a quantidade de denúncias, aumentam as leviandades. E eu fico pensando que daqui a pouco eles vão querer pedir que se faça um exame na minha mãe, que já morreu, em 80, para saber o que eu era quando eu era feto.

E eu aprendi a lidar com isso, com a paciência que eu adquiri durante muitas e muitas noites na porta de fábrica, esperando um patrão negociar, que não negociava, chorando o desemprego de um trabalhador que eu não conseguia empregar ou, às vezes, lamentando os dias descontados de greve, 40 ou 50 dias, que a gente não recebia. Eu nunca perdi a paciência.

Afinal de contas, sair de onde eu saí, lá no estado de Pernambuco, e chegar aonde eu cheguei, eu não tenho o direito de perder a paciência, eu não tenho o direito de ficar mal-humorado, eu só tenho que dizer: os meus adversários devem estar muito nervosos, porque eu não estou nervoso. Eles devem estar muito, muito, porque eu tenho consciência do significado da minha chegada à Presidência da República, eu tenho noção do sentido histórico, e tenho noção das dificuldades de a gente não poder fazer tudo o que é possível fazer, às vezes contrariando até companheiros, como a gente contraria filhos. Quem é casado, aqui, sabe: quantas vezes um filho pede uma coisa para a gente, a gente não pode dar, ele bate a porta, fica nervoso e acha que a gente está enganando ele quando, na verdade, quem pode gostar mais de um filho



que os pais? Mas a gente tem que ser verdadeiro. A gente tem que dizer não quando tem que dizer não, e dizer sim quando a gente pode dizer sim. É isso que vai criando uma certa consciência e responsabilidade nas pessoas.

E eu sabia que ia ser difícil, e eles imaginavam que o Brasil fosse quebrar no primeiro ano que eu ganhei as eleições. Até porque eles sabiam que o barco estava cheio de furos, estava entrando água por tudo quanto é lado, e eles falaram: “esse governo não vai conseguir tapar esses buracos, daqui a um ano nós vamos culpá-los e, depois, nós voltamos”. Com muita paciência, eu levei bancários e metalúrgicos para o governo, e nós fomos aprendendo. Levei intelectuais e gente que tinha experiência e fomos tapando o buraco. Aí, eles perceberam que o navio não afundou.

Quando, em 2004, a economia começou a crescer, e nós geramos mais empregos do que eles geraram em oito anos, aí eles ficaram doidos. Aí, começaram a não querer que eu fizesse comparação, o que eles menos querem é que eu faça comparação. Eu só estou comparando quatro anos contra oito, eu não estou comparando quatro contra quatro, porque senão a surra seria demais, eu estou comparando quatro contra oito. E posso dizer para vocês que continua sendo meu desejo, companheiro Olívio Dutra, no dia 31 de dezembro comparar, em cada área deste país, o que nós fizemos e o que eles fizeram, para que a gente possa saber claramente o que é possível fazer no Brasil, e é possível fazer muito, e muito mais, neste país. E fazer com a paciência que vocês têm, com a tranqüilidade.

E isso, eu aprendi na minha vida com vocês. Até porque vocês me aturaram tanto tempo, vocês perderam tanta disputa comigo, neste país, que vocês têm o direito de cobrar de mim o que vocês quiserem e eu não reclamar. Mas vamos ver o que significa isso aqui. Deixa eu ler algumas coisas que estão escritas aqui, porque são importantes para vocês, porque vai ter muito debate, daqui para a frente, vai ter muita coisa.

Eu estou vindo alegre, agora, porque eu fui lá em Tenente Portela



inaugurar o programa Luz para Todos para 1.500 famílias indígenas. Ou seja, possivelmente essas crianças que nasceram aqui, na cidade, não sabem o significado de uma luz acesa. As pessoas que viviam sem luz viviam no século XVIII, quando a gente acende um bico de luz é transferido do século XVIII para o século XXI imediatamente. E nós temos um compromisso de não deixar uma única casa, por mais distante que ela seja, sem luz elétrica. E uma ligação lá, meu caro... o Silas está aqui, uma ligação nessa terra que nós fizemos agora, cada ligação custa 5 mil reais, e nós fazemos de graça, e o governo do estado tinha que dar 20% e, lamentavelmente, não pôde dar. E nós, ao invés de ficarmos brigando com ele porque não deu, nós fizemos, não ficamos brigando. Nós queríamos fazer parceria, se não deu, nós vamos fazer. Porque fica caro a ligação, porque é muito poste, é muito longe. Só para vocês terem idéia: só de fio que nós já colocamos no Programa Luz para Todos daria para dar três voltas ao mundo, mais de 1 milhão e 400 mil postes e milhares e milhares de transformadores, e vamos continuar fazendo. Então, eu estou feliz.

Mas também estou feliz porque fui agora a Osório, não vi a 101, mas eu fui lá dar seqüência à primeira torre que vai produzir energia eólica e prestar uma homenagem à nossa querida Dilma, porque aquele projeto é um filho dela, ela que gerou. Antes que alguém se apoderasse do projeto, nós fomos lá para dizer quem era a mãe, e ainda por causa de um decreto de setembro de 2002 do governador Olívio Dutra. E fomos lá, a Dilma lembrou isso, para todo mundo saber, porque agora virou moda: quando as coisas acontecem boas, é o milagre do prefeito, é o milagre do governador. Quando são ruins, é o governo federal.

Bem, então, estou feliz porque estou aqui também e o meu ministro, vocês viram que ele não tem experiência para lidar com muita gente falando ao mesmo tempo, ele não contou uma coisa que me orgulha profundamente: é o Programa Brasil Sorridente. Todos vocês sabem que no Brasil a boca não era tratada como uma questão de saúde pública. Então, você tinha médico até



para tirar um bicho-do-pé, mas não tinha dentista em convênios para tratar dos dentes das pessoas. E eu sempre penso, Agenor, que não tinha dentista porque eu acho que uma parte dos ricos não tem dor de dente, porque tratam dos dentes desde pequenos. Pobre, não, pobre coloca cachaça no dente, algodão com cachaça e coloca comprimido dentro do dente, o buraco vai crescendo e ele vai entupindo com coisas. Pobre vai em benzedeira para cuidar do dente. Creolina? Isso eu nunca coloquei. Está louco, colocar creolina e depois você vai namorar, como é que você fica? Deus me livre.

Mas olhe, então nós decidimos criar um programa chamado Brasil Sorridente. Tem alguém ligado à área de odontologia aí? Tem. Nós, até o final do ano, vamos criar 400 centros de saúde bucal. Cada centro de saúde bucal vai cuidar de uma população de 500 mil habitantes mais ou menos. Nós vamos cobrir a totalidade do território nacional com saúde bucal, tratamento de primeira qualidade. Tem ortodontia? Você confirmou se tem ortodontia? Tem ortodontia, tem prótese, tem tratamento de canal, porque em época de eleições tinha gente em vários lugares do Brasil que andava com uma cesta de prótese, via um cara sem dentes e enfiava uma na boca, não importava o tamanho. E agora, não, agora o cidadão vai lá, tira um molde e faz coisa de primeira categoria, serve para a classe média, serve para a classe pobre, a gente não pede carteira profissional, não pergunta quanto ganha e não pergunta de onde veio. Se tiver problema no dente, vai tratar com dignidade, com respeito, com horário marcado, não é pegar fila não, é marcar horário para tratar. E os dentistas todos jovens, moços e moças muito jovens, muito bonitos, todos alegres, vai ser uma maravilha tratar dos dentes daqui para frente. E eu espero que aqui, em Porto Alegre, já tenha. Ah, tem um CEO aqui mesmo. Então, esse é o programa que é uma paixão da minha vida, porque eu acho que... eu canso de viajar e vejo pessoas rirem para mim, pondo a mão na boca assim, aí você olha, é porque não tem um dente. Pessoas de 18 anos, de 20 anos, então coloca um dente novo, fica maravilhoso, aí o amor vai ser muito melhor, muito



maior, as pessoas vão se apaixonar com muito mais facilidade, porque não é possível uma mulher que não ri e um homem que não ri arrumar um namorado, não é verdade? Olha, como o sorriso é bonito, é uma coisa que deixa a gente leve, tranqüilo.

Um outro programa que é uma paixão minha é a Farmácia Popular. Muitas vezes os prefeitos não querem fazer Farmácia Popular e nós também não obrigamos. Mas nós, agora, fizemos convênios com redes de farmácias, e aqui no Rio Grande do Sul deve ter, em Porto Alegre, muitas farmácias que estão vendendo remédio para hipertensão e remédio para diabetes 90% mais barato que a farmácia normal. Vocês vão ver a rede de farmácia com uma placa escrito “aqui tem Farmácia Popular”. Eu vou dar um exemplo para vocês: uma pessoa diabética, que toma insulina todos os dias, vai gastar mais ou menos 112 reais por mês. Agora, ela vai gastar apenas 12 reais por mês, apenas 12. Uma pessoa hipertensa, que não foi ao SUS e não ganhou o remédio de graça, e tiver que comprar determinado remédio para hipertensão, gasta 37 reais por mês. Ele, agora, vai gastar apenas 3 reais e 70 centavos. Vocês imaginam, isso significava quase 10% do salário mínimo. Isso significa aumento indireto de salário para as pessoas que vão comprar, e nós vamos aumentando, porque o nosso desejo é que todas as farmácias brasileiras tenham a plaquinha.

Basta ter um computador, um telefone e se conectar ao Ministério da Saúde. Aí o Ministério vem e autoriza, leva mais ou menos 20 segundos. Você tem que apresentar a receita e tem que apresentar o CPF. A receita vale por 180 dias, é isso? Então, a pessoa pode ficar com a receita 180 dias. Em 18 segundos o remédio está liberado porque, cada remédio que é vendido, entra diretamente no Ministério da Saúde para controlar se está sendo vendido corretamente. Passou na maquininha, eles autorizam. Esse é um programa, e eu pensei nesse programa, sabem por quê? Porque, no meio do povo mais pobre, a gente está cansado de ver pessoas que vão ao médico e, se não tem



o remédio para elas tomarem, elas levam uma receita e aquela receita vai para casa. Chegando em casa, elas passam na farmácia, não têm dinheiro para comprar, aí guardam a receita em uma gaveta e morrem sem tomar aquele remédio.

Então nós queremos que o povo brasileiro seja tratado com muito mais respeito no Brasil. E só equipes do Saúde Bucal, são 15 mil espalhadas pelo Brasil, como os do Saúde da Família, para cuidar das pessoas. Eu acho que não está longe de a gente atingir a perfeição no tratamento de saúde neste país. Para isso, nós temos que fazer mais investimento, como fizemos nesse Qualisus.

No mais, companheiros, eu quero dizer para vocês que, se depender do nosso governo, eu vou dizer uma coisa para vocês, para vocês terem noção do que aconteceu no Brasil. Os números do SUS, no Brasil, continuam crescendo. Os atendimentos realizados na rede de serviço do SUS aumentaram de 1 bilhão e 800 milhões para 2 bilhões de reais. E o governo continua investindo, cada vez mais, para garantir o direito da população brasileira de ter saúde pública. A cobertura da população, das equipes do Saúde da Família, passou de 30% em 2002 para 43.4% em 2005, alcançando 78 milhões de pessoas em todo o território nacional. Hoje, 94% dos municípios brasileiros contam com agentes comunitários de saúde e 90% deles com equipes completas do Saúde da Família, em atuação. As equipes do Saúde Bucal atendiam 17.5% da população no país, hoje atendem 35% da população do país. Foram implantados 8 mil e 875 novas equipes, além dos 351 centros especializados em odontologia, que realizaram mais de 1 milhão e 300 mil procedimentos especializados no Brasil.

Vocês estão lembrados do Samu. O Samu é uma coisa extraordinária, nós já temos mil e poucas ambulâncias, 1.100, e vamos colocar mais mil ambulâncias, já foi feita a licitação, nós queremos cobrir o território nacional com médico, com enfermeira, com tratamento decente para ninguém morrer ou



na vila ou na estrada, por falta de tratamento médico ou de socorro de emergência.

Bem, tudo isso aqui era para o Agenor falar, vocês não deixaram ele falar, então eu estou falando agora. Deixa eu ver o que eu tenho mais para dizer. Vamos falar de saúde agora? Estou falando de doença até agora. Não vou falar do Colorado, porque eu estou com bronca do Grêmio porque derrotou o Corinthians. Não, o Grêmio não podia fazer o que fez, mas fez. Como eu sou democrático, eu aceito o resultado.

Olha, companheiros e companheiras, eu queria chamar a atenção de vocês para uma coisa que eu considero importante. Daqui para a frente, o país vai ficar mais nervoso, porque é assim mesmo. Eu só queria que vocês não perdessem, em nenhum momento, a tranquilidade, que vocês mantivessem a cabeça bem fria, com muita consciência do debate que vai acontecer no Brasil.

O nosso papel, enquanto governo, é tentar fazer o que já está acontecendo no Brasil. Este ano nós tivemos o Orçamento atrasado quatro meses, foi aprovado ontem à noite. Possivelmente, algumas pessoas não queriam aprovar para tentar atrapalhar que nós governássemos o Brasil. Não tem problema, nem isso me deixou nervoso.

Nós temos consciência de que tudo que nós plantamos nós estamos colhendo agora, tanto na economia quanto na geração de empregos, quanto na distribuição de renda, quanto no crescimento da massa salarial, quanto na melhoria da saúde deste país, quanto na ajuda à agricultura familiar, ou seja, as coisas estão acontecendo, e cada dia vai acontecer mais.

A situação está tão boa que sexta-feira eu vou ao Rio de Janeiro anunciar a independência do petróleo. Conquistamos a auto-suficiência do petróleo neste país. Ou seja, de Getúlio Vargas, em 54, até agora, para que a gente conseguisse a nossa independência, o que é um passo importante.

Ou seja, a independência significa que nós estamos produzindo o tanto que nós consumimos. Só que nós vamos ter que continuar importando



petróleo, porque o nosso petróleo é pesado, nós temos que comprar petróleo leve para misturar no nosso para poder ajudar a tirar o subproduto do petróleo. Gostou, Olívio? Muito bem.

Então, gente, no dia 1º de maio nós vamos assinar, anunciar mais algumas medidas para os trabalhadores brasileiros. No começo de maio vamos anunciar mais algumas medidas para a saúde. Nós já anunciamos uma coisa importante para as mulheres, que foi descontar o imposto de renda equivalente a uma parte do salário dela para que o empregador assine a carteira profissional da empregada doméstica.

Por que sabe o que acontece? Às vezes, nós cometemos equívocos. Às vezes, nós tratamos uma pessoa que trabalha na casa da gente muito bem, tem gente que fala, uma vez eu fui numa casa e o cidadão falou assim para mim: “Lula, essa mulher mora comigo há 40 anos, cuidou do meu filho, cuidou do meu neto, é como se fosse da família”. E a mulher perguntou assim para mim: “Lula, se eu sou da família, pergunta para ele por que eu não estou no testamento dele”. É verdade, porque muitas vezes a gente pensa que essa relação equivocada é melhor. Não, o melhor é ter uma relação de empregado e empregador, ter horário para entrar, ter horário para sair, ter o salário registrado em carteira profissional, pagar a Previdência, é a melhor coisa que nós temos a fazer, e foi uma conquista que as mulheres tiveram no Dia Internacional da Mulher. E muitas outras coisas vão continuar acontecendo.

Eu quero, de coração, meus companheiros metalúrgicos, do Sindicato da Saúde e adjacências, dizer que, cada vez que eu entro neste Sindicato, e já entrei aqui muitas vezes em outros tempos, aqui eu sinto o cheiro da conquista da democracia, depois de 23 anos de ausência de democracia no país. Porque, se não fosse a classe operária sair às ruas, parar as fábricas, a gente teria demorado um pouco mais. Então, cada vez que estou aqui, eu me sinto em casa, me sinto como se estivesse dentro da minha cozinha. E, sobretudo, quando eu estou no Rio Grande do Sul, que é um estado pelo qual eu tenho



um profundo respeito, uma profunda admiração. Talvez seja, dos estados brasileiros, o que tem a mais bela história de luta pela Independência, de luta contra um monte de coisas, então eu me sinto, aqui, mais feliz, mais alegre e mais seguro de que a democracia é definitiva no nosso país.

Que Deus abençoe cada um de vocês, cada mulher, cada criança e até outro dia, se Deus quiser.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de inauguração das obras de eletrificação rural do Programa  
Luz Para Todos na Terra Indígena do Guarita**

**Tenente Portela-RS, 19 de abril de 2006**

Meu caro Valdones Joaquim, cacique Kaingang,  
Meu caro Vergílio Benites, cacique Guarani,  
Minha cara Ivone da Silva, professora,  
Meus queridos índios do povo Kaingang e Guarani,  
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa  
Civil,  
Meu querido companheiro Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,  
Deputados federais Henrique Fontana, Adão Pretto, Marco Maia,  
Orlando Desconsi, Paulo Pimenta e Tarcísio Zimmerman,  
Deputada federal Maria do Rosário,  
Meu caro Rubens Furini, prefeito de Tenente Portela,  
Meus amigos e amigas prefeitos aqui das cidades da região,  
Adelar Paschoal, de Redentora; Marco Antonio Castro, de Erval Seco;  
Fátima Sinque, de Miraguaí; Carlos Canova, de Três Passos,  
Senhor Ronaldo Custódio, coordenador regional do programa Luz Para  
Todos,  
Senhor João Ramis, coordenador estadual do programa Luz para Todos,  
Meu caro Sereno Chaise, presidente da companhia de Geração Térmica  
de Energia Elétrica,  
Meu caro Sidney Simonaggio, presidente da Rio Grande Energia,  
Deputados estaduais Dionísio Marcon, Frei Sérgio, Wilson Covatti,  
Elvino Bongas,  
Moradores e moradoras de Tenente Portela,



Meus amigos e minhas amigas,

Possivelmente, uma pessoa que tenha nascido no centro de uma cidade, em Porto Alegre por exemplo, em São Paulo, e já nasceu dentro de uma maternidade com luz elétrica, e depois cresceu numa casa com energia elétrica, possivelmente não tenha a dimensão do que significa a chegada da luz elétrica na casa de uma pessoa.

Disse o ministro Silas e é a mais pura verdade, quando chega a energia na casa de uma pessoa, você está tirando a pessoa das trevas, você está transportando a pessoa de um século para outro, quase como num passe de mágica, porque depois da luz elétrica vem uma máquina dessas, vem uma máquina para fazer farinha, vem uma geladeira, vem um televisor, ou seja, vão vindo alguns benefícios que já chegaram em outras localidades desde o século XIX e que ainda não tinham chegado ao estado do Rio Grande do Sul e para 12 milhões de famílias neste país. E sabem por que não chegava? Porque é caro. Disse o ministro Silas que como as casas são distantes umas das outras, vai muito poste, muito fio e muitos apetrechos nos postes e, portanto, custa caro. É mais fácil fazer numa cidade em que as casas estão todas juntas e que, com um único poste e com poucos fios, a gente pode resolver muitos problemas de muitas casas, ou seja, a quantidade torna barato.

Mas vejam, quando nós... e eu quero dizer que o povo gaúcho e o povo brasileiro devem a essa companheira chamada Dilma Rousseff, porque na época ela era ministra de Minas e Energia propôs à gente criar o Programa Luz Para Todos, para que a gente pudesse, até 2008, levar energia à casa de todas as famílias brasileiras. Parecia um desafio, porque quando você pensa num projeto dessa magnitude, a primeira coisa que as pessoas falam é que é caro, a primeira coisa que as pessoas falam é que não tem dinheiro, a primeira coisa que as pessoas falam é que é impossível.



O que nós estamos provando é que o caro se torna barato porque mesmo que valesse três vezes mais o custo da luz na casa de uma pessoa, ao longo do tempo se torna barato pelo rendimento que aquela pessoa vai ter na sua capacidade empreendedora, na sua capacidade produtiva. Impossível também está provado que não é, aliás, eu estou aprendendo e, lamentavelmente, só estou aprendendo aos 60 anos, no meu último ano de governo, é que não existe nada impossível. A única coisa impossível é Deus pecar. É a única coisa impossível. Para nós, seres humanos, aquilo que parece impossível é apenas um pouco mais difícil. E se for mais difícil, precisa de mais ousadia, de mais criatividade para que a gente não deixe de fazer aquilo que é o papel do Estado brasileiro fazer.

É importante que os nossos queridos caciques compreendam que muitas vezes no Brasil, tanto o Valdones quanto o Virgílio, muitas vezes no Brasil as pessoas preferem fazer as coisas que estão mais fáceis, que estão mais próximas. Faz um ano e meio que eu convoquei uma reunião com oito ministros, com todos os ministros da área social, e decidimos com os ministros que nós iríamos fazer chegar em cada terra indígena, em cada quilombo deste país, um pacote de cidadania – chegar luz elétrica, chegar saúde, chegar escola, chegar os benefícios... chegar o Bolsa Família. E muitas vezes a dificuldade não é nem a falta de dinheiro, não sei Valdones e Virgílio se vocês sabem, em algumas comunidades indígenas tem pessoas que não querem que se leve energia para lá, senão as pessoas vão perder a tradição.

Ora, pode ser uma coisa justa mas, na minha opinião, equivocada, porque a energia elétrica não vai tirar do povo indígena o direito de aprender e continuar colocando em prática toda a sua cultura, pelo contrário, vai permitir que ele continue sendo índio e faça mais e cada vez mais, não diminui a pessoa. E às vezes nós temos dificuldades, às vezes as pessoas não querem ou até os índios querem mas outras pessoas não querem que se leve e isso prolonga o tempo em que a gente poderia resolver grande parte do problema.



Mas a nossa vinda aqui hoje é para dizer à comunidade indígena desta região que o nosso compromisso com o índio não era nem um compromisso eleitoral, nem um compromisso de agora e nem um compromisso para amanhã, é um compromisso de vida, é uma profissão de fé.

Nós precisamos, não é uma coisa simples, vocês sabem quanto tempo nós levamos para poder demarcar e legalizar a Raposa Serra do Sol, mas quem estava reivindicando a legalização e a demarcação da Raposa Serra do Sol ia lá comigo para pedir a demarcação como se fosse a única coisa que existisse ali. Mas depois que eu recebia os que reivindicavam a demarcação, eu recebia os que não queriam a demarcação por “n” razões. E o papel do governo não é tentar impor o direito de um sobre o direito do outro. Quando o problema chega à minha mesa eu tento, sempre que possível, criar uma política de conciliação para que nenhuma parte possa sofrer com a decisão, seja empresário ou seja trabalhador sem-terra, seja índio ou seja um outro empresário, todos são brasileiros e nós precisamos tentar cuidar para que as nossas posições impliquem soluções para todas as pessoas.

E nós, eu diria, temos muito o que comemorar nesse Dia do Índio hoje. Temos muito. Eu, quando vejo aqui uma radio comunitária, a primeira no Brasil, eu fico imaginando o quanto eles vão falar mal de mim nessa rádio aí, eu fico pensando que um dia eu vou vir por aqui só para escutar essa rádio para ver como é que está o noticiário das oito ou das sete da manhã. Não tem problema. Podem fazer crítica que a crítica é saudável. Agora, precisa mesmo é utilizar a rádio para melhor formar o povo dessa comunidade, para prepará-lo politicamente, para prepará-lo futuramente.

Comemoramos, sobretudo, o fato de que no Brasil de hoje, um país que efetivamente está se transformando num país de todos os brasileiros e brasileiras, o índio não é mais lembrado apenas no dia 19 de abril: 365 dias por ano, nesses últimos três anos, o índio tem sido lembrado como cidadão brasileiro, um cidadão com direito à terra, educação, saúde, luz, energia e



muita dignidade. Apenas nessa terra indígena do Guarita, sete mil brasileiros das etnias Kaingang e Guarani contam agora com o milagre da luz elétrica. Ao todo, 25 mil índios já foram beneficiados no programa Luz Para Todos, que já tirou da escuridão 2 milhões e 800 mil brasileiros. O nosso compromisso é terminar com a escuridão para 12 milhões de brasileiros até 2008.

Com a luz elétrica, os Kaingangues, os Guaranis de Guarita, certamente vão ganhar muito mais qualidade de vida, é só esperar que o tempo se encarrega, com a capacidade de vocês, de permitir que possam utilizar a energia elétrica como uma nação indígena investidora, criativa. Aos poucos as máquinas vão surgindo e aos poucos a produção vai aumentando e aos poucos vocês vão ganhando o dinheiro que vocês precisam ganhar para melhorar a vida dessas crianças e de outras que não estão aqui, que dançaram aqui para nós.

Participar das comemorações do Dia Nacional do Índio significa para mim muito mais do que homenagear tantos povos e culturas que nos precederam nessa história, significa, sobretudo, agradecer por tudo que pudemos aprender com essa gente maravilhosa. E vocês índios sobretudo sabem que não foi fácil chegar onde nós chegamos, porque há 20 ou 30 anos, cada hectare de terra que era desapropriado para dar ao índio o direito de morar, não faltavam aqueles que escreviam artigos, saía matérias dizendo que os índios tinham mais terra, não sei o quê, que era muita terra, que ele não precisava de tanta terra, se na cidade a gente mora em 100 m<sup>2</sup>, por que o índio precisava de tanta terra?

O índio precisava e precisa de muita terra porque nós precisamos, primeiramente, entender que o Brasil era totalmente deles, não era nosso, ou seja, nós é que chegamos aqui depois deles. E durante quatro séculos, os índios que representavam uma população de aproximadamente 5 milhões de brasileiros e brasileiras índios, foram praticamente dizimados. Agora, nos últimos 20 anos é que a população indígena começa a crescer e começa a ver



as suas reivindicações históricas se transformando em conquistas. Por isso, eu acho que daqui para os próximos dez ou 15 anos a gente já pode ter o triplo da população indígena que nós temos hoje vivendo mais dignamente, mais respeitada, sem conflito com quem quer que seja.

Deixe-me passar um pouco da nossa história. Foi dos índios, foi deles que herdamos não só dez mil palavras da nossa língua, mas também herdamos parte da nossa culinária, os costumes e boa parte de tudo que compõe a alma brasileira. Aliás a coisa mais fantástica do povo brasileiro é essa mistura entre europeus, africanos e índios, deu nessa gente alegre e bonita que é o povo brasileiro, que sem nenhum desmerecimento a quem quer que seja, eu duvido que tenha melhor. Pode ter igual, melhor não tem porque é uma alma de uma composição extraordinária.

Eu queria dizer para vocês que o programa Luz Para Todos é um programa que vai mudar a cara de muita gente aqui, a partir do momento em que vocês ligarem essa luz. Imaginem a dificuldade que nós teríamos de estar falando neste microfone se não tivesse luz aqui. Teria alguém com uma maquininha aqui produzindo energia para eu falar. Imaginem o que é acordar de noite com uma criança doente e ter que procurar um candeeiro, às vezes acha o candeeiro e não acha o fósforo, e então não consegue acender o candeeiro. Imaginem o que é preparar a comida da família, de noite, imaginem o que é pregar um botão de noite, imaginem o que é levantar de manhã e tomar banho gelado ou ter que esquentar a água numa bacia, porque nem todo mundo toma banho de água de bacia neste país, quem tomou sabe o quanto é bom um chuveirinho quente para dar um banho na criança de manhã, sobretudo aqui neste estado, que faz mais frio do que onde eu nasci.

Então, eu decidi vir aqui. Hoje é dia do Exército Brasileiro e tem também a festa da comemoração do Exército Brasileiro. Eu disse ao meu Ministro da Defesa que eu vinha aqui porque eu estou mais perto das festas do Exército todo ano e eu não estou mais perto desta região todo dia, nem todo ano, nem



todo mês. Então, era importante que no dia 19 a gente dissesse aos nossos irmãos e às nossas irmãs que representam as nações indígenas neste país.

Primeiro, meus queridos caciques, não tenham medo de reivindicar. Eu digo sempre o seguinte: se tem que reivindicar, aproveitem e reivindiquem no meu governo, porque se eu não atender, muito mais difícil será ser atendido. Nós, ao sairmos daqui, vamos sair com a sensação do dever cumprido. Nós sabemos que não é tudo, sabemos que falta muito, se a gente for olhar, a gente vai perceber que falta muita coisa para fazer, mas também nós sabemos que o melhor jeito de você fazer as coisas certas é fazer uma coisa de cada vez.

Nós sabemos a crise por que passa a agricultura brasileira e do Rio Grande do Sul e nós sabemos que não é toda década que a gente tem crises de intempéries, se a gente pode chamar assim, porque o céu se rebelou em alguns lugares, eu recebo no mesmo dia no meu gabinete gente que vai reclamar que deu enchente; sai o que deu enchente, entra outro de outra região que tem seca; sai o que tem seca e o que deu enchente, entra um dizendo que caiu o preço mínimo, aí saem todos esses e entra outro dizendo que caiu o câmbio, aí saem todos esses, e entra outro que diz que deu “bicho não sei do quê” na soja dele, “bicho não sei do quê” no milho dele, e nós temos que conviver com isso tentando ajudar cada setor, na medida do possível. E os pequenos produtores do estado do Rio Grande do Sul sabem que na crise do ano passado o governo federal numa semana trouxe para cá quase 600 milhões de reais para ajudar os agricultores deste estado. Da mesma forma que temos todo interesse em ajudar todos os agricultores.

Agora, gente, no Brasil tem plano e mais planos, todo ano tem um plano. Em época de eleição, a coisa mais fácil é aparecer um plano salvador no Congresso Nacional. Esses dias eu fui obrigado a vetar um projeto que tinha sido aprovado dando 7 bilhões de reais a 590 fazendeiros neste país. Ora, fui obrigado a vetar e fizemos uma medida provisória para ajudar os menores. Não



é que a gente não queira ajudar todo mundo, é que se você tem um plano de refinanciamento e você percebe que a pessoa tem boa vontade e foi pagando até quando pôde, então você sabe que esse cidadão é honesto, ele está pagando. Vem uma crise e ele não pode pagar, não tem problema fazer um novo refinanciamento, porque você reconhece que a pessoa foi honesta e pagou. Mas tem alguns neste país em que você faz o financiamento e eles não pagam, você faz outro e eles não pagam. Se a gente não der um chega pra lá nisso, você estimula os honestos a virarem desonestos, porque passa a ser uma vantagem não pagar.

Então, nós não fazemos diferenciação no trato que o Estado tem que dar à agricultura, ao pequeno, ao médio, ao grande. Nós queremos tratar todos com o maior respeito e com o merecimento que as pessoas merecem ter neste país, mas tem que ser uma coisa responsável. Quando é crise, é crise, quando é esperteza, é esperteza. E a gente precisa saber diferenciar porque senão mistura-se as laranjas que estão estragadas com as laranjas boas e a gente termina perdendo todo o pomar. E nós sabemos da importância que este estado tem para o Brasil do ponto de vista cultural, do ponto de vista da economia, do ponto de vista da cultura. Este estado é muito importante para nós. E nós sempre iremos cuidar para que sobretudo os pequenos recebam do governo federal aquilo que precisa receber.

Nós criamos o Seguro Agrícola para a gente não ficar mais vítima das intempéries, ou seja, ela vai poder atrapalhar uma produção porque a gente não tem controle. Ela vai poder atrapalhar mas o agricultor não vai sofrer, porque ele vai ter o dinheirinho dele para suprir o prejuízo que ele teve. Então, nós tratamos isso com muita seriedade e eu não abro mão da seriedade, não abro mão.

Queira dizer para vocês que nós já homologamos 55 áreas indígenas, abrangendo 9 milhões e 800 mil hectares de terra. Não é pouca coisa, são terras em que esses primeiros brasileiros poderão plantar, viver e sustentar a



sua família. E nós queremos ver se cumprimos o nosso compromisso de chegar a 1 milhão, que é uma coisa que nós entendemos que cabe ao índio brasileiro, 1 milhão e 100 mil km<sup>2</sup>. Não estamos longe de chegar, é que às vezes demarcar terra, também, vocês sabem, às vezes cai na mão da Justiça e quando cai na mão da Justiça não há o que fazer, nem o presidente da República, nem o deputado, nem o índio, nem o nosso Papa. Quem vai fazer é a Justiça, é o juiz que vai determinar e nós temos que aguardar.

Eu queria dizer para vocês que aqui neste estado nós temos uma coisa muito interessante. Possivelmente, com essas escolas que estão aí, não sei se falta prédio, se faltar vão ter que conversar com o pessoal que trabalha com vocês aqui, mas o dado concreto é que nós não podemos deixar nenhuma criança fora da escola. Dos seis anos aos 14 anos é um momento em que a nossa cabeça está com uma capacidade de receber informações e coisas que tudo que a gente jogar lá dentro, a criança vai aprender. Então, vamos aproveitar, minha querida professora, que a luz chegou, vamos fazer os cursos que tivermos que fazer à noite, mas vamos garantir que aqui nesta comunidade não haverá nenhuma criança e nenhum adulto analfabeto fora da escola, nós temos que garantir que eles...Nesses três anos, nós aumentamos em 40% a oferta de vagas para os indígenas nas escolas. Temos hoje 164 mil estudantes índios, no Brasil, matriculados em ensino bilíngüe e mais importante, com o ProUni, nós já temos mais de 1.300 índios fazendo universidade neste país, sem pagar absolutamente nada e, se Deus quiser, vamos continuar crescendo.

Só para ter idéia, os investimentos destinados à educação indígena quando nós pegamos o governo eram de 1 milhão e 200 mil reais. Terminamos 2005 com um investimento de 26 milhões de reais. com isso, o número de escolas, por exemplo, teve aumento significativo de 36% nesses três anos. Hoje, são 2 mil 325 escolas para índios espalhadas por todo o território nacional.



Eu pensei que o presidente da Funai vinha aqui, porque eu sei que as demandas da Funai são muitas e também são demoradas para resolver, por “n” problemas. Quero agradecer o trabalho que a Funasa está fazendo aqui nesta região e em todo o território nacional porque no Brasil, não sei se vocês sabem – a Funasa cuida um pouco também do saneamento básico, além de cuidar da saúde – mas no Brasil as coisas têm melhorado muito nessa área, graças aos profissionais que a gente tem na Funasa, espalhados pelo Brasil, e graças à determinação do governo de que nós precisamos atacar todas as frentes e não ficar escolhendo apenas os lugares fáceis de trabalhar.

Para alguém que se formou médico, que cursou uma universidade é muito mais fácil ficar no centro da cidade fazendo o trabalho do que vir amassar barro numa comunidade distante para cuidar das pessoas. Mas nós nos convencemos, pela pressão de vocês, de que nós temos que tratar todos em igualdade de condições, independentemente se é índio, negro, branco, se é alto, se é baixo, se é bonito, se é feio, se é católico ou evangélico, se é ateu, ou seja, sendo ser humano, nós temos que tratar todos com o mesmo respeito e com a mesma dignidade.

Somente no ano passado, destinamos 20 milhões de reais para obras de saneamento básico em áreas indígenas, que irão beneficiar 297 aldeias. Nós temos hoje, no Bolsa Família, 19 mil famílias indígenas. Se não tem mais ou é porque não houve um cadastro dessas pessoas pela prefeitura ou as pessoas ganham mais do que o mínimo necessário para entrar.

Vocês sabem que nós acabamos de ter a conferência dos índios em Brasília, a Conferência Nacional dos Povos Indígenas, que teve a participação extraordinária de 800 delegados que nos apresentaram uma pauta de reivindicação longa, vigorosa e extensa, e agora nós vamos trabalhar para ver o que nós podemos cumprir.

Eu queria terminar dizendo para vocês que esse Programa Luz Para Todos já utilizou, nesses dois anos, mais de 1 milhão e 400 mil postes, já



utilizou não sei quantos mil, acho que 72 mil transformadores, já utilizou cabos elétricos que dariam para dar quantas voltas ao mundo, Silas? Os fios que nós já gastamos no Programa dariam para dar três voltas ao mundo, dariam para enrolar a terra três vezes, numa demonstração de que nós estamos gerando empregos, muitos empregos nessa área, estamos gerando emprego para os caminhoneiros que transportam, para quem faz o poste, para quem trabalha com energia elétrica, para os eletricitistas deste país inteiro, para técnicos. Então, nós estamos atingindo os objetivos.

Meus queridos companheiros e minha querida professora – se eu soubesse cantar eu ia cantar “A Professorinha”. Como eu não sei cantar eu vou ficar devendo essa música para você – eu queria me despedir de vocês porque nós temos mais dois compromissos ainda no estado do Rio Grande do Sul. E podem ficar certos que cada coisa que nós tivermos que fazer que possa trazer um benefício para uma comunidade indígena, para um pequeno produtor, para um quilombo existente neste país, podem ficar certos que por mais difícil que seja, nós não vamos abrir mão de fazer. Eu sei que muita gente não gosta, porque as pessoas gostariam que nós pegássemos todo o dinheiro do Estado e gastássemos apenas para aquela parte que há 500 anos recebe do dinheiro do Estado. Nós achamos que o dinheiro do Estado tem que ser repartido de forma justa.

Vocês não imaginam quantas críticas eu recebo porque tem 8 bilhões de reais no Bolsa Família, levando uma refeiçãozinha às famílias mais pobres. Tem gente que fala assim: “o Lula, ao invés de gastar dinheiro fazendo isso, ele deveria estar fazendo outra coisa.” Só que essas pessoas não percebem que, de todos os investimentos que um governo faz, o mais extraordinário investimento não é numa ponte, não é num poste, é na vida humana, é em melhorar a vida dos homens e de mulheres deste país. E é isso que nós estamos fazendo.

Por isso, eu quero dar os parabéns aos índios, que justamente



comemoram hoje, dia 19, o Dia Nacional do Índio. Mas, no nosso governo, para nós todo dia é dia do índio, porque para nós todo dia é dia dos brasileiros.

Muito obrigado e que Deus abençoe cada um de nós.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de visita às obras dos Parques Eólicos de Osório**

**Osório-RS, 19 de abril de 2006**

Tem tanto vento aqui que a nossa voz volta mais forte do que chega em vocês.

Eu queria cumprimentar o governador Germano Rigotto,

Queria cumprimentar os meus ministros Dilma e Silas,

Queria cumprimentar o embaixador Ricardo Peidró, embaixador do Reino da Espanha no Brasil,

Queria cumprimentar todos os deputados federais, deputados estaduais,

Queria cumprimentar o Romildo Bolzan Júnior, prefeito de Osório,

Queria cumprimentar todos os prefeitos das cidades vizinhas que estão aqui,

Queria cumprimentar o senhor German Junquera, diretor Internacional da Elecnor,

Queria cumprimentar o Guillermo Planas Rocca, diretor-presidente da Enerfim Internacional,

Queria cumprimentar o Telmo Magadan, presidente da Vento do Sul,

Queria cumprimentar o Pedro Vial, presidente da Wobben,

Queria cumprimentar a Jussara Coni e a Miriam Marrone, que estão aí com as mulheres,

Mas, sobretudo, eu queria cumprimentar os trabalhadores que estão aí, de capacete, com as suas roupas azuis, amarelas, que no fundo, no fundo, nós falamos, falamos, falamos, uns põem dinheiro, outros põem projeto, e eles fazem as coisas acontecerem.



Eu queria fazer uma inovação... A questão energética, para o Brasil, não é uma questão menor. Todo mundo se lembra do apagão de 2001. E todo mundo sabe que qualquer empresário do planeta que quiser dispor do seu dinheiro para fazer investimento em algum lugar, uma das condições básicas para o investimento é saber se tem garantia de energia. Ele não quer saber se é energia nuclear, ele não quer saber se é eólica, ele não quer saber se é a termelétrica, a gás ou a carvão, ou à lenha, ou biomassa, ele não quer saber se é hídrica. Ele quer saber se tem energia e se tiver energia, ele vai colocar o seu dinheiro e vai fazer a sua indústria funcionar.

Com o apagão que nós tivemos, nós tomamos posse e muita gente tinha a preocupação se o Brasil iria conseguir oferecer energia para os próximos anos. Ainda mais que eu tinha levado uma mulher para ser ministra de Minas e Energia, que não era habitualmente uma Pasta para mulher. As pessoas entendiam que mulher poderia caber na Educação, caberia uma mulher na Saúde, Ciência e Tecnologia já era uma coisa prevista para homem. E Minas e Energia, então, dava a impressão que, se não fosse um homem, não tinha ministro.

Eu confesso a vocês uma coisa, eu vou dizer agora, de primeira mão: eu, durante muitos anos, eu me reunia mensalmente com grupos de especialistas para discutir um programa energético para o Brasil. Como eu tinha perdido três eleições, então significa que durante praticamente 12 anos eu me reunia sistematicamente com grandes intelectuais da área de energia no Brasil, seja gente da Petrobras, seja gente de Furnas, seja gente da Eletrobrás. E discutíamos horas e horas, uma vez por mês, eram dias e dias de textos, de leitura, de idéias, de propostas.

Um belo dia, um sábado, entra na minha sala uma mulher, com um laptop embaixo do braço, e senta na reunião. Eu, então, me dei conta de que era a Secretária de Energia do Estado do Rio Grande do Sul. E de tudo o que



ela queria discordar, ela apertava lá as suas “teclasinhas” para provar que o modelo estava errado ou estava certo.

E foi uma coisa quase que instantânea, porque eu falei: “acho que eu achei minha ministra de Minas e Energia”. Certamente isso pode ter causado frustração em companheiros que estavam comigo há dez anos ou até mais e que... Vocês sabem que quando as pessoas ficam junto com a gente muito tempo, as pessoas vão pensando em ser ministro, vão pensando... o que é normal, nada contra alguém pensar. Mas, então, quando eu pensei na Dilma, eu falei: “eu não vou falar agora, porque podem estranhar”. Depois, na discussão de alianças políticas, eu fiquei sabendo que um partido estava reivindicando o Ministério de Minas e Energia e, na época, eu disse: “olha, negociaremos qualquer coisa, menos o Ministério de Minas e Energia. Esse (nem tinha falado com a Dilma) Ministério vai ser da Dilma Rousseff”. Por que é que a intuição deu certo? Eu não sei, e o companheiro Silas, que é um companheiro do setor há muito tempo, um companheiro que eu nem conhecia, que depois virou presidente da Eletrobrás e que trabalhou junto com a Dilma todo esse período...

É importante lembrar para vocês uma coisa, antes de eu passar a palavra para quem eu acho que deveria estar falando aqui. Para evitar o apagão, nós resolvemos fazer um forte investimento no setor energético brasileiro, sobretudo criar programas novos e, sobretudo, fazer as linhas de transmissão de que o Brasil carecia. Quando, em 2001, teve o apagão em São Paulo, o Sul do país tinha excesso de energia, porque estavam todos os lagos cheios e produzindo muita energia. Só que a gente não podia transportar para São Paulo, porque não tinha linhas de transmissão. Criamos um programa e resolvemos fazer leilões para as linhas de transmissão.

Eu vou contar para vocês o que aconteceu nesses três anos. Com o último leilão feito pelo ministro Silas e que vai concluir as obras todas no ano que vem, vai significar, meu caro Governador, que em cinco anos, nós



produzimos no Brasil 22% de tudo o que foi produzido de linha de transmissão em 122 anos. E ainda falta ligar o Norte do país com o Sul, com o Nordeste, para que a gente não tenha problema de energia, porque como o Brasil é um território muito grande e, às vezes, você está com os lagos vazios em um lugar e cheios em outro, você pode transportar a energia se tiver linhas de transmissão.

Mais do que isso, nós criamos um centro de desenvolvimento e pesquisa para a agroenergia, lá em Piracicaba. Nós criamos o ProInfra, criamos o biodiesel e transformamos o álcool – que era considerado o “pato feio” da indústria nacional, porque ninguém acreditava na seriedade do álcool – em uma coisa a ser discutida hoje, em nível internacional, saindo de pouco mais de 200 milhões para a exportação de quase 2 bilhões e meio de dólares de álcool. E conseguimos despertar na sociedade brasileira a questão do biodiesel, ou seja, o Brasil está em uma situação privilegiada e, se nós continuarmos trabalhando sério, a gente pode, sem nenhum medo, sem nenhuma dúvida e sem nenhuma falta de humildade, dizer que o Brasil tem todas as condições de se transformar no centro mundial da produção de novas matrizes energéticas no mundo. Nós não podemos ficar dependendo de apenas uma coisa. Nós temos que criar todas as alternativas possíveis, sabendo que a mais eficaz e a mais barata ainda é a hídrica pelo potencial do nosso país. E tudo isso que nós estamos fazendo não seria possível se nós não tivéssemos alguém diferente cuidando da questão energética do país.

Eu queria chamar a Dilma aqui, porque isso não está preparado, obviamente, mas aqui já falou o prefeito, falou o governador, falou o ministro, falou empresário, e todo mundo homenageou todo mundo, cada um de nós tem uma função. Agora eu queria dizer a todos vocês, a começar de mim, ao governador, aos empresários, aos deputados, que se não fosse a coragem da ministra Dilma Rousseff, essa mineirinha agauchada, que parece frágil, mas de fragilidade não tem nada, podem ter certeza, nós não estaríamos agora vendo



essa beleza de hélice funcionando aí, esse negócio extraordinário e eu jamais imaginei que o vento pudesse produzir energia. Eu, no máximo, achava que dava para empinar pipa.

Então, eu queria dizer para vocês o seguinte: eu acho que a companheira Dilma, ela é que deveria falar sobre este Programa, porque ela gerou, ela colocou esse filho no papel e trabalhou até que nós pudéssemos estar aqui hoje vendo isto acontecer. Se não fosse a Dilma, certamente nós não teríamos. E, depois, como estou vendo muitas mulheres aqui, é a primeira inauguração que eu vejo quase o tanto de mulher quanto de homens, eu acho que é justo, mais do que justo que a nossa querida companheira Dilma Rouseff possa explicar para vocês por que nós chegamos até aqui.

Eu quero, Rigotto, dizer para você que o carinho que eu tenho pelo Rio Grande do Sul é porque eu freqüento este estado desde 1975, portanto, já faz 31 anos. Ou seja, eu conheci a Marisa, casei com a Marisa e casei com o Rio Grande do Sul. Ou seja, eu sei que este estado é um estado politicamente mais desenvolvido do Brasil, eu sei que este estado tem um potencial extraordinário, mas sei também que este estado atravessa momentos difíceis. Tivemos problemas na agricultura do estado, tivemos problemas no setor de calçados. O problema é que a gente não pode ficar chorando o problema, ou seja, nós temos que pensar o que fazer para encontrar alternativas para este estado que está pronto. Este aqui não é um estado que nós temos que fazer investimentos na alfabetização, não, este aqui está pronto. Este aqui é um estado pronto, é um estado que se estiver tendo problema fica mais fácil consertar do que aqueles que nós temos que começar praticamente do zero. Eu acho que os gaúchos não podem perder o otimismo, porque os gaúchos têm clareza absoluta de que as intempéries que criaram problemas neste estado logo, logo irão trazer os ventos bons que vão produzir a energia, vão produzir mais economia, conseqüentemente mais geração de empregos, porque o Brasil está pronto, o Brasil está pronto para ter um ciclo de crescimento consolidado para



os próximos 10, 15 ou 20 anos. E aí, meu caro, o Brasil vai recuperar o tempo perdido.

Foram 20 anos de economia estagnada que, graças a Deus, nós conseguimos, que nem agora, quando eu apertei o botão lá, começou a gerar energia e, por coincidência, começou a gerar a hélice, a hélice do Brasil começou a girar. Foi difícil, mas ela, hoje, a gente pode dizer: o Brasil, finalmente, está dizendo ao mundo que nós iremos aproveitar todas as chances do século XXI, não iremos perder a que perdemos no século XIX e no século XX.

Com vocês, a nossa querida Dilma Rousseff!



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de boas-vindas ao tenente-coronel Marcos Pontes**

**Palácio do Planalto, 20 de abril de 2006**

Meu caro senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal,  
Embaixador russo no Brasil,  
Embaixador do Brasil na Rússia,  
Ministros Waldir Pires, Gilberto Gil, Sérgio Rezende, Jorge Armando  
Félix,

Minha companheira Marisa,  
Meu caro brigadeiro Bueno,  
Meus amigos, minhas amigas,  
Nosso querido comandante astronauta Marcos Pontes,

Eu acho que nós, agora, Bueno... quero cumprimentar também os familiares do Marcos, os oficiais da Aeronáutica que estão aqui e dizer, comandante Bueno, que aumenta a nossa responsabilidade agora com o Marcos, ou seja, enquanto ele era um aspirante a astronauta, ele tinha mais liberdade de vôo do que ele tem agora.

Eu sei que sempre aparece um ou outro que faz crítica, e a crítica faz parte da convivência democrática da sociedade brasileira no mundo político, no mundo científico. O que nós temos que ter consciência é que não são muitos os homens que foram ao espaço, não são muitos os países que conseguiram essa proeza. Eu me lembro da primeira conversa que eu tive com o Marcos, que me foi apresentado pelo coronel Mesquita, e da frustração do Marcos de ter falhado a sua primeira tentativa de vôo, estava tudo preparado e não foi possível. E quando nós assumimos a responsabilidade de continuar a nossa política espacial, foi mais um sinal que nós queríamos dar ao mundo de que o



Brasil caminha muito a passos largos para ser dono do seu nariz. O Brasil caminha muito rapidamente para exercitar, na sua plenitude, a sua soberania em todas as esferas que o mundo exige.

A tua ida ao espaço é de um significado histórico muito importante para o Brasil. Se algum dia você ler uma crítica não fique preocupado, pelo contrário, tenha a crítica como um estímulo para que outros – quem sabe aqui no meio destas crianças a gente tenha os nossos astronautas daqui a 30 anos, já voando daqui mesmo, do Brasil, já saindo daqui mesmo, com a nossa tecnologia totalmente preparada.

Então, o significado da sua viagem é gratificante para o povo brasileiro, é gratificante para a imagem do Brasil no mundo, é gratificante pelo reconhecimento do avanço científico e tecnológico do Brasil, é gratificante pela sua ousadia, pela sua perseverança de buscar isso como se fosse quase um ato de profissão de fé, porque se não tiver essa vontade pessoal, a gente não consegue.

Aquilo que parecia impossível ficou demonstrado com a sua ida ao espaço, o impossível é apenas um pouco mais difícil, mas a gente consegue chegar lá. E quando eu disse que aumenta a nossa responsabilidade é porque agora você não é mais o coronel, apenas o coronel Marcos Pontes, ou seja, um coronel como tantos que tem no Exército, na Marinha, na Aeronáutica. Agora, você é o coronel, o nosso astronauta.

E aí, Bueno, por que aumenta a nossa responsabilidade? Porque nós temos que cuidar do que esse menino vai fazer daqui para a frente. Nós, agora, temos que discutir o horizonte que nós queremos que ele comece a assumir no debate científico e tecnológico brasileiro, no debate da construção das coisas que nós precisamos fazer, sobretudo a nossa política espacial. Tem gente que acha que a gente não deve gastar dinheiro nisso, como tem gente que acha que a gente não deve gastar dinheiro no nosso submarino, como tem gente que acha que a gente não deve tratar a questão do urânio, e nós vamos tratar



tudo que o Brasil tiver que tratar para que a gente seja cada vez mais orgulhoso de ser brasileiro e para que a gente seja cada vez mais soberano diante do mundo.

Certamente que você será uma ponte extraordinária da nossa interação com as políticas que temos que fazer daqui para a frente. Então, meus parabéns. Eu teria vontade de estar no seu lugar, eu sei que eu não estou com preparo físico adequado como você, eu não tenho coragem de mergulhar cinco metros dentro do mar, mas eu teria coragem de ir numa nave espacial. Depois das coisas que você me contou, um dia, quem sabe quando estiverem levando as pessoas da terceira idade, eu me candidate para uma viagem dessas.

Quero te dizer que a indústria brasileira vai ganhar com a tua viagem; quero te dizer que possivelmente a agricultura brasileira ganhe com a tua viagem; quero te dizer que a ciência e tecnologia vão ganhar muito com a tua viagem; quero te dizer que a Aeronáutica ganhou muito com a tua viagem; quero te dizer que a nossa política espacial está orgulhosa e ganhou muito com a tua viagem.

Quero te dizer que se todas essas crianças, essas professoras e todos que estão aqui sentiram o orgulho que eu senti de ver você balançando naquela nave, se todo mundo sentiu o orgulho que eu senti, eu queria te dizer que o que nós gastamos para você ir lá foi pouco diante do que você passa a representar para o Brasil, para o povo brasileiro, para as crianças, para a ciência e para tudo que a gente fizer daqui para a frente.

Portanto, meu querido Marcos, mais do que astronauta, agora você é um brasileiro de muito significado. No meu discurso tem uma história toda, que eu não vou ler porque eu acho que a imprensa já publicou uma parte, vocês já conhecem, então eu não vou repetir, depois eu dou o discurso para o Bueno saber o que ele faz aí. Eu vou apenas dizer o seguinte, ao terminar isso aqui você vai voar para os braços dos seus familiares, lá em Bauru. Eu já fiquei sabendo que você torce de coração para o Noroeste de Bauru, mas no fundo,



no fundo, você é um santista enrustido. Eu quero te dizer, meu querido, que enquanto eu for presidente da República, eu farei todo o empenho para que essa tua viagem tenha sido apenas mais um passo, na trajetória do nosso país, na busca da conquista do espaço e do conhecimento científico e tecnológico.

Muito obrigado, que Deus te abençoe, voe para os braços da tua família lá em Bauru, e fique certo que você contará certamente com a Aeronáutica. Eu estou vendo na cara dos oficiais, todo mundo muito orgulhoso, estou vendo na cara do Bueno o sorriso de satisfação. Mas eu quero que você saiba que essa satisfação é do presidente da República, é da mulher do presidente da República, é dos filhos do presidente da República e, certamente, esse orgulho é de pelo menos 180 milhões de brasileiros.

Meus parabéns querido, siga em frente.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de comemoração do Dia do Diplomata e formatura das turmas de 2003-2005 e 2004-2005 do mestrado em Diplomacia e do curso de Formação do Instituto Rio Branco**

**Palácio Itamaraty, 20 de abril de 2006**

Meu caro embaixador Celso Amorim, ministro de Estado das Relações Exteriores,

Senhores embaixadores estrangeiros acreditados junto ao meu governo,  
Senhores ministros de Estado,

Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, secretário-geral das Relações Exteriores,

Embaixador Fernando Reis, diretor do Instituto Rio Branco,

Embaixador Ewerton Vieira Vargas, paraninfo da turma Wladimir Murtinho,

Professor Antonio Cançado Trindade, paraninfo da turma Afonso Arinos,

Meus caros oradores, secretário Lauro Beltrão, secretária Patrícia Vargas Chianello,

Senhores diplomatas,

Formandos,

Familiares,

Minha esposa,

Esposa do Celso, do Samuel,

Vocês estão percebendo o volume do discurso aqui. Se eu estivesse numa solenidade no Itamaraty, certamente a diplomacia me obrigaria a tomar a decisão de não ler isto aqui. Eu vou deixar para os anais do Itamaraty, mas eu sinto a necessidade de dizer umas palavras para vocês.



Primeiro, meus parabéns. Ao escolherem a carreira de diplomata, vocês escolheram uma carreira para defender o nosso país num mundo cada vez mais disputado, onde cada milímetro das coisas discutidas no Planeta, hoje, exige perseverança, exige competência e, sobretudo, exige que nós acreditemos em nós mesmos antes de partirmos para os embates.

Quero agradecer aos familiares de vocês. Vocês devem saber do orgulho da mãe, do pai, quando vocês anunciaram que iam prestar concurso e se transformar em diplomatas brasileiros.

Nesses quatro anos, eu aprendi a conhecer um pouco a diplomacia brasileira. Não foram poucas as mesas de negociações, não foram poucos os momentos em que a gente pensava: não vai dar certo, o jogo acabou. E depois a gente descobria que o jogo não tinha acabado, era apenas um intervalo que não estava previsto pelo juiz.

E hoje nós estamos aqui, pelo menos na última data dos diplomatas brasileiros, no meu mandato presidencial. Eu queria dizer para vocês algumas coisas sobre o que foi feito nesses quatro anos.

Eu penso que vocês já perceberam que o primeiro grande gesto – está tão grosso que a pasta não fecha. Não seria diplomático, mais correto, ler tudo isso, quando os familiares de vocês estão ali atrás, esperando o almoço que vocês prometeram – a primeira decisão que eu tomei, quando ganhei as eleições, foi tentar fortalecer o Itamaraty, colocando como ministro das Relações Exteriores alguém do quadro de carreira do Itamaraty. Tomei a decisão de ouvir três embaixadores, cada um por mais de uma hora, às vezes até um hora e meia, muitas vezes o Marco Aurélio presente comigo. Tomei a decisão de escolher o companheiro Celso Amorim para ser ministro das Relações Exteriores. Possivelmente fosse o que eu conhecesse menos, mas foi o que bateu uma química melhor. Eu falei: para fazer o que nós temos que fazer, acho que o Celso é o homem certo, porque para fazer política internacional com uma certa independência é preciso ousadia, é preciso



coragem para não ceder diante do primeiro editorial, da primeira matéria de jornal ou da primeira crítica. Era preciso acreditar que o que nós íamos fazer poderia melhorar o patamar de participação do Brasil na chamada política internacional.

Eu me lembro de quando nós fomos, no dia 10 de dezembro de 2002 – já eleito presidente e não empossado – conversar com o presidente Bush. Nós chegamos na Casa Branca e encontramos um homem que, a cada duas palavras que ele falava, uma e três quartos era sobre a questão do Iraque, a questão do terrorismo, era quase uma obsessão, e nós sabíamos o que significava o 11 de Setembro na cabeça do povo americano e o que aquilo implicava na decisão do governo. Depois que o presidente Bush falou, tentando enfaticamente nos convencer da importância da guerra, eu disse: “Presidente, olhe, eu queria dizer a Vossa Excelência que a minha guerra no Brasil é outra, eu estou muito distante do Iraque e a minha guerra é contra a miséria e a pobreza no Brasil. Então, nós vamos privilegiar essa guerra nossa, tentando criar as condições para o mundo acreditar que é possível acabar com a fome”. E eu senti uma certa frustração, porque havia uma necessidade de se estabelecer a luta contra o Iraque.

E dali surgiu a segunda coisa na minha cabeça: a necessidade de fazer a mudança nas Nações Unidas, de criar um fórum internacional com a respeitabilidade das Nações Unidas, com mais poder de decidir coisas que os países precisam acatar, porque senão nós ficaremos órfãos e tudo será muito pior na política internacional. Não havia consenso para aquela guerra, não tinha uma decisão das Nações Unidas e, assim, ela aconteceu porque provou que o multilateralismo estava moribundo, não estava saudavelmente representado.

Começamos a discutir com outros países, e nem sei se vamos conseguir, mas o dado concreto é que não é pouca força a junção Brasil, Alemanha, Índia, Estados Unidos, mais África do Sul, mais Argélia, mais



Nigéria. Não são poucos os compromissos assumidos pelos países de tentar forçar a abertura das Nações Unidas.

Um outro momento importante que me ensinou muito na diplomacia, Celso, foi a primeira reunião que eu tive com a FAO. O Celso falou de dever, aqui, vocês não levaram muito em conta, mas eu recebi o diretor geral da FAO, ele falou “bom-dia” e começou cobrando o dinheiro que o Brasil devia para a FAO. Quer dizer, eu fui me dar conta de que há muito tempo o Brasil não pagava nenhum dos fóruns de que ele participava, sobretudo às Nações Unidas. Em 23 de setembro de 2003, quando eu fui falar grosso na ONU – vocês sabem que o presidente Bush fala depois de mim, o Brasil fala depois do secretário-geral – eu estava falando grosso com medo do secretário-geral pegar o microfone e falar: “oh, baixinho, paga primeiro, para você falar grosso, para ficar propondo mudança, para ficar propondo novos países, para mudar o Conselho de Segurança, paga primeiro o que você deve”.

Então, nós vamos terminar o mandato sem dever absolutamente nada. Vocês, que estão iniciando a carreira profissional, vão poder transitar nos corredores de qualquer instituição multilateral de cabeça erguida, sem nariz empinado, mas muito orgulhosos e orgulhosas, de dizer: somos diplomatas brasileiros, cumprimos as nossas obrigações, gostamos de respeitar os outros, mas também exigimos que nos respeitem.

Outra coisa extremamente importante foram as críticas que recebemos quando resolvemos fortalecer a nossa relação com a América do Sul, depois com a América Latina, depois com a África, depois com o Oriente Médio, porque havia um certo vício de se pensar o mundo apenas olhando a potência americana ou a potência da União Européia, se esquecendo que o mundo é muito mais que isso. Ou seja, você tem a potência econômica, você tem a potência tecnológica, você tem a potência militar, mas você tem a potência política, o valor de cada nação, o valor cultural que precisa ser colocado na



mesa toda vez que estamos discutindo qualquer assunto com qualquer país do mundo.

E aí eu me dei conta da pobreza do Itamaraty, eu me dei conta que este prédio maravilhoso, bonito... eu entrei pela primeira vez aqui em 1975, quando eu fui eleito presidente do Sindicato do Metalúrgicos e vim num congresso de Previdência Social, e abriram para uma visitação. Eu nem sabia como entrar, de tão bonito que era isso aqui. Pois bem, mas havia um contraste entre a pujança do nosso Itamaraty, motivo de orgulho e elogios de todos os visitantes que vêm aqui, e a pobreza das nossas embaixadas em muitos países do mundo, sobretudo nos países mais pobres. A gente nunca tinha a quantidade de funcionários necessários, a gente nunca recebia a quantidade de informações necessárias, nunca tinha dinheiro, às vezes não tinha o dinheiro para pagar a mensalidade da escola, às vezes não tinha dinheiro para pagar aluguel.

Ninguém consegue fazer as coisas corretas se não tiver, pelo menos, a tranqüilidade de exercer a sua função, ninguém consegue, por mais herói que seja. E era preciso criar as condições para o Itamaraty voltar a ser o grande Itamaraty. O Itamaraty não poderia mais ser tratado como o Ministério em que o presidente da República eleito quer agradar um companheiro e convida um companheiro para ser ministro das Relações Exteriores, tentando chegar aqui e impor a um dos melhores conjuntos de pessoas do Estado brasileiro orientações que, às vezes, nem se coadunam com aquilo que é a formação e o acúmulo da história deste Ministério e do nosso Itamaraty.

Nós precisamos aprender a valorizar as coisas que nós criamos. Eu acho que poucos lugares do mundo... e olha que eu conheço muitos diplomatas hoje. Eu, que não sou diplomata, já conheço mais do que vocês, muitos diplomatas. E posso dizer para vocês, sem medo de errar: tem poucos países do mundo que têm uma diplomacia igual à nossa, com a competência da nossa.



Quando nós entramos aqui, vocês estão lembrados, vocês eram todos quatro anos mais jovens, havia uma guerra de que o mundo ia acabar se não fosse implantada a Alca. Nós perpassamos vários anos, antes de ganhar as eleições, quem ia contra a Alca era anti-americano, quem era favorável à Alca era comunista, e vai daí para fora. O que nós fizemos? Não precisamos comprar nenhuma briga com os Estados Unidos. Nós apenas tivemos a ousadia de apresentar propostas diferentes para este país. E, hoje, nem os Estados Unidos falam mais em Alca. E nem alguns setores conservadores da imprensa brasileira publicam mais editoriais defendendo a Alca, como publicavam naquele tempo. “Ou faz como os Estados Unidos, ou acabou o mundo”. Não é verdade. Nós jamais deixaremos de reconhecer o papel que tem a relação dos Estados Unidos com o Brasil, do ponto de vista político, do ponto de vista militar, do ponto de vista tecnológico e científico, e do ponto de vista comercial. Mas nós sabemos que o mundo tem muitas outras oportunidades e nós não podemos ficar chorando o leite derramado. Perdemos uma coisa aqui, vamos buscar outra em outro lugar. E quanto mais plural for a nossa relação, mais independentes nós seremos.

Vocês estão acompanhando pela imprensa essa história da TV digital. Há três meses, parecia que estava resolvido. “Ah, já está resolvido, vai estar tudo isso aqui, vai ser assim que vai acontecer”. E nós descobrimos que através da TV digital nós poderemos abrir uma discussão mais importante no mundo, com os Estados Unidos, com a Europa e com o Japão. Era a hora de o Brasil dizer o que ele queria para fazer parceria, para fazer negócios, para discutir modelos, era a hora de a gente dizer quem está disposto a jogar mais sério com o Brasil. Nós não queremos apenas ser compradores de produtos fabricados lá fora. Nós queremos ter, neste país, a capacidade de termos um parque de semicondutores para que a gente possa, através da microeletrônica, se transformar numa nação tão importante quanto eles já são. E nós só iremos fazer isso se tivermos sabedoria de aproveitar o momento político para



negociar, e estamos conversando. O Brasil está sendo procurado, todo dia alguém quer que o Brasil visite um país, uma fábrica, e com muita humildade, com muita tranqüilidade, sem bravata, nós vamos ter que medir cada passo para que o que a gente faça traga resultado benéfico para o Brasil daqui a cinco anos, dez anos, 15 anos ou 20 anos. Isso você só faz quando tem força política, e a força política você só constrói se tiver autoridade moral, se você se respeitar e, sem desrespeitar os outros, respeitar a si mesmo em primeiro lugar.

Eu acho que o momento que estamos vivendo, de política externa, é glorioso. Alguns saudosistas não gostam. “Ah, porque tem gente que acha que nós precisamos pedir licença aos outros todo dia, nós não podemos fazer nada sozinhos, porque a nossa balança comercial está crescendo, porque a economia mundial está crescendo”. Todo o resultado da nossa balança comercial, pega o mapa das nossas viagens e veja que a balança comercial brasileira cresce muito acima da média da balança comercial mundial, cresce junto aos países pobres, cresce para os Estados Unidos, e cresce com a União Européia, mas ela cresce para o Oriente Médio. Como nós fomos ao Oriente Médio e fizemos uma Feira que custou 500 mil dólares, não faltaram críticas, neste país, de que estávamos gastando 500 mil dólares para fazer uma Feira. Ninguém perguntou quanto nós ganhamos depois daquela feira, porque não interessam os bons acontecimentos.

A dificuldade de fazer relação com a Argentina, a descrença na América do Sul, algumas pessoas diziam: “ah, é tudo pobre, pobre com pobre só dá miséria, pobre com pobre não dá nada”. E as pessoas se esquecem de que cada país tem um potencial, cada país tem alguma coisa para vender ou para comprar, por melhor que seja um país. E um país que quer ter liderança tem que exercer esse papel, sem hegemonismo, mas esse papel de construir parcerias.

Daí porque era necessário melhorar as pessoas, a situação do



Itamaraty, era preciso contratar mais gente, era preciso abrir mais embaixadas, era preciso colocar mais funcionários. Ah, isso custa caro. Custa, é verdade que custa. Mas no Brasil, de vez em quando, nós temos que perguntar não o quanto custa fazer, o quanto custa não fazer as coisas neste país; quanto custou a este país não fazer a reforma agrária na década de 50; quanto custou a este país não acabar com o analfabetismo na década de 50. Tem gente que fala: “nossa, mas esse pessoal vai investir na embaixada, isso é gastar dinheiro; vai mandar um diplomata para tal lugar, vai gastar dinheiro”. É sempre assim que funcionam as coisas no Brasil. Nós estamos sempre nivelando por baixo, estamos sempre apostando na desgraça, estamos sempre apostando na miséria. É como se você preparasse toda a família para sair no domingo, ir para um lugar bonito, passar um domingo numa cachoeira, e chegasse um vizinho: “o carro vai quebrar”. No Brasil é assim, o cara não te dá o direito de ser feliz.

Então, eu quero dizer para vocês, que estão entrando hoje, eu estou gratificado com a política externa do nosso país. Nós nunca desrespeitamos nenhum chefe de Estado. Às vezes, eu fico cansado e brigo muito com o Celso, com o Marco Aurélio e com o Samuel, porque todo ministro que vem aqui, eles querem que eu tome um cafezinho. Às vezes, eu falo: eu vou virar diplomata, eu vou ficar só atendendo as pessoas. Aí eles não me querem, querem o Presidente, mas eu estou orgulhoso. Eu estou orgulhoso porque eu sinto na cara das pessoas, eu sinto na conversa com as pessoas o quanto o Brasil consolidou de respeitabilidade lá fora. E eles sabem que nós vamos lá para dizer o que é preciso dizer.

Eu não ia fazer mais nenhuma viagem internacional até o final do ano. Não ia, eu ia ficar por aqui, porque tem coisa que vai acontecer por aqui, eu queria ficar por aqui. Mas, de qualquer forma, eu não vou resistir a duas viagens que eu tenho que fazer. Uma delas é a Viena, porque eu estou convencido de que esgotou o limite técnico para fazer a grande Rodada de



Doha. Acabou, não tem mais debate técnico, agora tem que ser decisão política, e decisão política tem que ser tomada pelos presidentes dos países e pelos primeiros-ministros. Tenho provocado desde dezembro – tenho telefonado para o presidente Bush, para o Tony Blair, para a Alemanha, para a França – tenho provocado eles. Não vamos nos esconder atrás dos nossos ministros de Relações Exteriores. Não vamos nos esconder atrás dos negociadores da União Européia. Vamos colocar a nossa cara, para saber quem é que quer fazer um mundo mais justo, sem terrorismo, o que não acontecerá se não diminuirmos a miséria que está estabelecida na maioria da Humanidade.

E vou a Viena para cobrar isso. E já fui convidado para o G-8, em julho. Também vou lá para o G-8 para cobrar isso. Eles têm que saber que a decisão agora é política, não é mais técnica. A França não abre mão do subsídio, não é por uma questão econômica, que não representa muito para a França, é por uma questão eminentemente política e política eleitoral interna, ainda. Então, eu vou fazer mais essas duas viagens para que a gente possa ver se consegue mudar.

Quero dizer para vocês que esse orgulho será muito maior se, depois que formos embora, tiver valido a pena fazer o que fizemos, porque eu fui muito a embaixadas antes de ser Presidente. Como eu perdi muitas eleições e eu viajava muito o mundo... O Marco Aurélio era o viajante comigo, e o Itamaraty sempre nos tratou muito bem, viu, Celso? Sempre. Não tenho queixa de nenhum... de ninguém. A gente via a desmotivação das embaixadas. Uma vez, eu fui perguntar a um embaixador porque o Brasil tinha aceitado a caída do Bustani. Ele representava o órgão lá, que o Brasil não dava dinheiro, não sei. Bom, mas ele tinha sido eleito. Eu fui perguntar para um colega dele porque o Brasil não tinha reagido. Ele falou assim para mim: “os Estados Unidos queriam, Presidente”. Ora, os Estados Unidos queriam, mas nós não queríamos. Ora, se um presidente da República ou ministro das Relações



Exteriores cede para um país tirar um cidadão nosso, eleito democraticamente pelo fórum, porque isso interessa àquele país... E o Bustani estava certo: não tinha arma química no Iraque. Ele estava certo.

Eu quero dizer para vocês apenas o seguinte, o único conselho que eu posso dar a vocês, e eu vou dar: ninguém na face da Terra, nem a mãe de vocês, nem o pai de vocês respeitarão vocês se vocês não se respeitarem. Toda vez que vocês estiverem em uma mesa de negociação, lembrem-se de que o interlocutor do outro lado só irá respeitá-los se ele perceber que vocês estão de cabeça erguida, que vocês não estão dispostos a ceder por ameaça, por grito ou por truculência. Se eles perceberem que vocês estão de cabeça erguida, se eles perceberem que vocês estão cheios de razão, que conhecem o que estão discutindo, que estão defendendo a Nação de vocês e que preferem não fazer acordo a ceder, como já cederam muitas vezes neste país, podem ficar certos de que o futuro de vocês será tão brilhante quanto o futuro dos diplomatas que vocês aqui homenagearam.

Muito obrigado, boa sorte a todos vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega da Carta das Responsabilidades “Vamos Cuidar do Brasil”, no âmbito da II Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente**

**Palácio do Planalto, 27 de abril de 2006**

Minha querida companheira Marina,  
Meu querido companheiro Fernando Haddad,  
Meu querido companheiro Gilberto Gil,  
Meu caro companheiro deputado João Caldas,  
Meus queridos companheiros e companheiras professores e professoras, educadores e educadoras aqui,  
Meus queridos jovens delegados e delegadas desta II Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente,

Eu fico imaginando o futuro do nosso Brasil, a partir de algumas coisas que nós vimos, de algumas coisas que a gente percebe que estão acontecendo no nosso território, porque houve um tempo em que um político falar que juventude era o futuro da Nação era uma coisa tão piegas, que ninguém fala mais. Até porque é o óbvio.

Mas, qual é a novidade que nós estamos percebendo? Eu fico imaginando, Marina, na minha geração, quando eu tinha... não vou nem falar 10 anos, mas 16, 17 anos, as palavras “mudanças climáticas, biodiversidade, segurança alimentar e nutricional e diversidade étnico-racial”, e outras como “cuidar do nosso ecossistema”, essas palavras já existiam, mas nós não tínhamos nenhum minuto de discussão, durante toda a nossa vida.

Aliás, não faz muito tempo, no Brasil, falar de meio ambiente, eram muito poucos os que falavam, e quem falava, muitas vezes, ainda era



achincalhado. Não faz muito tempo, faz pouco mais de 20 anos, o Chico Mendes, de quem vocês já ouviram falar, antes de dar no New York Times, ele era um dirigente sindical que fazia ocupações de terras, invasões de terras. Depois que ele foi vitimado e começou a dar no New York Times, uma parte dos brasileiros começou a se dar conta de que o Chico Mendes era muito mais que um dirigente sindical. Ele era um cidadão pobre, que descobriu que a única chance que tinha de sobrevivência era a preservação da mata da região em que ele morava. Era aquela árvore da qual ele tirava a seiva que produzia os ganhos para a sua família, era daquela árvore que ele tirava as coisas para as suas crianças comerem.

Mas, enquanto não deu no New York Times, ele era considerado uma *persona non grata*. Tanto é que o mataram, porque ele tentava mostrar para as pessoas que não precisava desmatar, que poderia se ganhar um pouco de dinheiro, utilizar a mata como uma fonte de ganhar o seu próprio dinheiro, estabelecer uma convivência entre a necessidade de trabalhar e o meio ambiente.

Bem, de lá para cá, já faz 20 anos, não é, Marina? É, 17 anos. E surgiram vocês. A maioria de vocês nem existia, se existissem, pela fisionomia de vocês, eram todos muito jovens e que, portanto, ainda não estavam preocupados em saber se o Chico Mendes era o que eu estou falando aqui ou o que ele foi. Mas vejam o que estou falando: eram muito jovens e não estavam preocupados. Mas eu estou vendo que aqui tem gente que era mais nova que vocês quando mataram o Chico Mendes e já está preocupada com o tema Meio Ambiente. E uma coisa extremamente interessante é que vocês são ou fazem parte de uma geração que vai poder dar seqüência ao trabalho que os mais velhos que vocês começaram a fazer. E, sobretudo, quando a gente envolve a criança e o adolescente, a gente tem mais possibilidade de convencer outras pessoas a se cuidarem e a cuidarem do seu meio ambiente.



Não faz muito tempo, eu tive uma discussão com os companheiros do Ministério da Saúde e da Anvisa. Discuti-se a questão do plano da Farmácia Popular, que nós lançamos, de dar remédio para as pessoas de mais idade e que têm problema de hipertensão e problema de diabetes. E eu dizia que o sucesso de um Programa desses se daria se a gente convencesse os adolescentes e as crianças a convencerem o seu pai e a sua mãe, o seu avô e a sua avó, a não ficar sentado num sofá o tempo inteiro, vendo televisão, vendo qualquer coisa. Porque se a mulher chamar o marido para andar, o marido vai achar ruim; se o marido chamar a mulher para andar, a mulher vai achar ruim. Agora, se o neto ou uma criança pedir para um pai se cuidar melhor, podem ficar certos de que isso vale mais que o diagnóstico do médico, vale mais.

E quando vocês fazem a Segunda Conferência, se propondo a criar neste país uma consciência de cuidar do nosso país, de discutir com os pais de vocês, porque eles não têm a formação de vocês. Essa palavra reciclagem de lixo é uma coisa muito complicada, é preciso dizer o que é reciclagem, é preciso brigar todo santo dia até que as pessoas se eduquem para saber que, ao reciclar, fica melhor para todo mundo, fica mais higiênico, pode-se ganhar dinheiro. Nós estamos ajudando muitas cooperativas de catadores de papel. Antigamente catador de papel era uma coisa, você via na cidade uma pessoa que catava papel, você nem se aproximava, porque era um estranho, hoje não. Hoje é um parceiro que conseguiu criar uma consciência que, viver de catar papel, de catar garrafa, é tão dignificante quanto viver com qualquer outra profissão, porque está vivendo honestamente e está prestando serviços à sociedade, ao Estado e a ele próprio, ele está cuidando da sua cidade e do seu estado.

Esta Segunda Conferência e este documento que vocês entregaram a nós aqui é a certeza de que o Brasil não jogará fora a oportunidade de ser uma grande nação no século XXI. Hoje, Marina, eu discutia com algumas pessoas,



you are reminded of the conversation I had with President Bush about the issue of bioenergy. I, some time ago, convinced myself that Brazil will be the world's largest source of alternative energy, that Brazil does not need to be worried about inventing things that it cannot do. It can do them by using energy from things. I went to inaugurate a wind power plant in Rio Grande do Sul, I have traveled Brazil inaugurating small power plants of biodiesel, because there is a combination between environmental preservation, the generation of jobs for the small producer and the development of the country.

We, now, are already using the rice husk, the sugarcane bagasse, or rather, it will come a time when, when oil no longer exists – and all of us are happy because Petrobras has reached self-sufficiency – but the day when oil no longer exists, certainly Brazil will be the world's largest exporter of biofuel, because no one can compete with us in this area.

You, with the disposition of you, with this smile on your face, it is not possible that in a city the people throw trash five kilometers from the center of the city. You pass on the road, there is that pile of trash, it is hospital trash, it is everything. When, in reality, it would be simpler to take care of separating that little bit and trying to see what is the destination, who knows industrialize and the people will earn some money working.

So, Marina, I am going to São Paulo today, because Monday is the day of the parents of you, it is the Day of the Worker, and I am going today because tomorrow I have a Fair of the Caixa Econômica Federal and I have an activity there in São Bernardo, but I cannot finish my week better.

You know that here in front of the Palace, every day, there is always someone claiming, someone complaining, someone asking. You did not come to complain, you did not come to ask, you came to offer, you came to say: the State has an obligation, the Union has an obligation, the municipality has an obligation, but we, young people, adolescents and children of this country, that we participate in the 2<sup>a</sup>



Conferência, viemos dizer à Ministra do Meio Ambiente, ao Ministro da Educação e ao Presidente da República “nós não viemos dizer para vocês fazerem. Nós viemos dizer que nós queremos que vocês façam, mas nós estamos dizendo como fazer e queremos fazer junto com vocês”.

Muito obrigado, de coração. Aquela menininha do Amapá que veio me falar, ela me abraçou com lágrimas nos olhos e falou “estou emocionada”, chorando. Do Amazonas? Ah, o menino é que é do Amapá, mas ele fala que nem carioca, o jeito dele é... Então ela veio falar comigo com lágrimas nos olhos e falou “estou emocionada” e eu fui obrigado a virar o rosto, porque se eu fico olhando para ela, eu iria chorar.

Então, meus parabéns, que Deus abençoe cada um de vocês, muito. Muito juízo no retorno para casa, muito cuidado e quero dizer para vocês que eu tenho certeza, depois deste gesto de vocês, que o Brasil, definitivamente, não será mais o mesmo. Até.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de inauguração do centro de distribuição das Casas Bahia**

**São Paulo-SP, 28 de abril de 2006**

Meu caro Samuel Klein, presidente das Casas Bahia,  
Meu caro Luiz Marinho, ministro do Trabalho,  
Meu caro Aloizio Mercadante, senador,  
Meu caro prefeito William Dib,  
Prefeitos das cidades do ABC,  
Deputados federais,  
Deputados estaduais,  
Empresários,  
Trabalhadores,  
Jornalistas,  
Meu caro Samuel,  
Minha querida companheira Marisa,

Eu acredito que as Casas Bahia sejam um exemplo a ser seguido por muita gente que trabalha no comércio neste país. No Brasil, uma vez, fazendo um encontro com a Febraban, eu descobri, e daí surgiu o crédito consignado, que o problema do financiamento no Brasil era a falta de confiança de que as pessoas iriam pagar corretamente. E ainda hoje persiste, e os poucos que têm crédito pagam os juros daqueles que não têm crédito.

Eu descobri naquela reunião da Febraban que era preciso criar mecanismos para que a gente pudesse fazer com que o povo brasileiro tivesse crédito. E fiquei pensando como é que as Casas Bahia davam crédito para a parte mais pobre da população, muitas vezes sem fazer 10% das exigências que normalmente se faz para vender uma coisa a crédito, e conseguiu crescer



o tanto que cresceu, e ter a pouca inadimplência que teve.

Os números demonstram que, se tem um segmento que paga as coisas corretamente, é a parte mais pobre da população. Muitas vezes, quando alguém assina um talão de prestação nas Casas Bahia, o único patrimônio que aquela pessoa tem é o seu caráter, é o seu próprio nome. Então, pagar, para ela, é quase que coisa sagrada, porque as pessoas gostam de ter o nome limpo na praça. Sabe uma coisa muito usada no meio da parte mais pobre da população? Eles gostam de ter o nome limpo na praça.

Você quer ver uma pessoa humilde ficar irritada e perder o sono, é saber que o nome dela está sujo. Pois bem, com base nessa filosofia de as Casas Bahia acreditarem na parte mais pobre da população, e não só hoje, mas no começo era muito forte, e ainda é o público predominante das Casas Bahia, nós criamos o crédito consignado. Tentando criar as condições de fazer com que as pessoas, mesmo que ganhem 500, 600, 700 reais, pudessem chegar em um banco, tomar um empréstimo para pagar em 24, em 12 ou em 36 meses e poder comprar as coisas que às vezes não podiam comprar ou, às vezes, até fazer a viagem que não podiam fazer.

Vocês sabem que em algumas áreas, quando as pessoas discutem muito, as pessoas não acreditam nisso, muitas vezes as pessoas são descrentes de que essas coisas possam dar certo. E hoje a imprensa reconhece, acredito que os empresários que trabalham no comércio reconhecem que o crédito consignado colocou, em pouco tempo, 34 bilhões de reais no consumo. Obviamente que a parte mais pobre da população, quando pega 1000 reais emprestados, não vai comprar dólar para guardar ou não vai emprestar a juros. A pessoa vai comprar uma roupa, uma camisa, um sapato, uma televisão, um rádio. E quanto mais tempo a gente der de prestação, e quanto mais barata for a prestação, mais as pessoas vão poder comprar porque no meio da parte mais pobre da população, eles não têm a preocupação se vai custar cinco ou seis a mais, eles querem saber se podem



pagar uma prestação, eles querem saber se é possível dividir e conseguir pagar um pouquinho a cada mês.

As Casas Bahia descobriram esse filé e se transformaram nessa empresa extraordinária que é. A segunda coisa que eu acho importante, meu caro Samuel Klein, é que quando nós pensamos em fazer a política de transferência de renda com base no programa Bolsa Família, e parece pouco, mas são nove milhões de famílias que recebem um pouquinho de dinheiro por mês para comprar o que comer. E, certamente, na grande São Paulo, em Minas Gerais, onde você tem as Casas Bahia, as pessoas pegam um pouquinho desse dinheiro para vir comprar alguma coisa que não seja comida.

O que está acontecendo nesse momento? Nesse momento, eu posso dizer na frente dos trabalhadores, dos empresários e, sobretudo, na frente de um homem bem-sucedido como o Samuel Klein e sua família – que acreditou no povo pobre deste país, que criou crédito para o povo pobre deste país, que não olhava se a pessoa estava de terno e gravata ou de chinelo para fazer uma compra, que não olhava a cor da roupa das pessoas, que não olhava a origem das pessoas – que as Casas Bahia demonstraram claramente que basta acreditar na sociedade brasileira para que as coisas dêem certo e basta a gente ter uma política correta para o público correto que não há jeito de errar.

Hoje eu estou convencido, e posso lhe dizer, Samuel – até porque o senhor é alguns poucos anos mais velho do que eu e, portanto, a minha relação de respeito com uma pessoa mais idosa do que eu e com uma criança é muito maior – que o Brasil finalmente, eu posso dizer olhando para a cara dos deputados, dos empresários, que o Brasil finalmente encontrou o seu rumo. Hoje eu posso dizer a vocês que o Brasil entrou num ciclo de crescimento duradouro, sustentável e que isso vai durar muitos e muitos anos.

A combinação de uma seriedade de política fiscal, de um rígido controle da inflação, com uma correta política de distribuição de renda é algo que pode garantir a qualquer país do mundo dar certo.



A combinação de uma política macroeconômica responsável com seriedade, sem invenção de mágica nenhuma na economia, apenas fazendo o que tem que fazer, demonstra que valeu a pena fazer o sacrifício que nós fizemos no começo.

Alguns exemplos. Eu fui um dirigente sindical razoavelmente importante neste país, Maluf era governador aqui em São Paulo, fizemos as maiores greves aqui nesta cidade e a gente quase nunca conseguia ter aumento real de salário. Normalmente, naquele tempo a inflação era muito alta, a gente reivindicava 83% de aumento, 90% de aumento, 120% de aumento e quando voltava a trabalhar, com 50%, a gente achava que era uma vitória, embora soubéssemos que estávamos recebendo apenas metade daquilo que a inflação tinha comido do nosso salário.

Pois bem, meu caro Samuel, nesses dois últimos anos 90% dos sindicatos que fizeram um acordo de salário, fizeram acordo tendo aumento real no seu salário, tendo ganhos concretos de aumento de salário. E aqui, sabem as pessoas, há muito tempo não existia isso no Brasil, há muito e muito tempo. E eu digo porque lutei muito para ter e não conseguimos. Hoje, sindicatos como o dos metalúrgicos fizeram acordo para dois anos, para três anos, até 2008.

Pois bem, não é apenas isso. Há quanto tempo o salário mínimo não tinha aumento real? Só para o senhor ter uma idéia, no começo de 2003 um salário comprava uma cesta básica. Hoje, um salário mínimo compra duas cestas básicas. Só para o senhor ter uma idéia de como as coisas evoluem, quando nós aprovamos o Estatuto do Idoso, nós colocamos três milhões a mais de pessoas virando consumidores neste país.

A Caixa Econômica fez uma inclusão bancária que colocou mais seis milhões de pessoas como cidadãos. Eu me lembro do depoimento de uma senhora catadora de papel, quando ela conseguiu abrir uma conta na Caixa. Eu, que sempre tive direito de ter uma conta no banco, não tinha dimensão. Ela



falou para mim: “Presidente, pela primeira vez eu estou me sentindo gente, tenho uma conta bancária e um talão de cheques.”

Essas coisas todas, meu caro Samuel Klein, confirmam aquilo que a imprensa tem divulgado, aquilo que os especialistas têm falado: a economia brasileira está sólida, pela primeira vez nós estamos crescendo as exportações e as importações ao mesmo tempo. O Brasil sempre teve dúvida, nos melhores momentos, quando a gente crescia 10% a gente decidia, de vez em quando, exportar muito e importar nada, depois a gente decidia importar tudo e não exportar nada e a gente passou vários anos, em vários governos correndo atrás de dinheiro para fechar a conta no final do ano.

Hoje, nós temos um superávit comercial muito sólido, temos um superávit de conta corrente muito sólido, temos uma economia que está garantida e sobretudo, uma inflação baixa. Portanto, meu caro Samuel, se as Casas Bahia chegaram a ser o que são antes, eu fico imaginando o que serão as Casas Bahia a partir de agora, quando o povo tem mais dinheiro, quando o povo tem mais crédito e quando o povo está tendo acesso àquilo que é sagrado para cada um de nós, que é um pouquinho de dinheiro para comprar as coisas que nós precisamos.

Eu queria lhe dizer que as Casas Bahia podem e devem continuar sendo um exemplo, sobretudo na relação que as Casas Bahia mantêm com seus funcionários. Muita gente poderia dar o que o senhor dá, muita gente poderia dar uma cesta básica de 25 quilos para os funcionários, muita gente poderia pagar um pouquinho a mais. É que no Brasil, ainda, nem todo mundo evoluiu a ponto de compreender que a transferência de renda é a melhor forma que a gente tem para fazer o país crescer. E nós estamos provando isso porque aqui, na minha geração e aqui todos são da minha geração, uns muito mais novos, nós passamos uma década ouvindo dizer: “é preciso primeiro a economia crescer para depois distribuir, é preciso o bolo crescer para distribuir”. Nós estamos provando que é possível distribuir e fazer o bolo crescer ao mesmo



tempo. Se nós somos um país capitalista, nós não podemos negar que a parte mais pobre da população tenha acesso àquilo que é sagrado para ela, que é dinheiro para fazer os seus negócios.

Quando nós saímos, dr. Samuel Klein, de 2 bilhões e 400 milhões de reais de financiamento da agricultura familiar e passamos para 9 bilhões de reais, nós sabíamos que isso resultaria no crescimento do emprego no campo e na cidade, nós sabíamos que isso resultaria numa política de distribuição de renda, e o que nós estamos colhendo hoje é aquilo que nós plantamos. Nós plantamos a possibilidade de este país ser uma grande nação, de forma mais justa, de forma mais equânime, permitir que a sociedade possa, com muita tranqüilidade, sobreviver às custas do seu trabalho.

Por isso eu não poderia deixar de vir aqui. Primeiro, a disposição e a vontade de conhecê-lo pessoalmente, já que São Caetano era muito longe, eu falei: bom, vou deixar para fazer em São Bernardo, porque perto de casa fica mais fácil fazer uma visita. Não foram poucas as vezes que a Marisa me convidou para ir com ela às Casas Bahia comprar, porque ela adora fazer uma prestaçõzinha, comprar umas coisas, para pagar em não sei quantos meses.

Então, eu quero dizer que é uma alegria estar aqui, é uma alegria ver o sucesso de uma empresa como esta, é uma alegria saber que a sua preferência pela parte mais pobre da população deu uma dimensão a todos nós, para que nós enxerguemos esse lado da sociedade, que tem vontade de ter tudo aquilo que a outra parte tem, e que muitas vezes não teve a oportunidade de ter, e nós estamos tentando dizer a essa gente que ela não apenas pode ter como vai ter.

Eu tenho andado pelo Brasil e sei que nós estamos em um ano delicado porque ano de eleição no Brasil é sempre delicado. Deveria não ser, mas é sempre delicado. Se saísse na imprensa 5% de notícias boas do que sai das ruins, certamente seria muito melhor ainda para o Brasil, porque muitas vezes no Brasil nós somos por demais pessimistas. Tem dias em que abro o jornal e



tenho vontade de não sair de casa, porque a impressão que eu tenho é que o país acabou. Quando eu era oposição era a mesma coisa, eu via análises de conjuntura, Afif, e eu falava: acabou. Porque eu vou ser candidato, se o país acabou?

Este país é muito grande, este país tem um povo extraordinário, este país tem um conjunto de empresários otimistas, mas também tem pessimistas, tem gente que só faz política no dia do Copom. O Copom se reuniu, no dia – desde o movimento sindical até os empresários é o mesmo discurso – é só estampar ali, parece um boletim. Quando, na verdade, o fato concreto é que as coisas vêm acontecendo. Peguem o que diziam da economia no começo do ano, analisem as manchetes de jornais, analisem o que diziam alguns especialistas no começo do ano e peguem agora o que esses mesmos estão dizendo.

Eu sou daqueles que, ao invés de ficar tentando adivinhar o que vai acontecer, eu prefiro trabalhar para que aconteça. E estou convencido de que vai acontecer neste país, dr. Samuel, o mesmo que aconteceu nas Casas Bahia.

Agora mesmo começou um discurso que de vez em quando eu vejo na imprensa, eu deito no travesseiro e fico meditando, agora é o choque de gestão. No Brasil, de vez em quando, aparece uma palavra de moda. Sabe por que isso? Porque no Brasil cuidar de pobre é gasto, quando na verdade cuidar de pobre deveria ser o maior investimento que o Estado pode fazer, cuidar das pessoas necessitadas.

Vejam vocês uma coisa, por que quando nós emprestamos dinheiro para um grande empreendimento, a gente trata aquilo como um investimento? E quando a gente cria o ProUni e dá 204 mil bolsas de estudos para pobre estudar, da periferia, é tido como gasto? Porque aumentar 1,5% o salário dos trabalhadores aposentados é tratado por alguns setores como se fosse gasto?



Então, é preciso mudar um pouco a forma conceitual com que se trata as coisas neste país. O senhor fez, teve resultado e disse agora há pouco para mim: “eu gostaria que o Brasil fosse que nem as Casas Bahia, todo mundo feliz.” O senhor fez isso porque acreditou na parte pobre da população. E eu quero lhe dizer, dr. Samuel, que na minha cabeça cada centavo que a gente gastar com pobre, cada centavo... uma parte das pessoas que estão aqui não precisa nem do seu crédito e nem tampouco de programas sociais. Já conquistou essa parte, já conquistou a cidadania, já consegue entrar numa piscina e nadar cem metros. Não pode jogar bola porque vai se machucar, mas tem asas para voar, já saiu do ninho, já está voando. Mas nós temos que olhar é aquela parte que ainda não teve condições de voar.

Então, eu quero lhe dizer que, embora não seja presidente das Casas Bahia, seja presidente do Brasil, a minha concepção de tratamento deste país é a concepção que o senhor teve de estabelecer, a sua parceria com a parte pobre da população.

Eu digo sempre o seguinte: quando todo mundo tem um pouco, você está fazendo distribuição de renda; quando apenas poucos têm muito, você está fazendo concentração de renda. Eu não sei quem é que se sente feliz morando numa casa luxuosa e vendo, do seu lado, uma pessoa morando de forma paupérrima. Eu não sei qual é o masoquismo que permite às pessoas não sentirem a sensibilidade de que nós temos que mudar essa situação.

Portanto, meu caro Samuel, é um prazer, um enorme prazer estar hoje aqui neste monumento, um monumento extraordinário que demonstra apenas o seguinte: as Casas Bahia escolheram a região certa, escolheram o público certo e escolheram o jeito certo. Na medida em que fez tudo certo, o senhor está colhendo o que plantou. E eu tenho certeza que por tudo que o senhor me falou, a colheita é muito boa, não tem intempéries, não tem chuva, não tem sol, ou seja, é só o povo poder fazer uma prestaçõzinha, as Casas Bahia estarão à sua porta.



Meus parabéns, boa sorte, e que Deus continue ajudando, que tenha o sucesso que conseguiu até agora.